



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS DE BRASÍLIA-DF
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

NATÁLIA ACIOLY DE SIQUEIRA

**UM PASSO À FRENTES E VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS NO
MESMO LUGAR, NO PASSO DO FREVO A CRIANÇA VAI
BRINCAR: uma proposta pedagógica para o ensino do
Frevo na Educação Infantil**

Brasília - DF

2024



NATÁLIA ACIOLY DE SIQUEIRA

**UM PASSO À FRENTES E VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS NO MESMO
LUGAR, NO PASSO DO FREVO A CRIANÇA VAI BRINCAR: uma
proposta pedagógica para o ensino do Frevo na Educação Infantil**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física - ProEF da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação Física.

Área de habilitação: Mestrado Profissional em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo.

Brasília- DF

2024



NATÁLIA ACIOLY DE SIQUEIRA

**UM PASSO À FRENTES E VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS NO MESMO
LUGAR, NO PASSO DO FREVO A CRIANÇA VAI BRINCAR: uma
proposta pedagógica para o ensino do Frevo na Educação Infantil**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física - PROEF da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação Física.

Área de habilitação: Mestrado Profissional em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo.

Data da defesa: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo
(Orientador)
SEEDF/FEF-UNB

Membro Titular: Nome e título
Universidade

Membro Titular: Nome e título
Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação Física- UnB

AGRADECIMENTOS

*Pelas vezes em que pude aprender
as lições que nenhuma escola ensina.
Pelas curas sem usar de medicina,
pelo pão que me deram pra comer.
Pelas vezes em que, mesmo sem saber,
fui guiado seguindo seus sinais,
enfrentando meus medos mais brutais
com o escudo do metal da proteção.
Vou pintar com a cor da gratidão
os cabelos prateados dos meus pais.*

*Pelas aulas de vida que ganhei
de quem mais entendia da matéria.
Por aquela “cara feia”, firme, séria
que eu vi quase sempre que errei.
Pelos sonhos que já realizei,
inclusive os mais loucos, irreais,
impossíveis, talvez irracionais,
aprendi a voar de pés no chão.
Vou pintar com a cor da gratidão
os cabelos prateados dos meus pais.*

*Pelas vezes em que não me senti só
mesmo estando só eu e minha dor.
Nessas horas eu sentia esse amor
me abraçando e apertando feito nó.
De repente essa dor virava pó
e as feridas que pra mim eram fatais
como um corte feito por vários punhais
Um abraço se transformava em arranhão.
Vou pintar com a cor da gratidão
os cabelos prateados dos meus pais.*

*Quando o tempo feroz acelerar
desviando da nossa juventude,
não há nada a fazer para que mude,
não há freio no mundo pra frear.
O ponteiro insiste em não parar,
pro relógio todos nós somos iguais.
Pai e mãe são eternos, mas mortais,
é saudade que se torna oração.*

*Vou pintar com a cor da gratidão
os cabelos prateados dos meus pais.*

*Feliz de quem aprendeu
e hoje pode ensinar.
É correr sem esquecer
quem lhe ensinou a andar.
Feliz de quem dá amor
pra quem só fez lhe amar.*

*Feliz de quem pode ter
companheiros tão leais.
Feliz de quem agradece
com sentimentos iguais.
Feliz do filho que vira,
um dia, pai de seus pais.*

Bráulio Bessa

RESUMO

Esta dissertação é o resultado da pesquisa desenvolvida ao longo do curso de Mestrado Profissional em Educação Física Escolar em Rede Nacional (ProEF) em rede nacional, tendo sede na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e com polo na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF/UnB). Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, sendo composta por uma revisão bibliográfica e documental e uma pesquisa de campo, fundamentada no método da pesquisa-ação. Situando a experimentação de uma proposta pedagógica do ensino do Frevo no contexto da Educação Física na Educação Infantil, tendo por base teórica a Pedagogia Crítico-Superadora e alicerçada na Pedagogia Histórico-Crítica, este trabalho teve como problema de pesquisa: a partir das referências que as crianças têm em relação à dança popular, quais seriam as potencialidades, os limites e as possibilidades de uma proposta pedagógica para o ensino do Frevo no contexto de Educação Física na Educação Infantil em uma escola pública do Distrito Federal? Desta forma, este problema foi objeto de investigação a partir da realidade da rede pública de ensino do Distrito Federal, sendo o território de pesquisa um Centro de Educação Infantil, localizado na Região Administrativa de São Sebastião, Brasília, Distrito Federal, com uma turma do 2º período (5 e 6 anos). Os resultados mostraram uma apropriação de forma espiralada do conhecimento relativo ao Frevo, considerando as falas e expressões das crianças durante o desenvolvimento da proposta pedagógica em comparação ao momento inicial, com destaque para o trabalho interdisciplinar. Como limites desta proposta pedagógica foram identificados fatores religiosos alegados por parte de algumas famílias como negativa de participação de algumas crianças na pesquisa, devido ao fato de o Frevo se tratar de uma dança popular comumente relacionada ao carnaval.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Infantil; cultura popular; dança popular; Frevo.

ABSTRACT

This dissertation is the result of research developed during the Professional Master's degree in School Physical Education on a National Network (ProEF) on a national network, based at the Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) and with a center at the Faculty of Physical Education of the University of Brasília (FEF/UnB). This is a qualitative research study, consisting of a bibliographical and documentary review and field research, based on the action research method. Situating the experimentation of a pedagogical proposal for teaching Frevo in the context of Physical Education in Early Childhood Education, having as its theoretical basis the Critical-Overcoming Pedagogy and based on Historical-Critical Pedagogy, this work had the research problem: based on the references that children have in relation to popular dance what would be the potential, between limits and possibilities, of a pedagogical proposal for teaching Frevo in the context of Physical Education in Early Childhood Education in a public school in Federal District? In this way, this problem was the object of investigation based on the reality of the public education network in the Federal District, with the research territory being an Early Childhood Education Center, located in the city of São Sebastião, Brasília, Federal District, with a class of the 2nd period (5 and 6 years). The results showed a spiral appropriation of knowledge related to Frevo, considering the children's speeches and expressions during the development of the pedagogical proposal compared to the initial moment. With emphasis on interdisciplinary work and as limits of this pedagogical proposal, alleged religious factors were identified by some families as a refusal of some children to participate in the research, as Frevo is a popular dance commonly related to carnival.

Keywords: physical education, early childhood education, popular culture, popular dance, frevo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organização Curricular para a Educação Infantil no Distrito Federal	29
Figura 2 - Orquestra de Frevo, Carnaval de Olinda	49
Figura 3 - Bloco da Saudade	49
Figura 4 - Intérprete Claudionor Germano	50
Figura 5 - Diógena Carla, passista da Escola Municipal de Frevo	51
Figura 6 - Carnaval do Recife, 1940. Estandarte do Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas	52
Figura 7 - Troça carnavalesca independente “Nóis Sofre mais nós goza”, no Pátio de São Pedro	53
Figura 8 - Retratos do Frevo	54
Figura 9 - Passistas na Praça da Independência no carnaval do Recife	55
Figura 10 - Região Administrativa de São Sebastião – DF	57
Figura 11 - Principais estados de nascimento das pessoas que vieram de fora do DF, São Sebastião, 2021	58
Figura 12 - Origem regional das famílias atendidas pelo CEI	60
Figura 13 - RA de moradia das famílias atendidas pelo CEI	60
Figura 14 - Perfil econômico das famílias atendidas pelo CEI	61
Figura 15 - “TV Mamulengo” - cenário lúdico para as entrevistas com as crianças	67
Figura 16 - Mapa de pesquisa	70
Figura 17 - Desenhos feitos pelas crianças no primeiro momento da proposta pedagógica	74
Figura 18 - Momento 2 - Evoé! FrevoÉ! Mas é o quê?	76
Figura 19 - Momento 2 - Evoé! FrevoÉ! Mas é o quê?	77
Figura 20 - Momento 2 - Evoé! FrevoÉ! Mas é o quê? Entrevista na TV Mamulengo	
78	
Figura 21 - Momento 2 - Evoé! FrevoÉ! Mas é o quê? Entrevista na TV Mamulengo	
79	
Figura 22 - Momento 3 - “Olha que eu conheço essa cara”- Elementos estéticos do Frevo - Oficina de confecção da sombrinha com materiais alternativos	81
Figura 23 - Momento 3 - “Olha que eu conheço essa cara” - Elementos estéticos do Frevo - A sombrinha - Oficina de confecção da sombrinha com materiais alternativos	
82	

Figura 24 - Momento 3 - “Olha que eu conheço essa cara” - Elementos estéticos do Frevo - A sombrinha -. Entrevista na TV Mamulengo	83
Figura 25 - Momento 4 - O Frevo não convida, arrasta! Vem!	84
Figura 26 - Momento 4 - O Frevo não convida, arrasta! Vem!	85
Figura 27 - Obras de Romero Britto: “Frevo” e “O abraço”	86
Figura 28 - Momento 5 - Frevo em toda parte - A arte de Romero Britto	87
Figura 29 - Momento 5 - Frevo em toda parte - A arte de Romero Britto	88
Figura 30 - Momento 6 - Culminância – Apresentação	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas de organização do processo investigativo da pesquisa	64
Quadro 2 - Momentos da Proposta Pedagógica	71

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANFOPE	Associação Nacional de Formação dos Profissionais da Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAEDF	Centro Acadêmico da Faculdade de Educação Física
CBCE	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
CEI	Centro de Educação Infantil
CRE	Coordenação Regional de Ensino
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
DF	Distrito Federal
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EF	Educação Física
EPAT	Escola Parque Anísio Teixeira
FEF	Faculdade de Educação Física
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OBS	Observatório da Educação Básica
PDAD	Plano Distrital de Amostra de Domicílios
PDE	Plano Distrital de Educação
PECM	Programa Educação com Movimento
PNE	Plano Nacional de Educação
PPA	Plano Plurianual do Governo do Distrito Federal
PPGEF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física
PPP	Projeto Político-Pedagógico
ProEF	Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
PT	Partido dos Trabalhadores
RA	Região Administrativa
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SEEDF	Secretaria de Educação do Distrito Federal
SINPRO	Sindicato dos Professores
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TEA	Transtorno do Espectro Autista
TOD	Transtorno Opositivo Desafiador
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UGF	Universidade Gama Filho
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

SUMÁRIO

ESSE É O MEU ESTANDARTE	14
ESQUENTANDO A ORQUESTRA	19
É AQUI QUE EU QUERO VER O MEU BLOCO DESFILAR	22
1 CAPÍTULO 1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E A EDUCAÇÃO INFANTIL	23
1.1 O Currículo em Movimento do Distrito Federal	27
1.2 O Programa Educação com Movimento (PECM)	32
2 INFÂNCIA, CORPO E O ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	36
2.1 O ensino das danças populares no contexto educacional	43
3 MUITO PRAZER, EU SOU O FREVO	47
3.1 O Frevo e suas formas de apresentação	48
3.1.1 Música	48
3.1.1.1 O Frevo de Rua	48
3.1.1.2 O Frevo de Bloco	49
3.1.1.3 O Frevo Canção	50
3.1.2 Dança	50
3.2 Olha que eu conheço essa cara - aspectos estéticos do Frevo	51
4 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DE PESQUISA	57
4.1 A Região Administrativa de São Sebastião - DF	57
4.2 O Centro de Educação Infantil	61
4.3 Os integrantes do bloco	61
5 COLOCANDO O BLOCO NA RUA	62
5.1 Instrumentos de pesquisa	64
5.1.1 O Desenho	64
5.1.2 A roda de conversa	65
5.1.3 Entrevista de caráter lúdico	66
5.1.4 Registros iconográficos	67
5.1.5 Observação Participante e o Diário de Campo	67
6 A PROPOSTA PEDAGÓGICA	70
6.1 Momento 1 - “Enquanto isso na sala de justiça” - conhecendo os integrantes do bloco	71
6.2 Momento 2 - Evoé! FrevoÉ! Mas é o quê?	75
6.3 Momento 3 - Olha que eu conheço essa cara - Elementos estéticos do Frevo - A sombrinha	79
6.4 Momento 4 - O Frevo não convida, arrasta! Vem!	83
6.5 Momento 5 - Frevo em toda parte - A arte de Romero Britto	86
6.6 Momento 6 - Culminância - Apresentação	88

CONCLUSÕES - AVALIANDO A PROPOSTA PEDAGÓGICA	91
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	101
APÊNDICE B - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	102
APÊNDICE C - PLANEJAMENTO - MOMENTO 1 - “ENQUANTO ISSO NA SALA DE JUSTIÇA” - CONHECENDO OS INTEGRANTES DO BLOCO	103
APÊNDICE D - PLANEJAMENTO - MOMENTO 2 - EVOÉ! FREVOÉ! MAS É O QUÊ?	105
APÊNDICE E - PLANEJAMENTO - MOMENTO 3 - “OLHA QUE EU CONHEÇO ESSA CARA” - ELEMENTOS ESTÉTICOS DO FREVO - A SOMBRINHA	107
APÊNDICE F - PLANEJAMENTO - MOMENTO 4 - O FREVO NÃO CONVIDA, ARRASTA! VEM!	108
APÊNDICE G - PLANEJAMENTO - MOMENTO 5 - FREVO EM TODA PARTE - A ARTE DE ROMERO BRITTO	109
APÊNDICE H - PLANEJAMENTO - MOMENTO 6	110
APÊNDICE I - RECURSO EDUCACIONAL	111
ANEXO A - APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA	112

ESSE É O MEU ESTANDARTE

*Sou do Recife com orgulho e com saudade
 Sou do Recife com vontade de chorar
 O rio passa levando barcaça pro alto mar
 E em mim não passa essa vontade de voltar
 Recife mandou me chamar
 Capiba e Zumba essa hora onde é que estão?
 Inês e Rosa em que reinado reinarão?
 Ascenso me mande um cartão
 Rua antiga da Harmonia
 Da Amizade, da Saudade, da União
 São lembranças noite e dia
 Maestro Duda toque aquela introdução
Frevo nº 3 do Recife (Antônio Maria - Frevo Canção)*

*Ô ô ô saudade
 Saudade tão grande
 Saudade que eu sinto
 Do Clube das Pás, do Vassouras
 Passistas traçando tesouras
 Nas ruas repletas de lá
 Batidas de bombos
 São maracatus retardados
 Chegando à cidade, cansados,
 Com seus estandartes no ar.
 Que adianta se o Recife está longe
 E a saudade é tão grande
 Que eu até me embarço
 Parece que eu vejo
 Valfrido Cebola no passo
 Haroldo Fatias, Colaço
 Recife está perto de mim.
Frevo nº 1 (Antônio Maria - Frevo Canção)*

*Sou o coração do folclore nordestino
 Eu sou Mateus e Bastião do Boi Bumbá
 Sou um boneco do Mestre Vitalino
 Dançando uma ciranda em Itamaracá
 Eu sou um verso de Carlos Pena Filho
 Num frevo de Capiba, ao som da orquestra armorial
 Sou Capibaribe num livro de João Cabral
 Sou mamulengo de São Bento do Una
 Vindo num baque solto de um Maracatu
 Eu sou um auto de Ariano Suassuna
 No meio da Feira de Caruaru*

*Sou Frei Caneca no Pastoril do Faceta
 Levando a flor da lira pra Nova Jerusalém
 Sou Luiz Gonzaga, eu sou do mangue também
 Eu sou mameleuco, sou de Casa Forte
 Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte
 Eu sou mameleuco, eu sou de Casa Forte
 Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte*

*Sou Macambira de Joaquim Cardoso
 Banda de Pife no meio do Carnaval
 Na noite dos tambores silenciosos
 Sou a calunga revelando o Carnaval
 Sou a folia que desce lá de Olinda
 O homem da meia-noite puxando esse cordão
 Sou jangadeiro na festa de Jaboatão
 Eu sou mameleuco, sou de Casa Forte
 Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte
 (Leão do Norte - Lenine)*

Primeiramente peço licença a você, leitor, para me apresentar e contar um pouco da minha história pessoal e profissional. Acredito que, por este trabalho de pesquisa fazer parte de um curso de Mestrado Profissional, esses fatos sejam muito enriquecedores no sentido de mostrar como cheguei até aqui, meus anseios, minhas lacunas e os elementos que me constituíram para o além do “ser” professora.

Sou natural de Fortaleza (CE), mas aos 8 anos fui morar em Recife (PE), cidade natal dos meus pais. Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), concluinte de 2007, sou pós-graduada em Educação Física Escolar pela Universidade Gama Filho (UGF) e em Gestão da Educação e Temas Contemporâneos pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Atualmente, leciono como professora efetiva da rede pública pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) desde 2010.

Por ter passado boa parte da infância e juventude em Recife, cidade de grande efervescência cultural, sempre fui participante ativa dos carnavais e demais eventos culturais da cidade e isso contribuiu fortemente para hoje ser uma grande admiradora da cultura em todas as suas formas de manifestações, não só do estado de Pernambuco mas de todo o Brasil. E, como professora de Educação Física, sobretudo da rede pública, me sinto fortemente chamada, na forma, no conteúdo e no sentimento, a trazer as manifestações culturais populares para dentro da escola.

Em 2010, vim trabalhar aqui em Brasília tendo sido aprovada no concurso para professor da rede pública. Lecionei no Centro de Ensino Fundamental 10 de Ceilândia no período de 2010 a 2014, em seguida, atuei na Escola Parque Anísio Teixeira (EPAT) em Ceilândia, de caráter complementar, onde os estudantes do Ensino Fundamental faziam, no contraturno da sua escola de origem, atividades de Artes, Música e Educação Física. Estive lá por 5 anos (2015 a 2019), sendo 3 anos

em regência com as oficinas de Voleibol e Tênis de Mesa e por 2 anos como coordenadora de Educação Física.

Um pouco antes de iniciar o curso de Mestrado Profissional (ProEF) em 2022, já na regional de ensino de São Sebastião, estive atuando, em 2021, na Escola Classe 104 (Anos Iniciais do Ensino Fundamental) e, por último, no ano de 2022, no Centro de Educação Infantil 03, ambos pelo Programa Educação com Movimento (PECM), que é o programa da Secretaria de Educação do Distrito Federal que visa à inserção do professor de Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (SEEDF, 2019).

Assim, a Educação Infantil, sendo a primeira etapa da educação básica, foi o lugar desta pesquisa. Escolhi a Educação Infantil por acreditar que nela é possível e necessário proporcionar às crianças, desde cedo, o contato com a cultura existente em nosso país, visando à sua formação humana e sociocultural e desenvolvendo, desde o início do processo de escolarização, os valores do convívio e do respeito à diversidade, bem como a empatia e a convivência com a pluralidade de culturas.

Sobre o objeto de estudo deste trabalho, o Frevo, digo que, apesar de conhecer e vivenciar o Frevo desde muito cedo, “teoricamente” não me considero uma passista de Frevo. Nunca frequentei escolas de dança para aprendê-lo. Não tenho formação em dança. O que tenho é a minha formação em Educação Física e a minha bagagem cultural de uma cidadã pernambucana de coração que cresceu imersa dentro do “caldeirão” cultural que é o estado de Pernambuco. Subindo e descendo as ladeiras de Olinda e as ruas do Recife Antigo, cantando e dançando, entre tantos, o Frevo Canção “É de fazer chorar”, de Luiz Bandeira:

É de fazer chorar
 Quando o dia amanhece e obriga o frevo acabar
 Oh! Quarta-feira ingrata,
 Chega tão depressa
 Só pra contrariar...
 Quem é de fato um pernambucano
 Espera um ano e se mete na brincadeira
 Esquece tudo quando cai no frevo
 E no melhor da festa chega a quarta-feira...”

E assim, é deste ponto de partida que pretendo desenvolver este trabalho. De uma professora de Educação Física que teve ao longo dos seus anos de atuação no magistério um crescente anseio de trazer o Frevo das ruas para a escola. Que se perguntou por muito tempo como poderia estruturar o ensino do Frevo no âmbito

escolar. Quais seriam, assim, os meus limites e minhas possibilidades considerando as crianças da rede pública do Distrito Federal? Estes foram questionamentos iniciais que me surgiram lecionando há 14 anos nesse “quadrado”.¹

Penso que, se esta pesquisa tivesse sido feita com as crianças da rede pública de ensino do estado de Pernambuco, por exemplo, os meus questionamentos poderiam ser outros, visto que as crianças pernambucanas têm uma relação quase que embrionária com o Frevo.

Assim, por tudo e por tanto, este trabalho tem uma pretensão para além de (apenas) uma experimentação de uma proposta pedagógica para o ensino do Frevo. Ele é valorização da cultura popular, é dar voz e vez ao que vem das ruas, do povo, das classes historicamente oprimidas. É tentativa de salvaguardar a cultura popular como patrimônio também dentro do espaço escolar. É resistência. É entendê-lo como conteúdo da Educação Física Escolar, ou seja, conhecimento sistematizado e construído pela humanidade ao longo da história naquilo que denominamos dança como manifestação da cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992). É, ainda, a valorização da Educação Física enquanto campo do conhecimento que ainda precisa se consolidar na Educação Infantil, perpassando, principalmente e inclusive, pela necessária presença do professor de Educação Física nessa etapa da educação básica em todas as escolas da rede pública de ensino.

Portanto, entre um pé aqui e outro acolá, Recife mandou me chamar e Brasília, a nossa capital multicultural, também. Assim o Frevo... ah, o Frevo... ele não convida, ele arrasta! E aqui estou, com algumas lacunas a serem preenchidas e muita disposição de continuar na busca e na luta incessante por uma educação de qualidade para todas as crianças da rede pública de ensino do Distrito Federal. Pois como cantou Chico Science na canção “Passeio pelo Mundo Livre”: “**Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar...** (Chico Science - Passeio pelo Mundo Livre)”.

¹ (1) Médicos, geólogos e botânicos compunham a equipe que fez um levantamento sobre a topografia, o clima, a geologia, a flora, a fauna e os recursos materiais da região. A área ficou conhecida como Quadrilátero Cruls, a primeira versão do “quadrado”, como todo brasiliense chama o mapa da cidade. Fonte: <https://www.df.gov.br/historia>

*Modernizar o passado
 É uma evolução musical
 Cadê as notas que estavam aqui
 Não preciso delas!
 Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos
 O medo dá origem ao mal
 O homem coletivo sente a necessidade de lutar
 o orgulho, a arrogância, a glória
 Enche a imaginação de domínio
 São demônios, os que destroem o poder bravio da humanidade
 Viva Zapata!
 Viva Sandino!
 Viva Zumbi!
 Antônio Conselheiro!
 Todos os panteras negras
 Lampião, sua imagem e semelhança
 Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.
 (Monólogo Ao Pé Do Ouvido - Nação Zumbi)*

*Você diz que ela é bela,
 Ela é bela, sim senhor.
 Porém poderia ser mais bela
 Se ela tivesse o meu amor.*

*Bela é toda natureza,
 Oh! Bela,
 Bela é tudo que é belo.
 Oh! Bela,
 O perfume de uma rosa,
 O sorriso da criança,
 O que fica na lembrança.*

*Bela é ver o passarinho,
 Oh! Bela,
 Indo em busca do seu ninho,
 Oh! Bela.
 Todo mundo se amando
 Com amor e com carinho
 Uns sorrindo e outros chorando de amor.
 Oh! Bela (Capiba - Frevo Canção)*

ESQUENTANDO A ORQUESTRA

A Educação Física, enquanto área de conhecimento, passou por períodos históricos de transformações e conflitos epistemológicos e metodológicos. Em síntese, partimos do pressuposto que ela engloba todos os elementos pertencentes à cultura corporal e segundo o Coletivo de Autores (1992), é função da Educação Física tematizar, sistematizar e pedagogizar esses conhecimentos oriundos da cultura corporal no âmbito da educação escolar.

Nessa perspectiva, considerando que a Educação Física faz parte do currículo escolar, o Frevo deve ser tematizado no contexto da Educação Física enquanto dança e manifestação da cultura popular, neste caso pertencente ao grupo das danças populares brasileiras, que possui um vasto e rico repertório.

Como possibilidade de ampliação desse repertório, é salutar que as crianças conheçam, reconheçam e vivenciem o Frevo em todos esses aspectos. Que elas reconheçam e saibam executar um determinado passo, ao seu modo, de acordo com o seu nível de desenvolvimento, mas que também saibam as origens históricas dessa dança popular num processo de reconhecimento de suas identidades e características. Assim, o Coletivo de Autores (1992, p. 59) cita que:

Faz-se necessário o resgate da cultura brasileira no mundo da dança através da tematização das origens culturais, sejam do índio [sic], do branco ou do negro, como forma de despertar a identidade social do aluno no projeto de construção da cidadania.

Da mesma forma, é fundamental lembrar que as crianças trazem consigo uma bagagem cultural, histórias e memórias conectadas às suas origens, desenvolvem um senso crítico ao seu modo e possuem uma visão de mundo que, por muitas vezes, tem a família e/ou a comunidade onde vivem como sua primeira referência desses elementos.

Considerando a rica diversidade cultural do nosso país e as possibilidades de atuação do professor de Educação Física que tem como conteúdo as diversas manifestações da cultura corporal, percebemos um grande potencial de ampliação do universo cultural das crianças, proporcionando-lhes um olhar de forma crítica e reflexiva acerca das manifestações culturais através, por exemplo, da dança, e mais precisamente das danças populares como o Frevo.

Acredito ser necessário proporcionar às crianças desde cedo experiências das mais variadas manifestações da cultura corporal, considerando-as como sujeitos, que são, e que têm direito a ter acesso aos conhecimentos singulares e complexos, produzidos e sistematizados pela humanidade. Neste sentido, a intervenção pedagógica no âmbito da Educação Física (Coletivo de Autores, 1992, p. 38):

[...] busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.

O Currículo em Movimento do Distrito Federal (2018), como documento orientador da rede pública de ensino do Distrito Federal, traz as manifestações culturais como um dos conteúdos a serem desenvolvidos e vivenciados na Educação Infantil. No entanto percebe-se que muitos professores de Educação Física ainda não se sentem preparados, por diversos fatores, para desenvolver esse conteúdo em prática pedagógica de forma que atenda às crianças em suas peculiaridades e anseios. E, diante desse contexto, este trabalho também pode ser uma inspiração, e não apenas isso, mas um documento norteador para os professores de Educação Física que atuam na educação básica.

Identificamos, neste estudo, uma escassez de pesquisas que apresentem o Frevo enquanto um conteúdo possível de ser sistematizado e apropriado na escola. E, talvez por isso, apesar de me sentir fortemente inclinada a trazer o Frevo para a minha prática pedagógica, de fato eu também não sabia por onde começar, não me sentia instrumentalizada para tal, de como fazer essa transposição didática do Frevo, das ruas para a escola. Por isso, julgo ser um valioso documento a Unidade Didática que se originou como recurso educacional desta pesquisa.

Assim, esta pesquisa se propôs a refletir sobre a seguinte problemática: **a partir das referências que as crianças têm em relação à dança popular, quais seriam as potencialidades, os limites e as possibilidades de uma proposta pedagógica para o ensino do Frevo no contexto da Educação Física na Educação Infantil em uma escola pública do Distrito Federal?** Desta forma, o território desta pesquisa foi um Centro de Educação Infantil, localizado na Região

Administrativa de São Sebastião, Brasília, Distrito Federal, com uma turma do 2º período (5 a 6 anos) da Educação Infantil.

Para entendermos melhor o contexto que forma as bases epistemológicas deste trabalho, foi realizada uma revisão de literatura e documental sobre a Educação Física na Educação Infantil a partir das orientações curriculares nacionais e locais, tomando como base principal a mais recente Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), o Currículo em Movimento do Distrito Federal (2018) e o Programa Educação com Movimento - PECM (2020); as relações entre infância, corpo e o ensino da dança na Educação Infantil; um breve histórico do Frevo, suas características e formas de apresentação (música e dança), além dos seus aspectos estéticos; e as características sócio-históricas do território de pesquisa que é a Região Administrativa de São Sebastião (DF), bem como da comunidade do referido Centro de Educação Infantil.

Como não poderia deixar de ser, por se desenvolver na Educação Infantil, dois elementos fundamentais se farão presentes aqui: a interdisciplinaridade e o brincar, que estão materializados tanto na Proposta Pedagógica (que veremos detalhadamente mais à frente) como na unidade didática que se originou como recurso educacional deste trabalho.

É AQUI QUE EU QUERO VER O MEU BLOCO DESFILAR

Objetivo geral

Identificar e problematizar as potencialidades, os limites e as possibilidades para o desenvolvimento de uma proposta pedagógica para o ensino do Frevo no contexto da Educação Física na Educação Infantil em uma escola pública do Distrito Federal.

Objetivos específicos

- Identificar e problematizar as referências que as crianças possuem em relação à dança popular;
- Identificar potencialidades, em termos de limites e possibilidades, do ensino do Frevo no contexto da Educação Física na Educação Infantil, a partir da experimentação de uma proposta pedagógica com as crianças à luz da Pedagogia Crítico-Superadora;
- Compreender como o Frevo, enquanto dança popular e patrimônio cultural imaterial da humanidade, pode ser trabalhado pedagogicamente no contexto da Educação Física na Educação Infantil;
- Elaborar uma unidade didática de ensino do Frevo no contexto da Educação Física na Educação Infantil.

1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao longo da sua história, a Educação Física passou por períodos de transformações e conflitos epistemológicos e metodológicos e assim “serviu” de diferentes formas à educação escolar (e ao sistema vigente), de acordo com o contexto histórico em que estava inserida. A Educação Física teve seus métodos e objetivos reformulados a serviço dos interesses da classe dominante, considerando que o que se julga ser importante em determinada época é o resultado do processo das disputas por hegemonia.

Em meados dos anos 1980, a Educação Física, que até então era marcada pelo conservadorismo, teve seu momento de crise materializado com o surgimento do Movimento Renovador da Educação Física, o qual surgiu em conjunto com o processo de redemocratização do Brasil após um longo período de ditadura militar. Neste processo, as ciências humanas e sociais deram grande contribuição para o movimento. A entrada mais decisiva das ciências sociais e humanas na área da Educação Física, processo que tem vários determinantes, permitiu ou fez surgir uma análise crítica do paradigma da aptidão física (Bracht, 1999), que predominava na educação escolar do período. Sobre isto, Bracht (1999) ainda cita que toda a discussão realizada no campo da pedagogia sobre o caráter reproduutor da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para uma transformação radical da sociedade capitalista foi absorvida pela Educação Física.

Segundo Bracht *et al.* (2005), nesse mesmo período surgiram as chamadas propostas pedagógicas progressistas ou críticas. Dentre as Pedagogias Progressistas podemos citar como as mais conhecidas/difundidas a Pedagogia Histórico-Crítica (Dermeval Saviani) e a Pedagogia Libertadora (Paulo Freire). O desenvolvimento dessas pedagogias, a luta pela redemocratização, o movimento Diretas Já e a luta por outras questões nacionais, trazidas à área por professores e professoras que buscavam a pós-graduação em outras áreas, oxigenaram o ambiente que configurou o Movimento Renovador. Na Educação Física, tivemos, entre outras, a Pedagogia Crítico-Superadora, influenciada pela Pedagogia Histórico-Crítica, que teve seu marco histórico com o lançamento do livro Metodologia do Ensino de Educação Física, do Coletivo de Autores, em 1992. Assim, o Movimento Renovador foi crucial no sentido de lançar um novo olhar sobre a prática pedagógica da Educação Física a partir de uma visão contra-hegemônica:

[...] E é exatamente dessa crise que emergem as pedagogias. A pedagogia é a teoria e método que constrói os discursos, as explicações sobre a prática social e sobre a ação dos homens na sociedade, onde se dá a sua educação. Por isso a pedagogia teoriza sobre educação que é uma prática social em dado momento histórico (Coletivo de Autores, 1992, p. 14).

Na década de 1990, a Educação Física surgiu enquanto componente curricular nas escolas com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN – Lei nº 9394/1996). Na referida Lei, a Educação Infantil constituiu-se como a primeira etapa da educação básica, e a Educação Física deveria estar ajustada às diferentes faixas etárias e às condições da população escolar, sendo integrada à proposta pedagógica da escola (Brasil, 1996).

Mas, somente em 2001, com a alteração do texto do Artigo 26, § 3º, a Educação Física passou a ser citada como componente curricular obrigatório da educação básica, afirmando que “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica” (Brasil, 1996).

De fato, após a promulgação dessa Lei, teve início um novo olhar sobre a Educação Infantil, já que, até então, prevalecia o caráter predominantemente assistencialista, dando lugar a uma mudança de concepção voltada, agora, ao trabalho pedagógico de forma concomitante ao cuidar. Assim, Sayão (2005, p. 241), ao problematizar a presença da Educação Física na Educação Infantil, ressalta a necessidade de se compreender primeiramente as singularidades do sujeito criança e focaliza o “[...] movimento corporal como instrumento de apropriação das diferentes linguagens produzidas pela cultura que é reinventada pelas crianças”.

Dessa forma, podemos considerar que, primeiramente, a inserção da professora pedagoga, e em seguida a tentativa, em curso de inserção, por meio do Programa Educação com Movimento, do(a) professor(a) de Educação Física na Educação Infantil, têm sido um ganho para ambos os lados, mas como cita Ayoub (2001, p. 53):

[...] sabemos que a construção de uma educação pública, democrática e de qualidade, da qual a educação física seja parte integrante, não depende exclusivamente de leis, mas também, e fundamentalmente, de políticas e ações governamentais que garantam as condições objetivas para a sua concretização.

Um dos pontos principais de reflexão gira em torno da organização curricular na Educação Infantil. Sobre isso, Ayoub (2001, p. 53) cita que:

Em linhas gerais, observamos que alguns estudos propõem uma organização afinada com os princípios de uma pedagogia voltada para a experiência e para o interesse da criança, na qual compete à professora “generalista” o desenvolvimento das diversas atividades curriculares. Outros estudos sugerem uma organização mais próxima do modelo escolar e centrada em disciplinas. Nesse caso, juntamente com a professora “generalista”, aparece a figura da professora “especialista”, com formação em diferentes áreas de conhecimento (como a Educação Física, por exemplo) para ministrar aulas específicas.

De fato, a LDBEN não deixou claro quem deveria ministrar os conhecimentos ligados à Educação Física. Não existe, na Lei, obrigatoriedade de serem ministrados por um professor de Educação Física, o que deu margem para que muitos estados e municípios ignorassem esses professores, deixando a cargo do professor pedagogo desenvolver atividades relacionadas à cultura corporal e ao movimento, a exemplo da psicomotricidade.

Com esse fato, deu-se margem para um forte debate sobre a necessidade de haver um profissional da educação com formação específica dentro de uma etapa da educação básica, na qual o trabalho pedagógico não é organizado em disciplinas, ou seja, não se estrutura de forma compartimentada, o que poderia levar à fragmentação do conhecimento, como cita Ayoub (2005, p.144):

Grande parte dos argumentos contra a presença de especialistas nessa etapa da educação gira em torno da preocupação de assumirmos já na Educação Infantil um modelo organizado em disciplinas e afinado com uma abordagem fragmentária de conhecimento que tende a compartimentar a criança.

Considerando a presença do(a) professor(a) especialista, trabalhando com sua linguagem específica na Educação Infantil e sua relação com uma possível fragmentação do conhecimento, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, Gomes (2020, p. 28) diz que:

Dessa maneira, é razoável dizer que a fragmentação dos saberes foi e continua sendo necessária para o aprofundamento do conhecimento, portanto é imprescindível que existam as disciplinas, condição necessária para a interdisciplinaridade, como veremos no decorrer do texto, uma vez que a interdisciplinaridade surgiu justamente por conta do processo de disciplinaridade. Isso significa

que tanto a fragmentação do conhecimento como a interdisciplinaridade são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem.

Por outro lado, há importantes argumentos a favor da presença do professor de Educação Física na Educação Infantil. Primeiramente, o primeiro paradigma a ser desconstruído é o de separação entre “nós (especialistas) e eles (generalistas)”, dando lugar a um sentimento coletivo de “professores da Educação Infantil”, que desenvolvem um trabalho integrado em prol do desenvolvimento das crianças. E não só para elas, mas *com elas*, valorizando as suas experiências e interesses.

Sobre isto, Kishimoto (1999, p. 73) diz que:

as múltiplas relações que podem ser estabelecidas em ambientes educativos nos quais convivem crianças de faixas etárias diversas, juntamente com profissionais de várias áreas, além de pais e membros da comunidade, constituem portas de entrada para a construção do conhecimento que se processa quando se respeita a diversidade social e cultural, a multiplicidade de manifestações da inteligência e a riqueza dos contatos com personagens e situações.

Desse modo, a vivência da Educação Física na Educação Infantil sendo ministrada de forma interdisciplinar por um profissional com formação específica na área é extremamente importante quando, por exemplo, potencializa o acesso das crianças aos conteúdos da cultura corporal. Já do ponto de vista do trabalho integrativo qualitativo, a ação interdisciplinar do professor de Educação Física com o professor pedagogo é primordial, e a ludicidade deve ser um elemento fundamental e presente nesse trabalho integrado.

Sayão (1999, p. 234) traz importantes apontamentos sobre a prática pedagógica da Educação Física na Educação Infantil, que nos servem de reflexão:

[...] estas formas de expressão, vividas e percebidas pelo brincar, representam a ‘totalidade’ do ser criança e precisam estar garantidas na organização curricular da sua educação [...] e não enquadradadas em áreas do conhecimento e alocadas em disciplinas.

Em relação à presença do professor de Educação Física na Educação Infantil, Sayão (2002, p. 59) afirma que:

[...] só se justifica a necessidade de um profissional dessa área na Educação Infantil se as propostas educativas que dizem respeito ao corpo e ao movimento estiverem plenamente integradas ao projeto da instituição, de forma que o trabalho dos adultos envolvidos se

complete e se amplie visando possibilitar cada vez mais experiências inovadoras que desafiem as crianças.

Dessa forma, este trabalho de pesquisa, que tem como campo macro de pesquisa as possibilidades de práticas corporais na Educação Infantil, não poderia deixar de ter como eixos principais a interdisciplinaridade e o brincar, na perspectiva de fortalecer a presença desse componente curricular sendo ministrado pelo professor com formação específica nessa etapa da educação básica.

Neste sentido, é pertinente verificar como a rede pública de ensino do Distrito Federal tem buscado enfrentar esse desafio, no âmbito curricular, com a consolidação do Currículo em Movimento (Distrito Federal, 2018a; 2018b) e com o Programa Educação com Movimento (Distrito Federal, 2018d).

1.1 O Currículo em Movimento do Distrito Federal

Na atualidade, o Currículo em Movimento (Distrito Federal, 2018a; 2018b) é o documento orientador da prática pedagógica em todas as etapas da educação básica da rede pública de ensino e tem como base teórica a Psicologia Histórico-Cultural, a Pedagogia Histórico-Crítica bem como as teorias pós-críticas. Nesse documento, conforme seus pressupostos teóricos (Distrito Federal, 2018b, p. 22), na perspectiva de uma Teoria Crítica:

[...] são considerados na organização curricular conceitos, como: ideologia, reprodução cultural e social, poder, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto, resistência. A intenção é de que o Currículo se converta em possibilidade de emancipação pelo conhecimento, seja ideologicamente situado e considere as relações de poder existentes nos múltiplos espaços sociais e educacionais, especialmente nos espaços em que há interesses de classes.

Esse documento abre, ainda, espaço não apenas para ensinar a tolerância e o respeito, mas, sobretudo, para provocar análises “[...] dos processos pelos quais as diferenças são produzidas através de relações de assimetria e desigualdade” (Silva, 2003, p. 89); assim, questionando permanentemente essas diferenças, são propostos como eixos transversais: educação para a diversidade, educação para a cidadania, educação para a sustentabilidade e educação para e em direitos humanos (Distrito Federal, 2018b, p. 22).

Um dos pontos fundamentais desse documento é que, como toda discussão de currículo, na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, é necessário refletir sobre o território. De que lugar se fala? Como ele se constitui histórica e socialmente? A esse respeito, o Currículo em Movimento defende que “É primordial pensar sobre o território que se constitui, influencia a atuação pedagógica e que, dialeticamente, sofre a influência de todos os educadores (Distrito Federal, 2018a, p. 12)”.

Paralelamente, e dentro dessa mesma perspectiva, se faz necessário refletir e identificar que crianças e quais infâncias pertencem a esse lugar e como elas se relacionam. São pressupostos que devem perpassar a construção de um currículo e, consequentemente, orientar a prática pedagógica do professor que tenha por objetivo a transformação social. Portanto, quem são as crianças e quais infâncias estão presentes no Distrito Federal?

Sobre as características do Distrito Federal, o referido documento (Distrito Federal, 2018a, p. 12) cita que:

O Distrito Federal é um quadradinho no meio do mapa do Brasil, mas nem por isso deixa de ter suas características próprias. É constituído por pessoas de todas as unidades federativas do Brasil, bem como por estrangeiros que, por inúmeros motivos, residem em seu território. Mesmo sendo o ente federado de menor idade, possui uma população que nasceu, cresceu e contribui para a constituição social, cultural e histórica desse lugar.

E ainda mais: o trabalho educativo nas instituições que ofertam Educação Infantil pressupõe a ampliação do olhar voltado às infâncias constituídas historicamente no território distrital (Distrito Federal, 2018c, p. 21), pois:

Crianças e infâncias são marcadas por conceitos constituídos social e culturalmente. O modo como são percebidas e compreendidas interfere, direta e indiretamente, na organização do trabalho pedagógico a ser realizado nas instituições educativas para a primeira infância.

Assim, as perspectivas críticas compreendidas nos pressupostos teóricos do Currículo em Movimento (2018b) apresentam o ato educativo como profundamente revolucionário, no sentido de provocar nas pessoas mudança de vida a partir da apropriação do patrimônio cultural da humanidade. Nas interações, por meio do uso

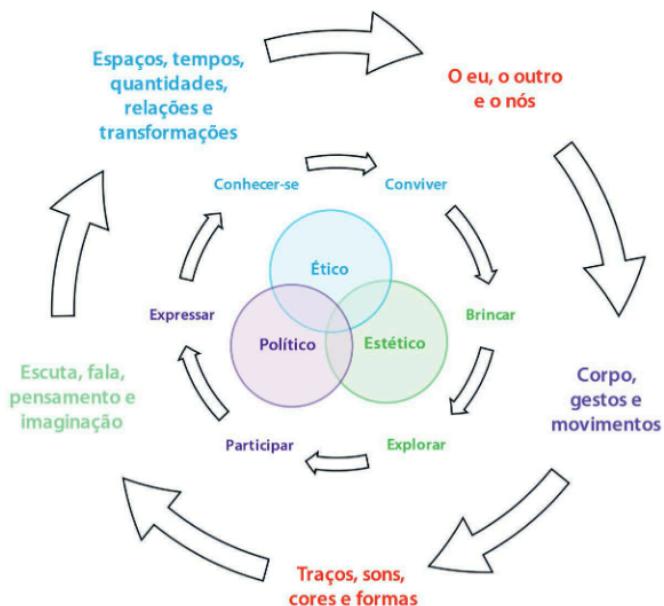
de instrumentos e signos, as pessoas se humanizam, são modificadas pela cultura e a modificam, numa relação dialética (Distrito Federal, 2018a, p. 20).

Para a Educação Infantil, o Currículo em Movimento traz o ético, o estético e o político como os três princípios básicos dos quais emergem os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, circunscritos por cinco campos de experiências.

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, a organização curricular da Educação Infantil no Currículo em Movimento, assim como na BNCC, se estrutura em cinco campos de experiências: (1) o eu, o outro e o nós; (2) corpo, gestos e movimentos; (3) traços, sons, cores e formas; (4) escuta, fala, pensamento e imaginação e (5) espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

Os campos de experiências, segundo a BNCC, “constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (Brasil, 2017, p. 38).

Figura 1 - Organização Curricular para a Educação Infantil no Distrito Federal



Fonte: Distrito Federal (2018a, p. 60).

Em sua versão atual para a Educação Infantil, a Educação Física, enquanto componente curricular, tanto na BNCC quanto no Currículo em Movimento, não recebe uma menção direta, e do mesmo modo acontece nos documentos que a precederam, como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (1998) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (2010). Muito desse fato se explica pela Educação Infantil não se organizar de maneira disciplinar. Mas e então, a Educação Física não existe nos documentos orientadores legais para a Educação Infantil? Qual a orientação curricular que o professor de Educação Física deve seguir nessa etapa da educação básica?

Assim, na tentativa de localizar o conhecimento próprio da Educação Física, a saber, a cultura corporal, temos como exemplo o que nos diz o campo de experiência corpo, gestos e movimentos (Distrito Federal, 2018a, p. 68):

O trabalho corporal educativo na Educação Infantil deve levar em conta a centralidade do corpo da criança, voltando-o para o conhecimento e reconhecimento de suas potencialidades, limites, sensações e funções corporais. Dessa forma, o corpo, como veículo de expressão das diversas linguagens (a música, a dança, o teatro e as brincadeiras, dentre outras), comunica-se com outros campos de experiência, de modo a promover possibilidades de desenvolvimento integral.

Na Educação Infantil, os campos de experiências não devem ser trabalhados isoladamente, mas de forma integrada. E, no contexto da Educação Física, não deve ser diferente, por isso o trabalho corporal deve primar por atividades que propiciem o trabalho integrativo entre os campos de experiência, proporcionando o desenvolvimento das crianças de forma integral, em todas as suas potencialidades.

Em relação à definição dos seus objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para o 1º Ciclo (creche e pré-escola), o Currículo em Movimento, assim como a BNCC, define três períodos cronológicos de desenvolvimento: (bebês (0 a 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). Estes períodos seriam referências gerais, pois é enfatizado que nenhuma criança é idêntica à outra (Arce; Martins, 2007) e nesse sentido a BNCC lembra que “esses grupos etários não podem ser considerados de forma rígida, já que há diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser consideradas na prática pedagógica” (Brasil, 2017, p. 40).

Assim, para crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses), dentro do campo de experiência corpo, gestos e movimentos, um dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento é:

Participar, reconhecer e valorizar as diversas manifestações culturais, como brincadeiras, brincadeiras de roda, jogos, danças, festejos e canções tradicionais (pipa, cantigas de roda, pega-pega, cabra-cega, barra-manteiga, corda, pião, ciranda, esconde-esconde, elástico, bambolê etc.) e demais manifestações que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outras (Distrito Federal, 2018a, p. 70).

E ainda: “Reconhecer, participar e valorizar as manifestações culturais como um patrimônio imaterial (quadrilhas, brincadeiras de roda, brincadeiras cantadas etc.) (Distrito Federal, 2018a, p. 71)”.

O objeto de estudo deste trabalho, o Frevo, estaria contemplado no Currículo em Movimento do Distrito Federal enquanto manifestação cultural relativa às danças populares. Importante salientar também que o Frevo, por suas raízes históricas de pessoas escravizadas, faz parte da cultura e história afro-brasileira. Portanto, não só preservou os elementos desta cultura, como o ritmo e os movimentos da dança, mas também os seus ideais de luta, resistência e liberdade de expressão. Segundo Marinho (2023):

“É interessante dizer que por muito tempo não se associou a origem do frevo a negritude. Só que hoje, olhando com outros olhos essa história, não se tem como dissociar. Pois, se a considerarmos esse contexto de final de século XIX e início de século XX, e fizermos uma conta básica de que o frevo era feito pelos trabalhadores e trabalhadores braçais daquele contexto, assim quem eram esses trabalhadores? Eram os recém libertos. Não era a elite, era o povo preto que estava na rua e encontrava no Carnaval sua resistência.

Nesse sentido, além do Currículo em Movimento, se faz importante citar a [Lei nº 10.639 de 9 de Janeiro de 2003](#) que incluiu no currículo oficial das redes de ensino, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira, assim como também incluiu no calendário escolar o dia 20 de novembro como dia nacional da consciência negra e a [Lei nº 11.645, de 10 março de 2008](#) que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Portanto, considerando a importância desta Lei para a superação do preconceito, estereótipos e intolerância racial e religiosa dentro do espaço escolar, para o desenvolvimento da proposta pedagógica deste trabalho foram considerados os aspectos constantes nesta legislação bem como no Currículo em Movimento, sobretudo a integração entre os campos de experiência, além da caracterização de crianças, infâncias, territórios, bem como os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, pois como cita este documento: “A intenção é de que o Currículo se converta em possibilidade de emancipação pelo conhecimento, seja ideologicamente situado e considere as relações de poder existentes nos múltiplos espaços sociais e educacionais, especialmente nos espaços em que há interesses de classes” (Distrito Federal, 2018b, p. 22).

1.2 O Programa Educação com Movimento (PECM)

Apesar de prevista em Lei como componente curricular obrigatório da educação básica, a Educação Física no contexto das escolas da rede pública de ensino do Distrito Federal, ministrada pelo professor com formação específica nesse campo, por muitos anos foi “privilégio” exclusivo das escolas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

A exceção a esse fato ficou por conta das experiências nas escolas-parque, previstas no Plano Educacional de Brasília, desde sua fundação na década de 1960, e restritas a essas escolas até 1996, como verão adiante.

Os primeiros “ensaios” da tentativa de inserção da Educação Física na rede pública de ensino do Distrito Federal ocorreram em 1997, com a Escola Candanga, baseada na perspectiva da educação integral e nos ideais de Anísio Teixeira, e se restringiram, à época, apenas aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e foram denominados “Projeto Núcleos de Educação com Movimento” (Sampaio; Lião Júnior, 1999).

Essa experiência encerrou ao fim do governo Cristovam Buarque, do Partido dos Trabalhadores (PT), nos fins de 1998, com a chegada do governo Joaquim Roriz, que de maneira abrupta extinguiu o projeto. Foi somente em 2011, com a chegada do governo Agnelo Queiroz (PT), que a correlação de forças se tornou favorável para uma nova experiência referenciada na anterior, denominada Projeto

Educação com Movimento (Freire; Figueiredo; Behmoiras, 2013) e, logo em seguida, em 2019, Programa Educação com Movimento (Distrito Federal, 2020).

Segundo Lemos e Da Costa (2021), a inserção da Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sempre esteve à mercê de “contextos políticos favoráveis”, alinhados com as tendências críticas e pós-críticas da educação. Até ser tratada como componente curricular integrado ao projeto político-pedagógico da escola, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Brasil, 1996) e ministrada por professor com formação específica, esse processo de inserção tem sido permeado por muitas lutas, sobretudo por parte de um coletivo de professores de Educação Física da SEEDF, processo esse em que houve alguns momentos de avanços e outros de retrocessos.

Inicialmente atendendo apenas os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, somente em 2014, com uma progressiva expansão, o PECM passou a atender também a Educação Infantil, sendo inserido no planejamento das políticas públicas educacionais: no Plano Distrital de Educação (PDE 2015-2024), no Plano Plurianual do Governo do Distrito Federal (PPA) 2016-2019 e no planejamento estratégico da SEEDF 2015-2018 (Distrito Federal, 2017) sendo assim legitimado e institucionalizado como parte da política educacional da SEEDF (Lemos; Da Costa, 2021).

Assim, o Programa Educação com Movimento (PECM), na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tem como base legal o [Parecer nº 153/2018 – CEDF](#), homologado pela [Portaria nº 270 – SEEDF, de 13/09/2018, publicada no DODF nº 179, de 19/09/2018](#). Complementarmente, a [Portaria nº 94, de 03/03/2021](#) dispõe sobre a normatização do atendimento e das metas de ampliação do referido Programa.

Pedagogicamente, o PECM prevê o trabalho integrado entre o professor de atividades, que na rede pública de ensino do Distrito Federal se refere ao que tem formação em Pedagogia, e o professor de Educação Física, e tem como

[...] finalidade precípua a ampliação das experiências corporais dos estudantes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mediante a intervenção pedagógica integrada e interdisciplinar entre o Professor de Atividades e o Professor de Educação Física, na perspectiva da Educação Integral, conforme preconizado no Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal (Distrito Federal, 2018d, p.9).

Entre os seus objetivos específicos, tem-se:

- Explorar os conteúdos da cultura corporal de movimento presentes na Educação Física, tais como: o jogo, a brincadeira, o esporte, a luta, a ginástica, a dança e conhecimentos sobre o corpo, integrando-os aos objetivos, linguagens e conteúdos da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental;
- Estimular a interdisciplinaridade na intervenção pedagógica do professor de Educação Física, por meio do planejamento e atuação integrada ao trabalho do professor de Atividades, em consonância com o projeto político-pedagógico da escola e com o Currículo em Movimento da Educação Básica;
- Fortalecer o vínculo do estudante com a escola, considerando as necessidades da criança de brincar, jogar e movimentar-se, utilizando as estratégias didático-metodológicas da Educação Física na organização do trabalho pedagógico da escola;
- Contribuir para a formação integral dos estudantes, por meio de intervenções corporais pedagógicas exploratórias e reflexivas, com base em valores, tais como: respeito às diferenças, companheirismo, fraternidade, justiça, sustentabilidade, perseverança, responsabilidade, tolerância, dentre outros, que constituem alicerces da vida em sociedade e do bem-estar social (Distrito Federal, 2018d, p. 10).

Assim, no que se refere ao desenvolvimento do PECM na Educação Infantil, este deve contribuir para a construção da identidade da criança, proporcionando experiências corporais que valorizem a diversidade e a convivência saudável (Distrito Federal, 2018d).

Por outro lado, apesar da significativa importância que tem o PECM no desenvolvimento integral das crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, é preciso ressaltar que, nos últimos anos, o projeto vem recebendo cada vez menos atenção por parte do poder público. Faltam investimentos, e assim sua ampliação, no intuito de atender um maior número de escolas, está cada vez mais comprometida.

A citada Portaria nº 94, de 03/03/2021, prevê uma expansão do Programa com o objetivo de democratizar o atendimento às escolas do DF. Dessa forma, é prevista uma progressão anual, representada em percentuais como meta a ser alcançada (Distrito Federal, 2021, art. 6º). O Art. 6º da referida Portaria cita que:

A meta de ampliação e de universalização do Programa, até o ano de 2025, observará o crescimento progressivo no seguinte formato:
 I – em 2021 alcançar o atendimento em 40% das UEs;
 II – em 2022 alcançar o atendimento em 55% das UEs;
 II – em 2023 alcançar o atendimento em 70% das UEs;

- III – em 2024 alcançar o atendimento em 85% das UEs;
- IV – em 2025 alcançar o atendimento em 100% das UEs.

Mas, de fato, as metas previstas não foram alcançadas e, em 2023, foi apresentado pela SEEDF o Memorando Circular nº 30 que diz: “Na impossibilidade de atender à ampliação do PECM, o ano letivo de 2024 será reservado para avaliação e ajustes, com vistas à melhoria do Programa”. Segundo esse mesmo Memorando, apenas 127 escolas foram contempladas em ofertar o programa no referido ano. Considerando o universo de 368 escolas que ofertam a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, segundo os dados do Censo Escolar 2023, esse número representa cerca de 34% das escolas, o que está bem aquém da meta prevista para 2024, que seria de 85% das unidades escolares contempladas com o programa.

Nesse ensejo, com o intuito de problematizar e refletir sobre as demandas que atravessam o cotidiano e o trabalho do professor de Educação Física nas escolas, tendo como tema principal o PECM, ocorreu, em 2023, na Faculdade de Educação Física (FEF) da UnB, o IV Seminário de Educação Física Escolar.

O evento foi uma realização do Sínteses - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar (FEF-UnB), em conjunto com: o Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO-DF), a Secretaria Distrital do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE-DF), a Coordenação Distrital da Associação Nacional de Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE-DF), o Observatório da Educação Básica (OBS/FE-UnB), o Centro Acadêmico da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (CAEDF-UnB) e o apoio do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF-UnB), do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF-UnB e da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF-UnB).

O evento contou com mesas temáticas que versaram sobre temas como: “O PDE e o Projeto Educação com Movimento: conquistas em risco?”, “O PECM: lutas, memórias, pesquisas e experiências”. Também houve apresentação de pôsteres sobre pesquisas e experiências sobre o PECM, inclusive desenvolvidas dentro do âmbito do ProEF. Como resultado desse evento, foi aprovada a Carta pela Garantia do Direito das Crianças ao Brincar e à Cultura Corporal: Em Defesa do Programa Educação com Movimento da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, ainda a ser publicada.

Dessa forma, acredito que este trabalho de pesquisa também venha a contribuir no sentido de fortalecer a presença da Educação Física na etapa da Educação Infantil, assim como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede pública do Distrito Federal, visto a importância do trabalho corporal no processo educativo e seus inúmeros benefícios para o desenvolvimento integral das crianças.

2 INFÂNCIA, CORPO E O ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Se fizéssemos uma pergunta aos nossos pais ou avós sobre como eles se sentiam enquanto crianças, no sentido de como eram vistos pelos adultos do núcleo familiar e da sociedade em geral, questões como: “Ao que tinham acesso? O que podiam ou não fazer? Frequentavam a escola? O que aprendiam lá? Eram levados em consideração em suas vontades, necessidades e opiniões?”, provavelmente as respostas seriam muito diferentes da nossa concepção atual do que entendemos sobre a infância.

Por exemplo, quem alguma vez já não escutou ou até mesmo pronunciou a frase: “quando criança eu não tive infância”, o que nos leva a refletir sobre: qual a concepção de infância que essa pessoa teve por referência? Refletindo sobre isto, podemos entender que há uma diferença entre os significados de criança e infância, como nos lembram Sarmento e Pinto (1997, p.11):

[...] crianças existiram sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII.

O termo infância e suas várias concepções vêm sendo construído e reconstruído historicamente. Sobre isso, Fernandes e Kuhlmann Júnior (2004, p. 29) citam que:

Os fatos relativos à evolução da infância, na pluralidade de suas configurações, inscrevem-se em contextos cujas variáveis delimitam perfis diferenciados. A infância é um discurso histórico cuja significação está consignada ao seu contexto e às variáveis de contexto que o definem.

Na atualidade, “A infância seria um conceito, uma representação, um tipo ideal a caracterizar elementos comuns a diferentes crianças” (Fernandes; Kuhlmann Júnior, 2004, p. 28).

Seguindo o percurso histórico dos estudos da infância, o grande marco das mudanças relativas à concepção de infância aconteceu com o advento da nova Sociologia da Infância a partir da década de 1990, quando as crianças passaram a ser compreendidas como atores sociais e, consequentemente, o entendimento do

processo de socialização infantil ganhou novas nuances. A esse respeito, Gaitan Muñoz (2006, p. 10, tradução própria) diz que:

A ideia de socialização muda no momento em que a infância começa a ser vista como uma realidade socialmente construída, que como tal, apresenta variações históricas e culturalmente determinadas pelo conjunto de dados, diretrizes e padrões de conduta que condizem com o modo de ser criança em um determinado momento concreto. Muda quando se aceita que a infância constitui uma parte permanente da estrutura social que interage com outras partes dessa estrutura; e que as crianças se encontram afetadas pelas mesmas forças políticas e econômicas dos adultos e estão sujeitas, como estes, às vicissitudes da mudança social.

Assim, alinhado com os ideais da nova Sociologia da Infância, este trabalho traz as crianças concebidas como agentes sociais, e a infância como uma geração, sendo assim constituída historicamente pelas condições socioculturais determinadas.

Uma criança que traz consigo conhecimentos advindos do seu meio sociocultural, que adquire novos conhecimentos e que traz a capacidade de atuar, re(agir) e re(criar) (n)os contextos em que vive, pode e deve vivenciar as manifestações culturais historicamente produzidas dentro do espaço escolar, pois constrói sentidos sobre elas, se apropria e também produz sua própria cultura de acordo com a sua realidade.

Desta forma, para o desenvolvimento deste trabalho, por ser tratar de uma proposta pedagógica, é necessário refletirmos sobre a tríade infância, corpo e o ensino da dança no espaço escolar, particularmente sob o aspecto: como o corpo das crianças vem sendo considerado dentro do processo educativo com o conteúdo dança? E o fazer pedagógico está proporcionando a elas a utilização do corpo como meio de expressão através da dança?

Partindo dos pressupostos da Pedagogia Crítico Superadora, devemos considerar a expressão corporal como linguagem e saber universal, ou seja, “[...] a elaboração de normas que correspondem ao novo objeto de conhecimento da Educação Física escolar: a expressão corporal como linguagem e como saber ou conhecimento” (Coletivo de Autores, 1992, p. 43). Desta forma, podemos refletir: onde estaria o lugar de ensino do conteúdo dança no espaço escolar?

Primeiramente, partirei do pressuposto de que a dança é constituída de diversos significados, sendo estes sociais, culturais e históricos. O Coletivo de Autores (1992, p.58) considera a dança como:

[...] uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem. Pode ser considerada como linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra etc.

Por outro lado, a escola, segundo Saviani (2009), se caracteriza por ser o lugar por excelência da transmissão de forma sistematizada de parte do patrimônio cultural produzido historicamente pela humanidade com o objetivo da formação humana.

Assim, na perspectiva da Pedagogia Crítico-Superadora, entende-se que a dança, enquanto um dos elementos da cultura corporal a ser tratado pedagogicamente no contexto escolar, não deve ser desenvolvida com o objetivo de formar dançarinos, com foco na técnica e refinamento dos movimentos, nem de formar meros repetidores de coreografias pré-formuladas, mas sim proporcionar às crianças um contato mais efetivo e significativo diante da possibilidade de se expressar criativamente por meio do movimento, ao mesmo tempo que conhece o histórico de determinada dança, suas características, e se apropria desse saber de forma crítica e reflexiva.

De modo geral, a dança, quando é lembrada no espaço escolar, se resume às apresentações em datas comemorativas, como bem cita Scarpato, (2004, p. 70):

Devido à carência na aplicabilidade desse conteúdo nas aulas de Educação Física, surgem dúvidas em como trabalhar a Dança no espaço escolar. Apesar de ser um conteúdo riquíssimo e abrangente é, muitas vezes, lembrado somente quando surgem as festas escolares, diante da necessidade de se mostrar espetáculos para serem apresentados à comunidade nas festas juninas, festa do dia das mães, dos pais, etc.

Outro fato também recorrente e preocupante é que esse contato das crianças com as manifestações dançantes dentro da escola acontecem não só de forma isolada, ou seja, apenas em algumas datas festivas, mas também de forma descontextualizada, sem que elas saibam a origem daquela dança, porque é importante aprender sobre ela e, sem essa reflexão, o ensino de dança torna-se

uma ação sem propósitos, uma educação vazia de significados e objetivos (Pereira, 2007) e mesmo quando é desenvolvida no contexto da Educação Física, normalmente não se trabalha considerando seus aspectos socioculturais, artísticos, expressivos e reflexivos.

Nesse sentido, para o(a) professor(a) de Educação Física que tenha a pretensão de abordar a dança enquanto conteúdo em sua prática pedagógica, é fundamental que priorize sua atuação como um fomentador de experiências nas mais variadas formas e origens de dança de forma contextualizada, ou seja, da dança clássica, passando pelas danças modernas e também as danças populares e suas diversas origens, conforme cita o Coletivo de Autores (1992, p. 59):

Faz-se necessário o resgate da cultura brasileira no mundo da dança através da tematização das origens culturais, sejam do índio [sic], do branco ou do negro, como forma de despertar a identidade social do aluno no projeto de construção da cidadania.

Dentro do espaço escolar, independentemente da etapa da educação básica em que esteja presente, a Educação Física deve assumir o seu papel igualmente legítimo de desenvolver o conteúdo dança, sendo esta uma das manifestações da cultura corporal.

Nesse sentido, mais especificamente na ainda tão fragilizada presença da Educação Física na Educação Infantil, para que a dança atue realmente como possibilidade de expressão corporal e conhecimento do Brasil cultural, é necessário que o professor de Educação Física esteja consciente desse papel que lhe é devido, em contraponto a uma função muitas vezes imposta e assumida (e da mesma forma pelo professor pedagogo) de “coreógrafo” para apresentações festivas. Como afirma Marques (1999, p. 107): “O professor, desamparado, e muitas vezes altamente despreparado, exige dos alunos que reproduzam, copiem e sigam aquilo que arduamente criou ao assumir suas funções impostas de diretor-coreógrafo”.

Dessa forma, vejo que a dança estaria atuando como um instrumento de ação “disciplinante” dos corpos das crianças, que estariam ali apenas para imitar a coreografia do(a) professor(a), sem saber ao menos o que e por que fazem. Executar uma coreografia pré-formulada, sem uma prévia contextualização, não tem sentido, considerando os preceitos de uma educação para a formação humana. Sobre isso, Faria Filho (1997, p. 52) cita que “Assim como a escola ‘escolarizou’

conhecimentos e práticas sociais, buscou também apropriar-se de diversas formas do corpo e constituir uma corporeidade que lhe fosse mais adequada”.

Essa ação disciplinante dos corpos foi, por muito tempo, a abordagem da Educação Física nas escolas. O corpo saudável, dócil, repetidor de movimentos, sendo alvo das relações de poder que o atingem e o dominam, pois, para além das questões biológicas, o corpo também está inserido no campo político (Foucault, 2009). Sobre isso, Foucault (2009, p. 29) nos diz que “[...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. E este foi o modo de governar diretamente o corpo de crianças, jovens e adultos – homens e mulheres, passíveis de serem sujeitados, como destaca Foucault (2009) em diversos espaços sociais como a família e a escola.

É necessário que as crianças tenham a possibilidade de se expressar através de uma “intencionalidade” espontânea. Dessa forma, se faz necessário que a dança, enquanto conteúdo, seja desenvolvida em todas as suas potencialidades, que vão desde as suas relações com o contexto sócio-histórico-cultural a um meio de expressão corporal, bem como ao reconhecimento das identidades das crianças.

Assim, se a única função da dança na escola for a repetição de coreografias para, por exemplo, datas festivas, estaremos perdendo uma grande oportunidade de proporcionar a elas, desde cedo, a oportunidade de ampliarem o seu conhecimento sobre as manifestações culturais dançantes e, consequentemente, a sua visão de mundo.

Assim, uma possibilidade a ser seguida é aquela em que as crianças são orientadas no caminho da descoberta da cultura através da dança primeiramente em nível local, do seu estado, das outras regiões do Brasil e depois as danças do mundo, levando-as à descoberta pessoal de suas habilidades e preferências, num processo constante de identificação e ressignificação, de acordo com a sua realidade.

O Brasil é um país de grande diversidade cultural, fruto da sua origem europeia, negra e indígena, e essa diversidade se materializa nas diversas manifestações dançantes e expressivas existentes no país, que compõem a pluralidade cultural da dança brasileira. Assim, considero importante observar que, mesmo sendo um “país dançante”, diverso e plural, isso não garante que a dança no Brasil esteja fortemente presente nas escolas brasileiras, sendo desenvolvida enquanto conteúdo sistematizado, muito menos sob um viés crítico e reflexivo.

Desta forma, um ponto fundamental desta reflexão se faz no sentido de trazer a dança ao seu lugar de ensino na escola, visto que, segundo Saviani (2008, p. 13):

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Conectados a essa necessidade, há diversos fatores, e entre eles elenco dois principais, que são: qual(ais) área(s) do conhecimento tem(têm) tratado pedagogicamente (ou não) a dança no espaço escolar e a formação docente. Segundo o Currículo em Movimento da Educação Básica, a dança possui uma dupla pertinência, sendo considerada linguagem da Arte e conteúdo da Educação Física, ou seja, é um saber compartilhado. Por outro lado, por ser um saber compartilhado, também pode se configurar como um possível campo de disputa, dessa forma, não há exclusividade no tratamento pedagógico e acadêmico dessa prática corporal dentro do ambiente escolar infantil.

Na prática, a realidade é que, de modo geral, sabemos que a dança, independentemente da etapa da educação básica, infelizmente ainda é um conteúdo frequentemente marginalizado, inclusive dentro do contexto da Educação Física. Sobre isto, Rangel (2002, p. 61) diz que:

[...] é certo que a pouca utilização desta atividade em propostas escolares, pode ser um reflexo de sua situação nos cursos de graduação em Educação Física (licenciatura), da visão que os graduandos têm a respeito da dança e, consequentemente, do enfoque que a mesma tem recebido, além da falta da licenciatura em cursos superiores de dança.

Além dos fatores citados acima, outros também são apontados na tentativa de explicar esse fato, sendo um deles as questões de gênero que muitas vezes trazem arraigadas consigo o sexismo e o preconceito, que atravessam a dança enquanto conteúdo, quando, por exemplo, escutamos que “dança é coisa de menina”. Sobre os estereótipos atribuídos a determinados gêneros, Saraiva (2005, p. 37), afirma:

o estereótipo é o conjunto de características que "definem" o papel do indivíduo, uma atribuição de características específicas que resulta na internalização, por parte de indivíduos e grupos, das características que diferenciam os papéis que cada um dos sexos pode desempenhar na sociedade.

Quanto à atuação docente no trato do conteúdo dança, primeiramente é importante ser observado que a Educação é um setor predominantemente feminino. Segundo dados da Secretaria de Educação do Distrito Federal de 2022, as mulheres representam 72% do quadro de servidores. Na Educação Infantil, em relação aos docentes, essa presença é ainda mais marcante. Não obstante, se faz necessário observar que a Educação Física, quando está presente nessa etapa sendo ministrada por um profissional da área, tem se constituído como uma possível porta de entrada para os professores homens, o que não deixa de ser um fator positivo no combate ao sexismo e preconceitos em relação ao gênero dentro da Educação Infantil, o que poderia (ou deveria) reverberar também na abordagem do conteúdo dança na escola.

Mas, o fato observado é que, de modo geral, professores homens possuem mais preconceito e resistência com a dança e assim acabam por contribuir para tornar este conteúdo cada vez mais escasso na escola e no contexto da Educação Física. Talvez isso aconteça por sua formação e/ou experiências anteriores em relação à dança, o que poderia levar a um sentimento de vergonha, conforme apontado por Saraiva (2003, p. 131):

[...] a análise das perspectivas dos homens em relação à dança tem revelado que as suas resistências nas experiências/vivências da dança estão relacionadas com o fato de serem confrontados com suas exigências para tal, no sentido das competências, e respectivas 'incompetências', que a *cultura masculina* vivenciada até então lhes tem exigido.

Outro fator também citado como motivo para a marginalização da dança enquanto conteúdo é a dificuldade de o professor entender os seus objetivos, o que, muitas vezes, está relacionado com a sua própria formação, dificultando contemplá-la em seu planejamento. Sobre as dificuldades de se entender quais seriam os objetivos da dança escolar, Fernandes e Bratfische (2014, p. 73) afirmam que:

[...] estas manifestações na escola, muitas vezes são abordadas de forma instrumental, deixando de contribuir para uma reflexão crítica sobre as diversas formas de representação veiculadas e, principalmente, para que nossos alunos e alunas possam se assumir como sujeitos históricos, produtores de cultura.

Assim, entendo que, se na Educação Infantil as crianças não tiverem a possibilidade de se expressar espontaneamente e conhecer o Brasil cultural através da dança, se a única função da dança dentro da escola nessa etapa da educação básica for a repetição de coreografias para datas festivas, perderemos uma grande chance de proporcionar a essas crianças, desde cedo, a oportunidade de ampliarem o seu conhecimento sobre as manifestações culturais dançantes e, consequentemente, a sua visão de mundo. É preciso vencer essa problemática, dar um passo à frente para que a dança ocupe o seu lugar de ensino dentro da escola de forma a contribuir para a formação integral das crianças.

2.1 O ensino das danças populares no contexto educacional

Ao fazermos, neste capítulo, primeiramente, uma análise do conteúdo dança no contexto educacional, vimos que esta ainda enfrenta vários problemas para ocupar a condição de ensino dentro de um planejamento.

Assim, quando me refiro a “conhecer o Brasil cultural através da dança”, refiro-me, em especial pela temática deste trabalho, às danças oriundas da cultura popular. Desta forma, julgo ser necessário que antes façamos uma análise do que é cultura e como ela reverbera dentro da escola e no contexto da Educação Física. Segundo Arantes (1981, p. 34):

[...] a cultura (significação) está em toda parte. Todas as nossas ações, seja na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, de formas de dominação e de solidariedade, tudo nas sociedades humanas é construído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos "cultura".

Portanto, ao falarmos do termo cultura, e mais precisamente da cultura popular, vislumbramos um terreno fértil para a extração de temas a serem estudados. Segundo Catenacci (2001), a cultura popular representa a tradição e a transformação, e ao mesmo tempo que ela pode conservar uma cultura ela também pode modernizá-la. Oliveira (2011) cita que a cultura popular é de extrema relevância

para se compreender a constituição das danças populares, visto que boa parte destas surgem a partir de encontros culturais, étnicos e sociais. Na Educação Física na Educação Infantil, devido ainda à fragilidade desse componente nessa etapa da educação básica, sobretudo no tocante ao currículo, os temas oriundos da cultura popular ganham um grande e importante significado.

Assim, no que se refere ao critério da seleção de conteúdos, Libâneo (1983, p. 39, p. 14) cita que:

[...] os conteúdos são realidades exteriores ao aluno que devem ser assimilados e não simplesmente reinventados, eles não são fechados e refratários às realidades sociais, pois não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados é preciso que se liguem de forma indissociável a sua significação humana e social.

A esse respeito, o Coletivo de Autores (1992, p. 19) também afirma que:

Essa explicação põe em destaque um princípio curricular particularmente importante para o processo de seleção dos conteúdos de ensino: a relevância social do conteúdo que implica em compreender o sentido e o significado do mesmo para a reflexão pedagógica escolar. Este deverá estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do aluno, particularmente a sua condição de classe social.

A partir desse entendimento, as manifestações próprias da cultura popular são interpretadas e reconhecidas como formas de conhecimento tão importantes como as derivadas da classe dominante e, dessa forma, vêm contribuir no sentido de combater o silenciamento, muitas vezes reverberado por discursos hegemônicos, de que as produções culturais oriundas das classes populares não têm valor e quase não possuem significado, a partir do momento que os estudantes se apropriam do conhecimento de forma crítica e reflexiva.

Dessa forma, podemos nos perguntar: como a Escola pode exercer e fortalecer o seu papel na perspectiva de ser um espaço de conhecimento e vivência das diversas manifestações da cultura popular?

Nesse sentido, se faz necessário refletir criticamente sobre onde está o lugar de ensino das danças populares dentro da escola e como elas se manifestam. Na prática, como já vimos, percebemos que quase sempre elas aparecem apenas em apresentações de datas festivas, não cabendo a elas o lugar de ensino.

O Frevo, por exemplo, muitas vezes aparece apenas nas comemorações carnavalescas das escolas ou em apresentações eventuais, quando existem. Da mesma forma acontece com o Bumba meu boi, o Carimbó, a Ciranda, o Coco, o Forró, o Jongo, o Maculelê, o Maracatu, o Xaxado etc., o que nos faz entender que a função das danças populares nos contextos escolares se resume à apresentação em festividades. Sobre isto, Brasileiro (2010, p. 13) diz que:

A dança presente nas festas é quase sempre a mesma ausente dos componentes curriculares — as danças populares —, essas que pouco aparecem nas produções acadêmicas e nos processos de formação de professores são chamadas a ocupar esses espaços das festas escolares.

Assim, acredito que este trabalho possa contribuir no sentido de compreender a necessidade de que as danças populares saiam desse imaginário de ser apenas algo alegre, que muitas vezes flerta com a palavra “folclore”, que pode soar como “antigo, ultrapassado”, que “não tem legitimidade” ou que venha com uma conotação de menor valor por ser manifestação “da gente”, “do povo” e que finalmente ocupe o seu lugar de ensino dentro do espaço escolar.

Na Educação Infantil, como já abordamos, a dança popular precisa deixar de ser um conteúdo que as crianças vivenciam apenas em datas comemorativas, com apresentações em que copiam coreografias que a professora faz, e passe a ser utilizada como meio de conhecimento das manifestações culturais populares dançantes brasileiras, garantindo assim não só o acesso ao conhecimento historicamente produzido pela humanidade, mas também salvaguardando essa cultura tão rica dentro do espaço escolar. Como cita Brasileiro (2010, p. 3):

Essa marca na cultura popular, neste caso, a brasileira, é também muito expressiva — dos sambas aos maracatus, dos frevos às congadas, dos batuques aos carimbós, conhece-se sobre o Brasil e sobre sua cultura popular através das danças. Elas narram uma parte expressiva dessa história que continua sendo (re)produzida ao longo dos anos com outras e novas formas de dançar, com outros e novos sentidos e significados que são (re)produzidos pelos diferentes grupos e sujeitos.

No trato pedagógico em relação às danças populares é necessário tornar os estudantes protagonistas da sua própria aprendizagem, tendo o professor como mediador desse processo, vivenciando e conhecendo essas danças desde a sua origem, a nomenclatura, além da realização de alguns passos e também dos

elementos estéticos que a compõem, bem como, na esteira da interdisciplinaridade, (re)conhecer onde e como elas aparecem em outras manifestações, tanto da arte como na literatura de cordel ou nas obras de artistas plásticos, por exemplo.

Partindo dessa premissa, podemos afirmar que o Frevo, enquanto dança popular e patrimônio cultural imaterial da humanidade, é um dos conhecimentos possíveis de serem abordados no currículo escolar e mais especificamente na Educação Física. Ao realizar o trato pedagógico do Frevo, é necessário primeiro trazê-lo ao seu lugar de ensino, e isso compete à instituição escolar e ao professor.

Portanto, não podemos deixar de reafirmar o importante papel do professor de Educação Física enquanto fomentador dessa experiência de se conhecer o Brasil cultural através das danças populares, visto que o trato pedagógico das danças, independentemente do tipo ou origem, dentro do espaço escolar, pode ser feito por esse profissional que não necessariamente tem a dança como uma das suas "especialidades", no sentido de se ter "familiaridade" com esse conteúdo, mas sim, dentro do seu campo de conhecimento, é um generalista, conhecedor das diversas manifestações da cultura corporal.

Em outras palavras, quero dizer que dentro da perspectiva do que seja o trato pedagógico da dança no espaço escolar, não é "pré-requisito" que o professor de Educação Física seja um exímio dançarino/passista de Frevo (ou de qualquer outra dança popular) para que esse conteúdo seja desenvolvido em sua prática pedagógica. E, por isso, um dos anseios deste trabalho de pesquisa é que ele seja, como recurso educacional, possível de ser aplicado e desenvolvido por esse professor de modo acurado, claro, objetivo e com qualidade pedagógica, dentro do objetivo do que seja o trato do conteúdo dança dentro do espaço escolar, que não é o de formar dançarinos, mas sim ampliar as vivências das diversas manifestações dançantes visando à formação humana.

Outro fato importante a ser lembrado é que a intencionalidade pedagógica do ensino das danças populares no contexto da Educação Física na Educação Infantil não deve perder de vista o compromisso fundamental com a interdisciplinaridade na perspectiva do trabalho integrado com o professor pedagogo. Sobre isto, o PECD (2018d, p.14) nos traz que a interdisciplinaridade:

[...] tem como objetivo fortalecer e enriquecer o trabalho educativo, ampliando as experiências corporais das crianças na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As inserções da

Educação Física nessas etapas da Educação Básica visam à ampliação do acesso às manifestações da cultura corporal, contribuindo significativamente para as aprendizagens na perspectiva da educação integral.

Outro compromisso importante se refere a diversidade de vivências a serem proporcionadas às crianças, objetivando que estas se apropriem de um repertório quantitativamente e qualitativamente superior do que quando ingressaram nela, garantindo a estas o acesso ao conhecimento culturalmente produzido e historicamente acumulado na esfera da cultura corporal, em relação às danças populares, e ainda sem perder o caráter lúdico tão característico da Educação Infantil.

3 MUITO PRAZER, EU SOU O FREVO

O Frevo não convida, arrasta! É ritmo frenético, é “quente”, é “fervo”. Nasceu nas ruas, mas hoje “domina” diversos espaços. É uma expressão cultural musical, coreográfica e poética de caráter coletivo, embora não deixe de se expressar também em criações individuais (IPHAN, 2016). Mas antes de falarmos sobre como o Frevo surgiu, é necessário conhecermos alguns movimentos importantes que antecederam o Frevo como a dança e expressão cultural que conhecemos hoje.

A festa que conhecemos hoje, conhecida como Carnaval, iniciou-se com o chamado Entrudo, uma festividade de rua das classes populares de origem europeia, que acontecia três dias antes da Quaresma, na qual os foliões, principalmente pessoas escravizadas, brincavam nas ruas munidos de bola de farinha, água, lama, limões de cheiro, etc., mas essa festividade foi criminalizada por volta do século XIV após uma campanha contra a manifestação popular veiculada pela imprensa. Enquanto o entrudo era reprimido nas ruas, a elite do Império criava os bailes de carnaval em clubes e teatros (Paço do Frevo, 2023), e essa criminalização das festividades de rua veio na esteira de uma tentativa de “europeização” do carnaval de rua do Brasil.

O Frevo surgiu em um contexto de tensão social e racial entre a classe média e a classe pobre e trabalhadora no final do século XIX no Recife, conforme explica o IPHAN (2016, p. 13):

A palavra Frevo – originária do verbo ferver –, a princípio, relacionava-se mais ao contexto sociocultural e político vivido nas ruas do Recife no final do século XIX. Nessa época, a cidade revelava a agitação e a rebeldia insufladas pelos ideais nacionalistas, republicanos e abolicionistas. Com a abolição da escravatura, as classes populares ampliaram sua participação na promoção dos festejos de Carnaval e passaram a ocupar os espaços públicos. O direcionamento político, a constituição da classe trabalhadora, a organização do movimento operário e a expectativa de modernização são traduzidos no Frevo, força proveniente da massa popular urbana que revela a atmosfera de ebullição do Recife em sua expansão.

O Frevo, enquanto música, surgiu com as bandas militares de Infantaria. Segundo Gehres e Brasileiro (2014, p. 2):

No encontro de duas ou mais bandas, o andamento acelerava, o ritmo esquentava e a multidão fervia. Daí a denominação Frevo, corruptela de ferver. A dança surge dos gestos realizados pelos lutadores de capoeira que vinham à frente dessas bandas para

protegê-las e dar-lhes passagem, não sendo estabelecido de forma muito linear o momento que finalizava a luta e se iniciava a dança.

Uma grande rivalidade entre duas grandes bandas, que eram o Quarto Batalhão de Artilharia e do Corpo da Guarda Nacional, era tão popular que agregou dois blocos com capoeiristas à frente, exibindo todo o seu gingado e movimentos acrobáticos que viria ao longo do tempo dar origem aos passos do Frevo (Paço do Frevo, 2023).

3.1 O Frevo e suas formas de apresentação

3.1.1 Música

Musicalmente falando, o Frevo surgiu da mistura de alguns ritmos musicais muito executados pelas bandas militares e civis no final do séc. XIX tais como a polca, a marcha, a quadrilha, o maxixe e o dobrado. Cada um desses estilos emprestou ao Frevo um pouco da sua musicalidade e uma mistura singular deu origem a esse ritmo frenético e contagiente (Paço do Frevo, 2023).

Segundo Santos *et al.* (2019, p. 4), “Um fluxo musical que tem o vigor do Frevo não nasce pronto, com suas convenções e categorias bem delineadas, tampouco tem um formato definitivo, como se o seu acabamento tivesse chegado ao máximo esmero”.

3.1.1.1 O Frevo de Rua

É o estilo de Frevo mais frenético, executado inteiramente de forma instrumental, com ausência completa de letras. Nesse estilo se destacam como instrumentos a família dos metais como trombone, tuba e trompete e a das madeiras como saxofone, clarinete e requintas. O ritmo é conduzido pela caixa, pandeiro e surdo (Paço do Frevo, 2023).

Figura 2 - Orquestra de Frevo, Carnaval de Olinda



Fonte: Passarinho, arquivo da Prefeitura de Olinda, 2006

3.1.1.2 *O Frevo de Bloco*

Caracteriza-se pela presença da orquestra e seus instrumentos de pau e corda. Conta com a presença de um coral feminino que canta em um clima lírico e nostálgico de beleza e graça dos blocos e carnavales do passado. (Paço do Frevo, 2023).

Figura 3 - Bloco da Saudade



Fonte: arquivo da Prefeitura do Recife, 2006

3.1.1.3 *O Frevo Canção*

Figura 4 - Intérprete Claudionor Germano



Fonte: Arquivo do Diário de Pernambuco

O Frevo Canção tem as mesmas características de ritmo e instrumentos do Frevo de rua, mas possui letras cantadas por intérpretes, muitas vezes na presença de palcos (Paço do Frevo, 2023).

3.1.2 *Dança*

Dentro do aspecto da dança, o Frevo é conhecido pelo termo Passo. Os seus diversos passos possuem uma característica vigorosa, com flexão dos membros, saltos, expressões faciais e jogo de ombros. O passo herdou da luta da Capoeira muitos traços característicos, que sugerem muitas vezes movimentos de ataque e defesa. Em passos como *pernada*, *chutando de frente* e *rojão* percebe-se firmeza nos movimentos e até uma certa agressividade.

Segundo Rudolf Laban (1979, 1988), cortar e socar são duas ações do esforço relacionadas ao passo na dança. “As ações do esforço estão relacionadas com a dinâmica do movimento, mais propriamente com o peso, o tempo, o espaço e a fluência” (Gehres; Brasileiro, 2014, p. 3). Ainda segundo Gehres; Brasileiro (2014) “[...] identificamos que o frevo/passo possui essas características, sendo predominantemente uma dança de combate, embate e de afirmação de uma alegria expansiva, ao mesmo tempo que extremamente tensa” (Gehres; Brasileiro, 2014, p.3). E ainda Gehres e Brasileiro (2014, p. 5) complementam que:

Socar e cortar, nesse sentido, não são apenas ações do esforço específicas, são muito mais que isso, são vida e ambiente em coautoria da dança que hoje se faz, se dança, se ferve e se ensina nas escolas, nas ruas, nos palcos e nos corpos dos brincantes, sejam eles pernambucanos ou não. Ensinar e aprender o frevo/passo passa a ser, ou é, ensinar relações, emoções, ambições, mutações sócio-histórico-político-cultural-artístico que deverão ser amplamente valorizados [...].

Outra influência marcante nos passos do Frevo é o cotidiano do mundo do trabalho. Parafuso, ferrolho, tesoura e dobradiça são alguns dos passos que representam essa influência. Percebe-se que as nomenclaturas dos passos [...] são até hoje associadas também ao universo do trabalho (alicate, serrote, tesoura, ferrolho, parafuso e martelo), em virtude das origens das agremiações na classe trabalhadora urbana. (IPHAN - Folder do Frevo, 2012).

Figura 5 - Diógena Carla, passista da Escola Municipal de Frevo



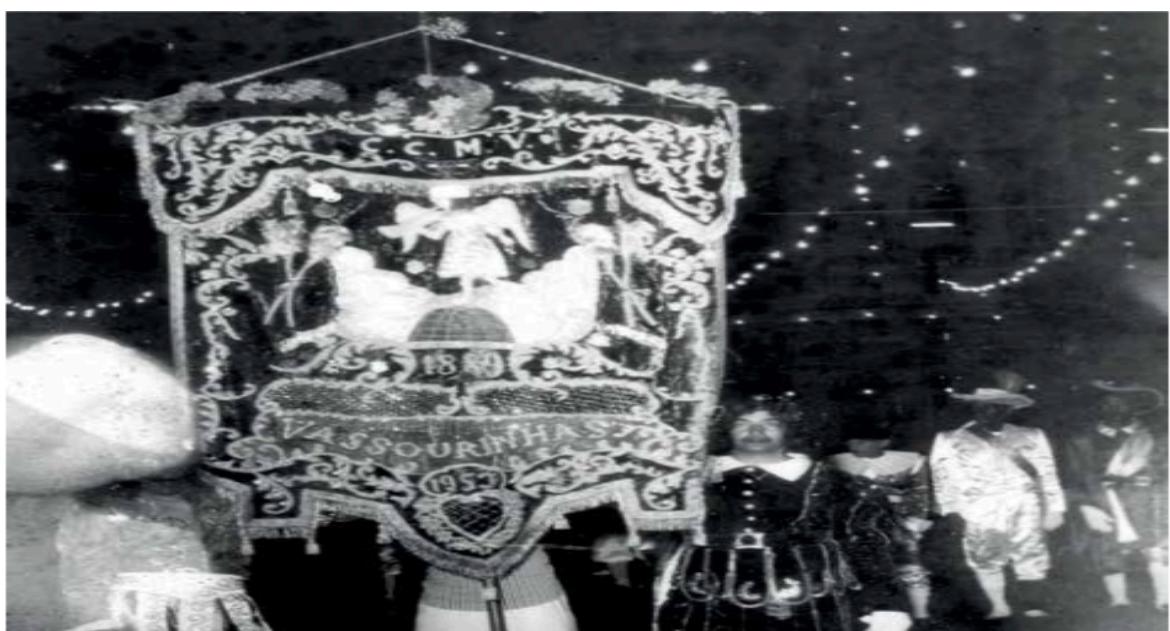
Fonte: arquivo da Prefeitura do Recife, 2006.

3.2 Olha que eu conheço essa cara - aspectos estéticos do Frevo

Nada no Frevo é por acaso, nem mesmo a sua sombrinha colorida. O Frevo, assim como outras tantas expressões, está repleto de imagens que povoam o inconsciente coletivo do povo brasileiro e podem ser pesquisadas na busca de características das múltiplas identidades culturais e seu lugar social (IPHAN, 2016, p. 45). Desde o desfile dos blocos e seus estandartes, que tiveram grande influência dos cortejos religiosos, à sombrinha colorida, cada um representa um pedaço deste “seu lugar”.

Os primeiros suportes visuais foram os estandartes, as roupas, as insígnias dos clubes, os grandes guarda-chuvas, os locais onde aconteciam as manifestações (bairros de Santo Antônio e São José) e os impressos que registraram os primórdios do Frevo (IPHAN, 2016, p. 45). Sobre os estandartes, o IPHAN (2016, p. 46) diz que “O estandarte é um dos primeiros e mais importantes meios de expressão visual do frevo. Ele é uma bandeira que identifica as agremiações (troça ou clube), com seus nomes, cores, ano de fundação, ano de confecção do estandarte e símbolo”.

Figura 6 - Carnaval do Recife, 1940. Estandarte do Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas



Fonte: Arquivo do Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas.

Tanto quanto nas letras de suas músicas quanto nos nomes dos blocos, o Frevo mostra de onde e para que veio. Como cita o IPHAN (2016, p. 45), “Os temas dos frevos estão no cotidiano das pessoas e traduzem em muitas letras crítica social e protesto político e, como toda e qualquer expressão artística, é uma forma de questionamento e transgressão, da inquietude do povo que o compõe e o ouve”. Como exemplo, vejamos a seguir a imagem da troça carnavalesca “Nóis sofre mais nós goza” e em seguida a letra da música Cala a boca menino, do mestre Capiba:

Figura 7 - Troça carnavalesca independente “Nóis Sofre mais nós goza”, no Pátio de São Pedro



Fonte: arquivo da agremiação, 1950-1980.

“Sempre ouvi dizer que numa mulher
 Não se bate nem com uma flor
 Loira ou morena, não importa a cor
 Não se bate nem com uma flor.
 Já se acabou o tempo
 Que a mulher só dizia então:
 - Chô galinha, cala a boca menino
 - Ai, ai, não me dê mais não”
(Cala a boca menino - Capiba)

Apesar do sofrimento do povo da classe menos favorecida, o carnaval de rua era um motivo de alegria, de gozar, curtir a vida, até mesmo como forma de esquecer as dificuldades da vida cotidiana. Segundo Santos *et al.* (2019, p. 4):

[...] alegria/folia não é coisa banal; é estado de espírito relevante e também ato político de foliões e foliãs. Nos dias atuais, com o acirramento político que divide a sociedade brasileira (tema que este livro não focaliza e pouco menciona) e ante as agruras que acometem pessoas de vários estratos sociais, a plethora do Frevo ganha ainda mais relevância, sendo revigorante para o Brasil e para o mundo.

Assim, em algumas letras, também é perceptível a ansiedade do povo, que espera “um ano inteiro até fevereiro chegar” para nas ruas se deixar levar pela alegria do Frevo:

“De chapéu de sol aberto
 Pelas ruas eu vou
 A multidão me acompanha
 Eu vou
 Eu vou e venho pra onde não sei
 Só sei que carrego alegria
 Pra dar e vender
 Deixa o barco correr
 Espero um ano inteiro
 Até ver chegar fevereiro
 Pra ouvir o clarim clarinar
 E a alegria chegar
 Essa alegria que em mim
 Parece que não terá fim
 Mas, se um dia o frevo acabar
 Juro que eu vou chorar”
(De Chapéu de Sol Aberto - Capiba)

Figura 8 - Retratos do Frevo



Fonte: Pierre Verger (1947).

Um dos mais conhecidos elementos estéticos do Frevo, a sombrinha, também é motivo de grande curiosidade sobre a sua origem. O fato de ter um guarda-chuva nas mãos do passista, diz-se, está relacionado a possíveis situações de ataque ou defesa. Segundo Oliveira (1985), “este nunca deixou de ter alguma coisa à mão” (cacete, bengala, punhal). “O guarda-chuva caracteriza o passista, desde as origens do Frevo e era uma arma disfarçada do passista solitário” (IPHAN, 2016, p. 46).

Figura 9 - Passistas na Praça da Independência no carnaval do Recife



Fonte: arquivo do Museu da cidade do Recife.

Desde a imagem ilustrada acima, aos dias atuais, tanto a sombrinha quanto a própria vestimenta do passista de Frevo esteticamente sofreram grandes transformações, muitas vezes influenciadas por questões midiáticas, num processo que podemos chamar de “ressignificar para permanecer. Sobre isso, o IPHAN (2016, p. 56) nos conta que:

No processo de “escolarização” e “espetacularização” do frevo, percebe-se o consolidar de um padrão de vestimenta, de cores, tecidos e brilhos, assim como do uso da sombrinha pequena e colorida, maior símbolo do frevo, hoje. O que aqui se denomina de processo de “espetacularização” do frevo é o procedimento de transformação de uma manifestação popular mais improvisada em um produto cultural para apreciação estética em palcos ou em outras linguagens artísticas.

Nesse sentido, na atualidade, um dos grandes desafios do ensino do Frevo é considerar todos os seus aspectos enquanto dança, movimento cultural, artístico, social e político. Como explicam Gehres e Brasileiro (2014, p. 6):

Assim, ensinar o frevo é considerar seus aspectos contextuais (sua origem urbana na luta da capoeira, a estética, a estrutura e a funcionalidade de seus golpes e passos, sua apreciação como espetáculo, suas vivências e apropriações atuais); coreológicos (cortar e socar, dentre outros) e processuais (dança individual de improvisação apesar da existência de um repertório), no contexto da aceitação/insubordinação, permanência/provisoriedade, transgressão/perpetuação vivida, percebida e imaginada pelas crianças e jovens dos nossos tempos.

Assim, se faz necessário refletir sobre a ação intencional daqueles que ensinam o Frevo em sua prática pedagógica, adotando uma abordagem global com vistas à formação humana. A relação entre a técnica e a expressividade, por exemplo, devem caminhar lado a lado; a esse respeito, o Coletivo de Autores (1992, p. 58) afirma:

Para o ensino da dança, há que se considerar que o seu aspecto expressivo se confronta, necessariamente, com a formalidade da técnica para sua execução, o que pode vir a esvaziar o aspecto verdadeiramente expressivo. Nesse sentido, deve-se entender que a dança como arte não é uma transposição da vida, senão sua representação estilizada e simbólica. Mas, como arte, deve encontrar os seus fundamentos na própria vida, concretizando-se numa expressão dela e não numa produção acrobática.

No contexto da Educação Física na Educação Infantil, as práticas pedagógicas que envolvem o ensino das danças populares, assim como o Frevo, não podem ter foco apenas no desenvolvimento da técnica. Além disso, necessitam superar o caráter apenas “festivo”, de apresentações em datas comemorativas escolares e partir da premissa de que estas possuem um significado histórico, cultural e social e que “promove transformação, logo, toda dança é educação [...] (Hernandez, 2001, p. 44).

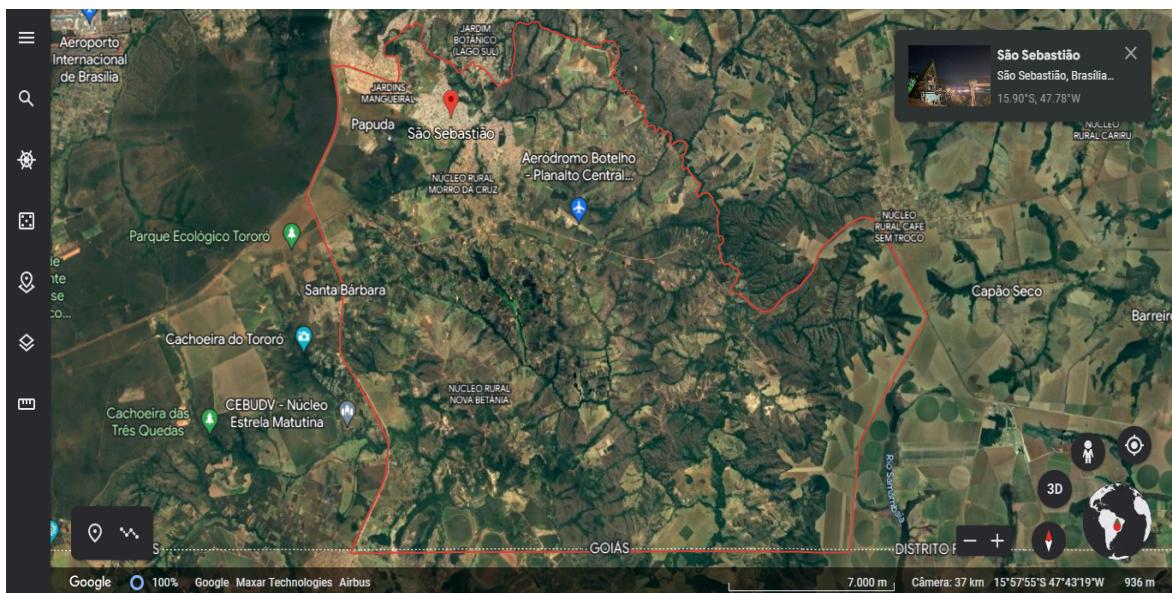
4 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DE PESQUISA

4.1 A Região Administrativa de São Sebastião - DF

São Sebastião é uma Região Administrativa (RA) localizada no Distrito Federal que completou 30 anos em 2023. A Lei nº 467, de 25 de junho de 1993, criou oficialmente essa RA e essa data passou a ser, assim, o aniversário de São Sebastião, que até então integrava a RA VII – Paranoá.

Enquanto a maioria das regiões administrativas chamadas inicialmente de “cidades satélites” surgia por decisão governamental para abrigar e deslocar do Plano Piloto grande contingente de população, São Sebastião teve um movimento diverso da maioria das RA do DF (Araújo, 2009).

Figura 10 - Região Administrativa de São Sebastião – DF



Fonte: Google Earth.

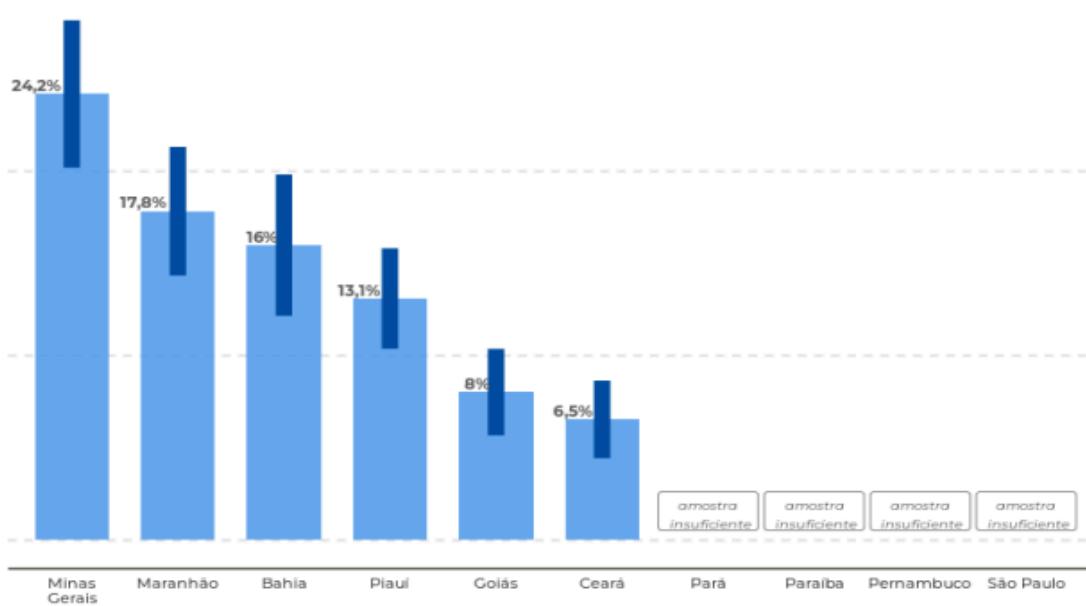
As terras que constituem a Região Administrativa de São Sebastião, localizada no Distrito Federal, são resultado da desapropriação das fazendas Taboquinha, Papuda e Cachoeirinha, no início das obras de construção de Brasília. Essas terras foram depois arrendadas através da Fundação Zoobotânica do Distrito Federal, e a ocupação da área foi motivada por oferta de comércio de areia e exploração de olarias e cerâmicas para suprir parte das demandas da construção civil durante a edificação do Plano Piloto. Após a finalização das obras do Plano Piloto, houve diminuição da necessidade de materiais de construção, pois também

houve abertura das estradas que favoreciam a chegada de materiais industrializados em larga escala. Nesse período, os contratos de arrendamento expiraram e um núcleo urbano foi se estruturando aos poucos ao longo dos córregos Mato Grande e Ribeirão Santo Antônio da Papuda, como resultado do parcelamento irregular do solo (Araújo, 2009).

Os dados do PDAD 2021 (Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios) apontam que a população urbana da Região Administrativa de São Sebastião era de 118.972 pessoas, sendo 51,1% do sexo feminino. No que diz respeito à raça/cor da pele, verificou-se que a resposta mais comum foi parda, para 62,1% dos moradores.

Quanto à origem dos moradores, 51,2% informaram ter nascido fora do DF. Para os que não nasceram no DF, o estado mais reportado foi Minas Gerais, segundo 24,2% dos entrevistados, conforme podemos ver na tabela a seguir:

Figura 11 - Principais estados de nascimento das pessoas que vieram de fora do DF, São Sebastião, 2021



Fonte: CODEPLAN/DIEPS/GEREPS/PDAD 2021
Obs: São reportadas até o limite das dez maiores categorias.

Fonte: PDAD, 2021.

Também podemos observar que entre os 6 estados com amostra relevante na composição do percentual nascidos fora do Distrito Federal, 4 são estados do Nordeste (Maranhão, Bahia, Piauí e Ceará), perfazendo 53,4%, enquanto Minas Gerais e Goiás correspondem aos outros 2 estados dessa amostra, que possuem a

característica de fazerem fronteira geográfica com o Distrito Federal somando 32,2%. Assim, projetada inicialmente como “agrovila”, São Sebastião hoje é uma das grandes regiões administrativas que fazem parte do Distrito Federal, com pessoas vindas das mais diversas regiões do Brasil, principalmente Minas Gerais, muito provavelmente pela proximidade de fronteira com a cidade de Unaí (MG).

São Sebastião, além de ser uma das 33 regiões administrativas que compõem o Distrito Federal, é também sede e referência de uma das 14 coordenações regionais de ensino do Distrito Federal, responsável por organizar, orientar e supervisionar diretamente o trabalho nas escolas da região. Segundo dados do Censo Escolar 2022, São Sebastião possui 29 escolas, sendo 13 que atendem crianças da Educação Infantil e 4 unidades escolares denominadas Centro de Educação Infantil, que atendem crianças de 4 e 5 anos. A pesquisa foi realizada em uma delas, que aqui denominamos genericamente de Centro de Educação Infantil.

4.2 O Centro de Educação Infantil

O Centro de Educação Infantil (CEI), território de pesquisa deste trabalho, está localizado na RA de São Sebastião - DF e foi inaugurado em 2012, possuindo atualmente 478 estudantes matriculados, distribuídos em 08 turmas de 1º Período e 10 turmas de 2º Período (PPP CEI, 2023). A escola conta com um bom espaço físico, com quadra coberta para as atividades de Educação Física, parquinho, horta, refeitório onde as crianças almoçam e jantam, sala de vídeo e sala de leitura.

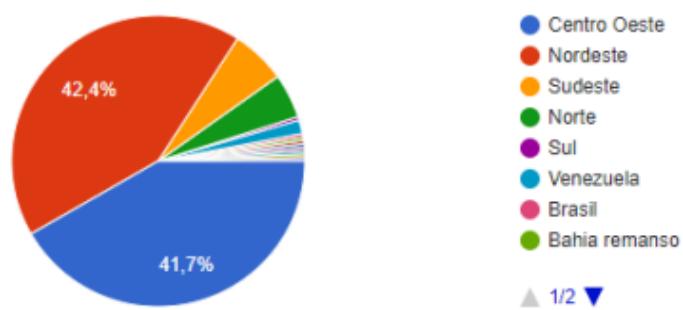
Com o objetivo de traçar o perfil da comunidade escolar do CEI, foi aplicada, em 2023, pela própria escola, uma pesquisa via formulário *on-line*, tendo obtido um total de 264 respostas recebidas, de onde resultaram alguns dados característicos. Vejamos alguns deles:

A comunidade atendida por esta instituição é composta por famílias que, quanto à origem, em sua maioria (42,4%), vêm da região Nordeste, enquanto 41,7% dos que responderam à pesquisa relataram ser originários da própria região Centro-Oeste:

Figura 12 - Origem regional das famílias atendidas pelo CEI

De qual região do Brasil a família veio?
*Se for de outro país, responda em "outro"

264 respostas



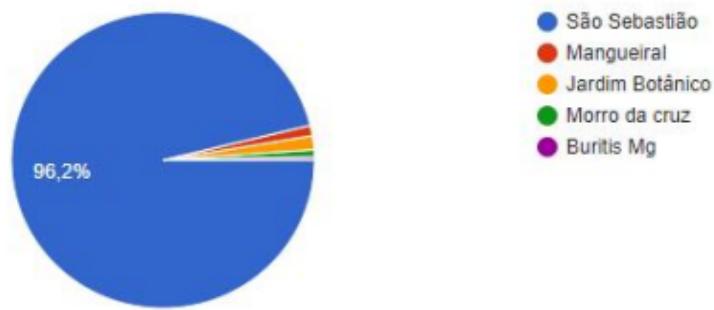
Fonte: PPP CEI 2023.

A maioria das famílias reside na própria RA de São Sebastião, onde está localizada a escola:

Figura 13 - RA de moradia das famílias atendidas pelo CEI

Em qual Região do DF a família mora?

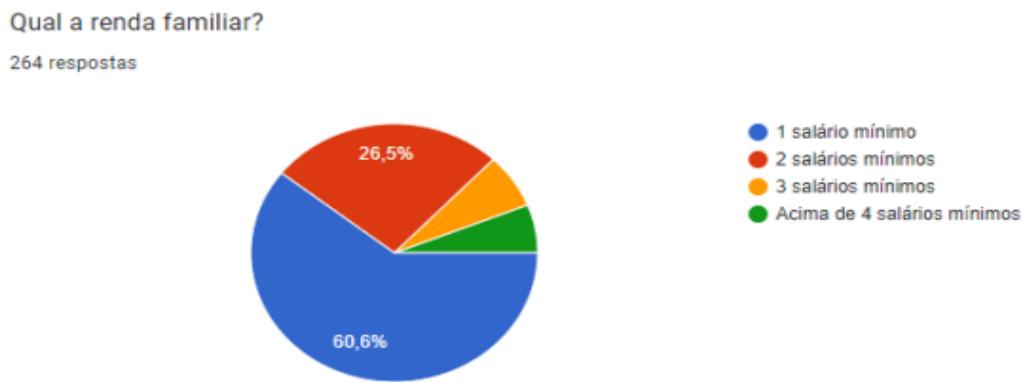
264 respostas



Fonte: PPP CEI 2023.

Quanto à renda familiar, 60,6% das famílias recebem 1 salário-mínimo e 53,8% não recebem auxílio do Governo:

Figura 14 - Perfil econômico das famílias atendidas pelo CEI



Fonte: PPP CEI 2023.

Assim, o CEI se configura como uma das escolas de referência em Educação Infantil na região, e conta, conforme previsto no PPP da escola, com atividades como a Festa Junina (com apresentação de danças, comidas típicas e outros fatores pertinentes ao tema: música, trav-a-línguas, brincadeiras, premiações, comidas típicas); Chá literário (Culminância do Projeto Horta e Leitura); Projeto Horta e a Etapa Local da Plenarinha² (apresentação na escola dos trabalhos feitos com o tema da Plenarinha).

4.3 Os integrantes do bloco

A turma de 2º período, sujeitos desta pesquisa, é composta por 22 crianças, com média de idade de 5 a 6 anos, sendo 12 meninas e 10 meninos. Dentre estes, a turma possui 2 crianças com necessidades educacionais específicas, sendo 1 criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e 1 criança com Transtorno Opositivo Desafiador (TOD). A turma conta também, além da professora pedagoga, com 1 professor de Educação Física e 1 monitora que acompanha as crianças com necessidades educacionais específicas.

² A Plenarinha é um Projeto pedagógico da Secretaria de Estado de Educação (SEEDF), desenvolvido pela Subsecretaria de Educação Básica/Diretoria de Educação Infantil, desde 2013, em todas as unidades públicas e instituições parceiras que ofertam educação infantil onde há a escuta sensível das crianças e o desenvolvimento de trabalhos sobre temas como currículo, cidadania, meio ambiente, brincar e literatura.

5 COLOCANDO O BLOCO NA RUA

Uma pesquisa não se inicia apenas na escrita de um projeto. Ela começa quando no dia a dia do seu fazer pedagógico, lá no chão da escola, o professor se depara com algumas problemáticas que lhe provocam inquietações e questionamentos que só por meio da aplicação de uma metodologia científica de pesquisa poderiam tentar ser respondidos.

Dessa forma, este trabalho constituiu-se de uma abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2004, p. 21-22):

[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Acerca da metodologia de pesquisa, este trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa do tipo bibliográfica, documental e de campo, fundamentada na metodologia da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação é caracterizada por Thiollent (2011, p. 14) como:

[...] um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Dentro dessa perspectiva, o ambiente de ensino-aprendizagem se torna o espaço primordial onde surgem problemas de pesquisa com potencial de serem investigados, analisados e compreendidos.

Este trabalho de pesquisa ocorreu no período de setembro a dezembro de 2023. Inicialmente, fez parte deste meu percurso investigativo uma pesquisa exploratória com o intuito de conhecer e mapear o território. Essa etapa foi fundamental para o início deste trabalho, pois “a pesquisa exploratória busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho” (Severino, 2016, p. 129) e consistiu em algumas visitas à escola que tiveram como objetivo conversar com a gestão sobre os objetivos da pesquisa e a possibilidade de executá-la. Após a concessão da autorização, foi o momento de conhecer e definir a turma que seria sujeito da pesquisa, e assim, a partir dos

critérios: número de crianças, nível de engajamento/participação destas nas atividades propostas, bem como o interesse e envolvimento da professora pedagoga, foi escolhida uma turma do 2º período (5 a 6 anos).

Ao longo desse processo, tive algumas conversas com a professora pedagoga da turma, o professor de Educação Física, a supervisora e a coordenadora pedagógica nos momentos de coordenação pedagógica, com o objetivo de explicar com mais detalhes os objetivos da pesquisa, seus instrumentos, no sentido de contribuir para o planejamento em conjunto, bem como saber o perfil da turma (quantitativo de crianças, crianças com necessidades educacionais específicas ou não), e ainda os dias e horários em que aconteciam as atividades de Educação Física.

Feito isto, na semana seguinte foi enviado, na agenda das crianças, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para ser preenchido e assinado pelas crianças, bem como por seus pais ou responsáveis (Apêndice A). Das 22 crianças frequentes da turma, 17 foram autorizadas pela família a participar das atividades relativas à pesquisa; 5 crianças não foram autorizadas, pois a família alegou motivos religiosos para a não participação.

O segundo passo foi ter o primeiro contato com as crianças, o que ocorreu em dois encontros: a) durante as atividades de Educação Física com o professor da turma, e b) em um momento de interação comigo através da roda de conversa e de brincadeiras, sem a presença do professor de Educação Física da turma. A partir dessa etapa, foi iniciada a observação participante junto com o registro no diário de campo. A observação participante esteve presente em toda a pesquisa e teve por objetivos observar as crianças em relação às suas expressões, modos de ser, preferências e opiniões, de modo a fornecer as características gerais da turma, bem como dados que fossem relevantes para este trabalho.

Em seguida, foram iniciadas as atividades relativas à experimentação da proposta pedagógica, que totalizaram 6 momentos. Abaixo, seguem detalhadamente as etapas que foram desenvolvidas no processo investigativo, a quantidade de encontros e o seu período de realização:

Quadro 1 - Etapas de organização do processo investigativo da pesquisa

Etapa	Ações	Quantidade de Encontros	Período de Realização
Pesquisa-Ação	Articulação - visitas à escola.	2	agosto/23.
	Observação participante da turma durante as atividades de Educação Física.	1	setembro/23.
	Observação participante - roda de conversa com as crianças e brincadeiras diversas.	1	setembro/23.
	Desenvolvimento da Proposta Pedagógica.	6	setembro, novembro e dezembro/23.

Fonte: Elaboração da autora.

Por fim, todos esses momentos constantes na pesquisa foram de grande importância para este trabalho, pois a partir dos dados observados pude não só delimitar o campo de trabalho, mas também caracterizá-lo, fornecendo assim subsídios essenciais para a elaboração e desenvolvimento da proposta pedagógica.

5.1 Instrumentos de pesquisa

Em uma pesquisa sobre a própria prática pedagógica numa abordagem qualitativa, principalmente com crianças, os instrumentos de pesquisa precisam ser cuidadosamente definidos para que possam de fato contribuir de forma clara e objetiva com a pesquisa, sem o acúmulo excessivo de dados ou ainda a razoabilidade destes, o que poderia prejudicar qualitativamente a análise e consequentemente o resultado final da pesquisa. Desse modo, ficou definido que, para este trabalho, seriam utilizados o desenho, a roda de conversa, a entrevista de caráter lúdico e os registros iconográficos como instrumentos de pesquisa. Cada um desses instrumentos foi utilizado em diferentes momentos da proposta pedagógica, e eles estão indicados na descrição de cada momento.

5.1.1 O Desenho

Segundo Leite (2018), o desenho é um método que contém uma linguagem privilegiada de expressão das crianças. E, nesse sentido, toda e qualquer forma de expressão através do desenho pelas crianças deve ser valorizada, pois o desenho

demonstra as impressões das crianças sobre a realidade que as cerca. Assim, esse instrumento foi utilizado no primeiro momento da proposta pedagógica, que teve a função de uma avaliação diagnóstica com o objetivo de identificar quais as referências das crianças em relação à dança popular.

5.1.2 A roda de conversa

A utilização de “rodas” é um ato muito comum no dia a dia das escolas de Educação Infantil. As crianças sentam em roda para ouvir a professora, para contar como foi o seu dia, para brincar, para lanchar, ou apenas para aguardar os responsáveis chegarem para buscá-las. Esse formato circular, em que todos se veem uns aos outros ao mesmo tempo, estabelecendo olhares, apresenta princípios democráticos a partir do momento em que essa disposição horizontalizada proporciona, a princípio, uma distribuição do “poder” entre os participantes com mais autonomia, liberdade de expressão e facilitação da escuta.

Segundo Oriolo (2015, p. 130), a forma circular presente na roda:

[...] pode ser entendida como forma de transmissão dos saberes e conhecimentos, o encontro de gerações e culturas, a rememoração da história de comunidades e grupos para a apropriação e ressignificação da cultura. Essa forma circular representa, muitas vezes, a essência de um trabalho coletivo que se efetiva por meio de comunidades.

Então, seria possível na Educação Infantil conversar e pesquisar? Nesse ensejo, a conversa é estabelecida com o propósito de dar voz aos sujeitos, no caso às crianças. Segundo Warschauer (2001, p. 179),

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc. [...].

No caso das rodas de conversa tendo as crianças como sujeitos, vejo-a não só como um mero instrumento de pesquisa, mas também como um meio que pode proporcionar às crianças um aprendizado, dentro do seu processo de desenvolvimento e amadurecimento cognitivo de capacidade de expressão, bem como exige de quem está ouvindo (seja outra criança ou o professor) o “saber ouvir”

e exercer a empatia de tentar se colocar no lugar do outro que fala, sem julgamentos de certo ou errado.

Assim, esse instrumento foi bastante enriquecedor para este trabalho a partir do momento em que o falar de uma criança trazia à tona lembranças, pensamentos, ideias, opiniões que não surgiriam se não fosse a construção coletiva que a roda de conversa permite.

5.1.3 *Entrevista de caráter lúdico*

Segundo Carvalho (2004), a entrevista com crianças é uma técnica ainda relativamente pouco explorada na literatura, inclusive porque, usualmente, considera-se a criança como incapaz de falar sobre suas próprias preferências, concepções ou avaliações.

Como cenário lúdico do instrumento de pesquisa entrevista com as crianças, utilizei a “TV Mamulengo”, que é uma criação do artesão e cordelista Davi Teixeira. A inspiração veio dos teatros mamulengos e de suas obras. Unindo cultura, artesanato e consciência ambiental, Davi faz arte com reciclagem das velhas TVs. Assim, a TV Mamulengo é um elemento bastante presente nos diversos momentos culturais pernambucanos. Nesse cenário, ao final de cada momento, elas foram entrevistadas por mim sobre o que aprenderam no dia e o que mais gostaram.

Figura 15 - “TV Mamulengo” - cenário lúdico para as entrevistas com as crianças



Fonte: arquivo da autora.

5.1.4 *Registros iconográficos*

Utilizando-se de fotos e vídeos, os registros iconográficos foram importantes para esta pesquisa por “dar vida, movimento, cores e forma” a este trabalho. Ver os acontecimentos materializados aos nossos olhos e ouvidos é um momento grandioso da pesquisa e nos traz elementos que muitas vezes passam despercebidos no decorrer do processo.

5.1.5 *Observação Participante e o Diário de Campo*

A observação participante foi requisitada em todo o processo de pesquisa e teve por objetivo saber como se dava a participação das crianças durante as atividades de Educação Física e no decorrer da proposta pedagógica sob a ótica das interações criança-criança; criança-professor; a questão da autonomia, criticidade e capacidade de expressão na realização das atividades propostas e suas falas e expressões significativas.

O registro de cada momento no diário de campo foi feito imediatamente após cada encontro com as crianças, para que não se corresse o risco de esquecer algum detalhe dos fatos vivenciados. Assim, eu ia para a sala dos professores da escola para escrever. Escolhi fazer dessa forma pois durante o desenvolvimento da proposta pedagógica, levei meu caderno comigo para que pudesse anotar falas e/ou expressões que fossem significativas para a pesquisa, mas na maioria das vezes tive dificuldade de fazer essas anotações por conta da própria demanda das atividades com as crianças. Então, fiz o registro gravando áudios para que eu pudesse revê-los depois na sala dos professores.

No primeiro encontro com as crianças foi realizada uma observação delas durante as atividades de Educação Física. Nesse dia, orientadas pelo professor de Educação Física, elas realizaram uma atividade de coordenação motora (chutar) com bolas. Durante toda a atividade elas estavam muito participativas, mas, ao mesmo tempo, a minha presença no espaço da quadra a observá-las não passou em branco, o que era esperado, pois a observação participante parte do pressuposto de que o pesquisador não deve apenas observar, no sentido de ver, ouvir, mas também, como ressalta Leite (2021), ser participante do processo por meio da mobilização dos outros sentidos como o olfato, o tato e o paladar.

E assim, a todo tempo algumas delas vinham falar e interagir comigo. Como eu havia sido professora de algumas crianças dessa turma em 2022, tudo que vivenciamos ficou marcado na memória afetiva delas e transpareceu durante a observação, pois a cada instante algumas delas se aproximavam para falar comigo dizendo:

[...] tia, lembra daquela atividade que você fez com a gente de ginástica? Eu já estou conseguindo fazer a cambalhota” (criança A)

[...] Tia Natália, você vai brincar com a gente hoje? (criança B)

No segundo encontro, em uma roda de conversa com as crianças que foram autorizadas pelos pais ou responsáveis a participar da pesquisa, apresentei-me de forma mais direta, sobretudo às que não me conheciam. Expliquei por que eu estava ali com elas, a temática e os objetivos da pesquisa, e perguntei se aceitavam ou não participar. Fiz algumas perguntas, como: “Posso te fotografar e/ou filmar? Posso gravar sua voz?”. Deixei claro que estava fazendo uma pesquisa da qual elas poderiam ou não participar, e que poderiam entrar ou sair quando quisessem, sem

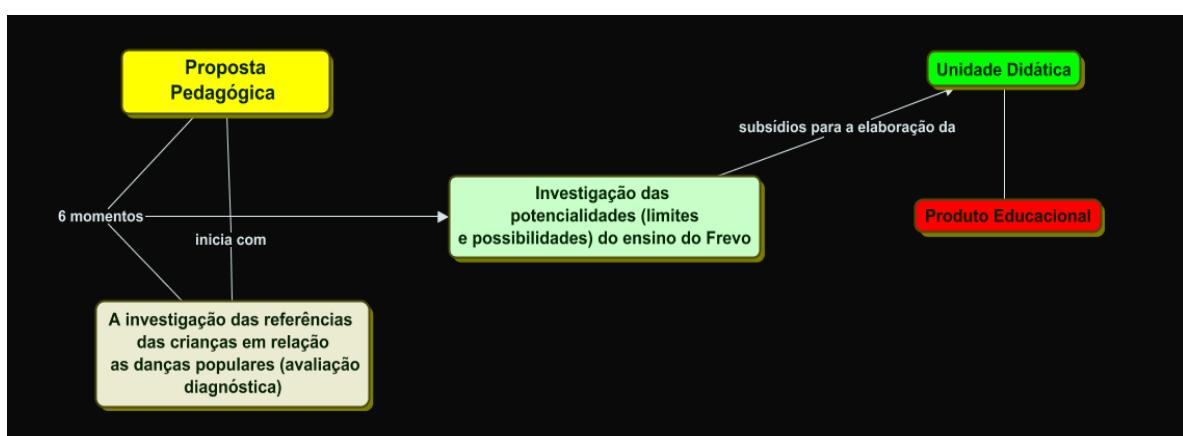
quaisquer implicações positivas ou negativas. Nenhuma criança se recusou a participar. Escutei-as sobre o que mais gostavam de fazer no momento da Educação Física, e brincar foi uma resposta quase unânime. Assim, me propus a brincar com elas. Fizemos o “pique-pega”, dançamos, entre outras brincadeiras. Essa etapa foi importante para também criar vínculos afetivos que seriam primordiais para todo o processo.

6 A PROPOSTA PEDAGÓGICA

A organização curricular na etapa da Educação Infantil é caracterizada por campos de experiências, que emergem dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento. De acordo com a BNCC, os campos de experiências “constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (Brasil, 2018, p. 38).

Assim, os dados obtidos neste trabalho foram fruto da experimentação de uma Proposta Pedagógica de 6 momentos, que foram desenvolvidos através de práticas corporais, brincadeiras, exibição de vídeos e trabalhos manuais como pinturas, colagem e desenhos de forma interdisciplinar com a professora pedagoga da turma. Como instrumentos de pesquisa e avaliação foram utilizados: rodas de conversa, desenhos, entrevistas de caráter lúdico, bem como registros iconográficos (imagens e vídeos). Vejamos a figura abaixo, que mostra com mais detalhes a estruturação da pesquisa:

Figura 16 - Mapa de pesquisa



Fonte: elaboração da autora.

Os momentos da proposta pedagógica foram pensados com o objetivo de proporcionar às crianças a apropriação do Frevo enquanto manifestação da cultura popular, dança, e suas representações em outras formas de arte. Como forma de organização dos dados coletados foi utilizado o registro no diário de campo. A seguir, é apresentado cada momento, seu quantitativo de encontros e o período de realização:

Quadro 2 - Momentos da Proposta Pedagógica

MOMENTO	TEMA	QUANTIDADE DE ENCONTROS	PERÍODO DE REALIZAÇÃO
1	“Enquanto isso na sala de justiça” - conhecendo os integrantes do bloco	01	setembro/23
2	Evoé ! FrevoÉ ! Mas é o quê?	01	novembro/23
3	“Olha que eu conheço essa cara” - Elementos estéticos do Frevo - A sombrinha	01	novembro/23
4	O Frevo não convida, arrasta! Vem!	01	novembro/23
5	Frevo em toda parte - A arte de Romero Britto	01	dezembro/23
6	Culminância - Apresentação	01	dezembro/23

Fonte: Elaboração da autora.

6.1 Momento 1 - “Enquanto isso na sala de justiça” - conhecendo os integrantes do bloco

Esse primeiro momento da proposta pedagógica foi fundamental na tentativa de identificar e compreender o(s) conhecimento(s) que as crianças já tinham sobre as danças populares, pois segundo o Currículo em Movimento (Distrito Federal, 2018a, p. 76):

A criança como sujeito social e cultural produz cultura e traz consigo experiências e vivências provenientes de suas relações nos diversos grupos sociais aos quais pertence, como família, igreja, clubes, dentre outros, que compõem rico material de trabalho no espaço da Educação Infantil.

Assim, alinhada à prática social inicial da Pedagogia Histórico Crítica, que visa preparar as crianças para o processo de ensino-aprendizagem, permitindo que elas se aproximem do conteúdo e compreendam o seu sentido, e tendo a funcionalidade de uma avaliação diagnóstica, esse momento foi de suma importância no sentido de contribuir não só para identificar quais referências as

crianças traziam acerca da dança popular, mas também contribuir para a condução das próximas etapas da proposta pedagógica.

Segundo Jost e Dutra (2019, p. 3):

para Gasparin e Petenucci (2014), esse primeiro passo permite que se estabeleça uma relação entre o trabalho do professor e a realidade material do aluno, através da exposição inicial dos assuntos que serão trabalhados permitindo a ambos novas perspectivas sobre o conteúdo, fazendo com que se superarem (*sic*) em relação ao objeto e oportunizando a ambos, uma visão mais analítica e crítica acerca de sua realidade.

Todo o encontro foi gravado e foram feitos registros por meio de fotos. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a roda de conversa e o desenho. Das 17 crianças autorizadas a participar, no dia em que foi realizado o primeiro encontro, estavam presentes 10 delas, as outras 7 faltaram. O planejamento desse momento encontra-se ao final deste trabalho (Apêndice C).

No primeiro momento da avaliação foram abordadas as questões da identidade e territorialidade. As crianças possuíam uma “carteira de identidade” que foi confeccionada pela professora regente da turma, onde constavam sua foto juntamente com a marca da digital e a assinatura ao modo de cada um.

Considerando os aspectos de problematização da Pedagogia Histórico Crítica, questionei as crianças sobre onde elas nasceram, onde seus pais nasceram e diversas respostas como: “no hospital”, “em Brasília”, “em São Sebastião” apareceram, o que mostra que a maioria tem algum entendimento de onde vieram. Quando mostrado o mapa do Brasil, elas ficaram realmente encantadas com a imagem do nosso país, mas nenhuma delas conseguiu mostrar onde estava localizada Brasília no mapa. Obviamente por estarem ainda em processo de alfabetização, não conseguiram ler, mas também não foram capazes de localizar visualmente a referida cidade. Finalizei esse momento explicando e relacionando as regiões do Brasil com as diversas manifestações de danças populares.

No segundo momento, foram apresentadas às crianças imagens de algumas danças populares de diversas regiões do Brasil, como o Carimbó, o Samba de roda, o Boi Bumbá, o Forró, o Maracatu, o Xaxado e o Frevo, com o objetivo de saber se, esteticamente, eles reconheceriam alguma delas. Dentre estas, eles reconheceram apenas o Forró, que rapidamente relacionaram com os festejos juninos, talvez pelo fato de terem vivenciado essa dança recentemente na ocasião da festa junina da

escola, onde fizeram uma apresentação. O Boi Bumbá eles identificaram como sendo o “Boi Tatá”, que é um personagem do folclore brasileiro representado por uma grande serpente de fogo. Uma aluna identificou o Samba de roda como algo do estado da Bahia. Uma outra criança se referiu ao Frevo como “Capoeira”, talvez pelo fato dessa dança ter elementos da Capoeira, fruto da sua origem histórica.

No terceiro momento foi apresentado um vídeo³ sobre algumas danças populares como o Frevo, o Carimbó, o Maracatu, o Bumba meu boi, o Fandango, o Pau de fitas e a Catira. Algumas crianças reconheceram o Samba de roda, o Boi Bumbá, que disseram ser a “Festa do boi”, e relacionam o Fandango com o “Forró”, talvez pelo fato de, no vídeo, estarem dançando em pares, e a Catira com o “Sapateado”.

Em seguida apresentei um dos elementos estéticos do Frevo, a sombrinha, e as crianças se referiram a ela como um objeto que pertencia àquela dança que “passava por debaixo das pernas”, mas não conseguiram lembrar o nome. Finalizamos esse momento dançando algumas músicas de Samba de roda, Forró e Frevo. Inicialmente, algumas crianças se mostraram bastante tímidas para dançar, enquanto outras estavam mais desinibidas, mas aos poucos todas foram se soltando.

Com o Samba de roda, dançamos a música “Praia de Amaralina” e as crianças acompanharam o ritmo batendo palmas e alguns simbolizaram estar tocando um pandeiro com as mãos enquanto dançavam, o que já mostra uma identificação do ritmo com um dos instrumentos utilizados nessa dança. Em seguida dançamos o Forró com a música “São João na Terra” e nesse momento eles se animaram mais ao dançar e prontamente começaram a realizar a coreografia que fizeram na apresentação da festa junina da escola. Com o ritmo do Frevo, através da música “Bom demais”, observei que cada um achou seu próprio modo de dançar, com movimentos rápidos dos pés.

Na parte final do encontro, disponibilizei alguns desenhos relativos a algumas danças populares que vimos e pedi que as crianças, individualmente, escolhessem um para colorir. O objetivo era saber se elas identificavam pela imagem alguma das danças populares vistas no nosso encontro e assim, ao entregar o desenho, questionei: “Que dança popular é essa? Essa foi a que você mais gostou? Por quê?” Informei que, ao terminar, cada criança poderia levar a sua pintura para casa.

³ Disponível em: <https://youtu.be/ldzoun8ijkg?si=S8A7X0Fd3bUISavk>

Em seguida, disponibilizei uma folha branca para que fizessem um desenho sobre o que significava a dança para eles e/ou a que mais gostaram de ver depois do nosso encontro de hoje. À medida que foram terminando os seus desenhos, cada criança, individualmente, na roda de conversa, explicou o seu desenho e por que o tinha feito.

Analisando os dados obtidos nessa avaliação, em um primeiro momento, nenhuma das crianças reconheceu o Frevo enquanto manifestação de dança popular. À medida que foram passando os momentos do encontro, foram assimilando alguns conhecimentos e, ao final, algumas conseguiram reconhecer, no desenho disponibilizado para colorir, algumas danças populares, inclusive o Frevo. A grande maioria escolheu a imagem do Forró para colorir.

Percebi então que, de fato, a referência mais marcante para eles era o Forró, e talvez um dos motivos para isso seja que, recentemente, como citei, participaram da festa junina da escola e fizeram uma apresentação, ou ainda pelo fato de que muitas famílias dessa comunidade escolar (42,4%) são originárias da Região Nordeste do Brasil, conforme pesquisa realizada pela escola em 2023 e explicitada em seu Projeto Político-Pedagógico.

Em relação aos desenhos feitos pelas crianças quando questionadas sobre qual foi a dança que elas mais gostaram no momento de hoje, assim como na escolha da imagem para colorir, a maioria das crianças desenhou o Forró. Outras desenharam o Frevo e uma única criança desenhou o Ballet como referência de dança. Importante destacar que os nomes das crianças foram ocultados nesse trabalho.

Figura 17 - Desenhos feitos pelas crianças no primeiro momento da proposta pedagógica



Fonte: arquivo da autora.

O desenho das crianças é um modo de expressão, assim como a dança. “Ouvir” as crianças através do desenho é um convite à tentativa de compreender a sua visão de mundo. Quando uma das crianças, após ter conhecido, mesmo que brevemente, algumas danças populares, expressa através do desenho que a sua referência de dança é o Ballet, depreende-se desse fato o quanto essa dança clássica é significativa para ela, e que pode ter origem nas suas experiências de vida até então, dentre outros fatores. Como cita Sarmento (2011, p. 19):

Os desenhos são também a expressão confluente de múltiplos códigos culturais, por vezes mesmo contraditórios, que exprimem na sua plasticidade distintos níveis e âmbitos de socialização das crianças: a socialização familiar, as culturas locais, a cultura nacional, a cultura escolar e as culturas globais aportadas pela mídia e a indústria cultural (Sarmento, 2011, p. 19).

Assim, o momento 1 da proposta pedagógica foi finalizado levando-me a compreender que de fato seria necessário um aprofundamento em relação ao conhecimento das danças populares com as crianças, visto que a maioria delas tinha poucas referências acerca deste tema.

6.2 Momento 2 - Evoé! FrevoÉ! Mas é o quê?

Este segundo momento trouxe como tema principal a História do Frevo, sua origem territorial (estado de Pernambuco), social (pessoas escravizadas, nas ruas) e cultural (Capoeira). Apresentei um de seus elementos estéticos mais conhecidos, a sombrinha, e em relação à dança foram apresentados dois passos: “ponta de pé/calcanhar” e “saci”. Durante o encontro foram feitos registros iconográficos (fotos e vídeos) e o registro no diário de campo. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a roda de conversa e a entrevista de caráter lúdico. Das 17 crianças autorizadas a participar estavam presentes 14, e 3 faltaram. O planejamento desse momento encontra-se ao final deste trabalho (Apêndice D).

Sentados em roda de conversa, iniciei exibindo um breve vídeo sobre a história do Frevo⁴, e as crianças o assistiram muito atentas. Um dos trechos do vídeo cita a questão da escravidão e, a partir disso, expliquei que eram os negros que compunham esse grupo de pessoas escravizadas e que eles vinham dançando à frente das bandas militares que desfilavam nas ruas e que daí surgiram os

⁴ Disponível em: <https://youtu.be/6TqUNfo1gQ8?si=N8B0jcn2OpZuh1S8>

primeiros passos do Frevo. Nesta mesma semana, a escola estava vivenciando com as crianças o Dia da consciência negra e, assim, a professora pedagoga aproveitou o momento e relembrou com as crianças o que estavam vendo em sala, sobre quem teriam sido essas pessoas escravizadas, e que a Capoeira era uma prática corporal muito popular para elas.

Com o objetivo de ampliar as suas referências territoriais, mostrei no mapa do Brasil onde se localizava o estado de Pernambuco, bem como a bandeira desse estado. Uma criança citou que conhecia Pernambuco e que iria pra lá nas férias com a família.

Em seguida, coloquei uma música de Capoeira para que elas pudessem identificar o ritmo e realizassem a ginga como maneira de expressão a seu modo. Antes de colocar a música, não citei do que se tratava, mas ao ouvi-la, perguntei: “Que música é essa?” e algumas crianças prontamente responderam que era a Capoeira, e imediatamente começaram a gingar.

Figura 18 - Momento 2 - Evoé! FrevoÉ! Mas é o quê?



Fonte: arquivo da autora.

Após esse momento, expliquei que iríamos aprender dois passos do Frevo: o “ponta-de-pé/calcanhar” e o “saci”. Demonstrei para elas como fazer, mas antes fizemos a brincadeira de “pique-pega” de um pé só, em que as crianças teriam que se deslocar saltando com um dos pés como o “Saci”. Cada criança recebeu uma

sombrinha do Frevo e em seguida dançamos várias músicas realizando esses dois passos, entre outros que elas “criaram” na hora.

Figura 19 - Momento 2 - Evoé! FrevoÉ! Mas é o quê?



Fonte: arquivo da autora.

Ao final, duas crianças foram entrevistadas na “TV Mamulengo”, a quem chamarei de Criança A e Criança B. Eu representei a “repórter” e as crianças o(a) entrevistado(a) do dia. Vejamos a seguir:

Criança A

(Professora) - Boa tarde pessoal! Hoje estamos aqui com o ***! Quantos anos você tem, ***?

(Criança A) - 6

(Professora) - *** , o que você fez hoje nesta escola?

(Criança A) - Capoeira

(Professora) - Capoeira! e o que mais?

(Criança A) - hummm (pensativo...)

(Professora) - Esqueceu? Você já esqueceu?

(Criança A) - O Frevo!

(Professora) - E o que mais gostou das atividades que fizemos hoje?

(Criança A) - Capoeira!

(Professora) - Você já fez Capoeira?

(Criança A) - Já.

(Professora) - E sobre o Frevo? O que você aprendeu sobre ele?

(Criança A) - Que dança com o pé e o guarda-chuva e eu gostei muito da dança do Frevo.

Figura 20 - Momento 2 - Evoé! FrevoÉ! Mas é o quê? Entrevista na TV Mamulengo



Fonte: arquivo da autora.

Criança B

*Professora) - Boa tarde pessoal! Hoje estamos aqui com a ****! Quantos anos você tem ****?*

(Criança B)- 5

(Professora) – O que você aprendeu hoje nessa escola?

(Criança B) - O Frevo.

(Professora) - O que você achou do Frevo hoje?

(Criança B) - Eu gostei porque dança com o guarda-chuva e eu também gostei muito da música do Frevo.

(Professora) - Você acha que o Frevo é uma dança muito legal de aprender?

(Criança B) - Sim.

(Professora) - O que você achou mais legal de aprender?

(Criança B) - Dançar com o guarda-chuva.

Figura 21 - Momento 2 - Evoé! FrevoÉ! Mas é o quê? Entrevista na TV Mamulengo



Fonte: arquivo da autora.

Analisando os dados obtidos nessa avaliação, percebi que algumas crianças tinham a referência da Capoeira muito forte para elas, talvez pautadas por suas experiências de vida até então, seja dentro ou fora da escola, o que foi muito relevante, sobretudo pela temática deste trabalho, visto que o Frevo possui estreita relação com a Capoeira.

Em relação a um dos elementos estéticos do Frevo, a sombrinha, percebi que para as crianças ela tem um grande significado, com uma presença estética marcante, assemelhando-se a um artefato lúdico muitas vezes com utilidade para brincar e dançar e este realmente era o intuito deste trabalho de pesquisa, que elas pudessem vivenciar o Frevo de uma forma leve e lúdica.

6.3 Momento 3 - Olha que eu conheço essa cara - Elementos estéticos do Frevo - A sombrinha

Este terceiro momento da proposta pedagógica trouxe como tema um dos elementos estéticos do Frevo, que é a sombrinha, e assim fizemos uma oficina de confecção da sombrinha utilizando materiais alternativos. Foram utilizados papel, canudinhos de plástico e fitas coloridas.

Durante o encontro foram feitos registros iconográficos (fotos e vídeos) e o registro no diário de campo. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a roda de conversa e a entrevista de caráter lúdico. Das 17 crianças autorizadas a participar, estavam presentes 15 e 2 faltaram. O planejamento desse momento encontra-se ao final deste trabalho (Apêndice E).

Apesar de eu possuir sombrinhas de Frevo em quantidade suficientes para todas as crianças praticarem, o objetivo desse momento foi, além de reconhecer a sombrinha como um dos elementos estéticos do Frevo, que as crianças também pudessem construir as suas próprias sombrinhas e levá-las para casa como um material concreto e simbólico da vivência. Além do envolvimento em atividades que envolveram a pintura, o recorte e a colagem, que para as crianças é muito prazeroso, o uso de materiais alternativos é importante para mostrar às crianças outras possibilidades diante de uma possível escassez de material.

Como citam Sebastião e Freire (2009, p. 8):

[...] confeccionar material durante as aulas é um recurso para que eles compreendam a necessidade de adaptação do ambiente para a realização da prática motora adequada às suas características e que, em seu percurso escolar, sejam capacitados para criar equipamentos alternativos, respeitando suas possibilidades e potencialidades.

Não obstante, mesmo diante da possibilidade do uso do material alternativo, se faz necessário refletir sobre a importância das crianças e dos professores terem acesso a materiais adequados para a apropriação dos conteúdos da cultura corporal, sendo esse fato fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos, já que possibilita que as crianças experimentem diferentes gestos e movimentos, como o uso do peso, tamanho e forma adequados, essencial para o desenvolvimento motor e da estética. Assim, o uso do material alternativo deve ser uma possibilidade, mas não uma regra diante da realidade das escolas públicas.

Dando início às atividades desse momento, na roda de conversa, expliquei a origem da sombrinha na dança do Frevo, bem como sua função. Em seguida, falei que as cores tradicionais da sombrinha são o vermelho, o azul, o verde e o amarelo, mas que também existem outras formas de personalização, como por exemplo a sombrinha nas cores da bandeira de Pernambuco, e mostrei uma nesse formato, assim como também deixei à mostra no chão a sombrinha com as cores tradicionais para que pudessem visualizar e se inspirar para as suas criações, mas enfatizei que

cada um poderia fazer a sua ao seu modo. Cada criança recebeu um molde de papel com o desenho da sombrinha para colorir, um canudinho de plástico e quatro pedacinhos de fitas coloridas.

Figura 22 - Momento 3 - “Olha que eu conheço essa cara”- Elementos estéticos do Frevo - Oficina de confecção da sombrinha com materiais alternativos



Fonte: arquivo da autora.

Ao final do encontro anterior com as crianças (momento 2), eu havia comentado que no próximo encontro nós falaríamos da sombrinha. E assim, neste encontro, uma aluna trouxe uma sombrinha de Frevo que tinha em casa e mostrou a mim e aos colegas. Em seguida, iniciamos nossa oficina e das 15 crianças presentes, 13 fizeram a pintura da sua sombrinha nas cores tradicionais e 2 a pintaram de outras cores “que achavam mais bonitas”. Expliquei que assim também estava bem.

Quando todos terminaram, dançamos utilizando as sombrinhas feitas por elas. Mesmo muito empolgadas por estarem dançando utilizando as próprias sombrinhas, algumas crianças ainda insistiam para que também fizéssemos a Capoeira. Expliquei que não tínhamos mais tempo, mas que poderíamos fazer no próximo encontro. Cada criança levou a sua sombrinha para casa.

Figura 23 - Momento 3 - “Olha que eu conheço essa cara” - Elementos estéticos do Frevo - A sombrinha -. Oficina de confecção da sombrinha com materiais alternativos



Fonte: arquivo da autora.

Ao final, foi entrevistada na “TV Mamulengo” uma criança (Criança A). Eu representei a “repórter” e a criança a entrevistada do dia. Vejamos a seguir:

Criança A

(Professora) - Boa tarde pessoal! Hoje estamos aqui nesta Escola maravilhosa e temos uma pessoa muito especial que vamos entrevistar hoje que se chama...

*(Criança A)- **** !*

*(Professora) - Quantos anos você tem ****?*

(Criança A) – 6.

(Professora) - O que você fez hoje nessa escola?

(Criança A) – Brinquei.

(Professora) - Brincou?! Brincou de quê?

(Criança A) - De Frevo !

*(Professora) - Então mostra pra gente o que você fez ...
ela pega a sombrinha...*

(professora) - Uma sombrinha! E o que a gente faz com essa sombrinha no Frevo?

(Criança A) – Dançar.

(Professora) - E o que mais?

(Criança A) - Fazer o passo do Frevo.

(Professora) - Você gostou de fazer?

(Criança A) – Sim.

(Professora) - Mostra pro pessoal em casa a sua sombrinha...
 (Professora) - Quer mandar um recado pra alguém?
 (Criança A) - Não.
 (Professora) - Então dá tchau pro pessoal em casa...
 (Criança A) - Tchau!

Figura 24 - Momento 3 - “Olha que eu conheço essa cara” - Elementos estéticos do Frevo - A sombrinha -. Entrevista na TV Mamulengo



Fonte: arquivo da autora.

6.4 Momento 4 - O Frevo não convida, arrasta! Vem!

Este quarto momento da proposta pedagógica trouxe como tema principal o Frevo enquanto dança e possibilidade de expressão, em que as crianças puderam dançar, experimentar a realização de alguns passos (ponta de pé/calcanhar; saci) e também criar os seus próprios movimentos dentro do ritmo do Frevo. Também foi apresentado outro elemento estético do Frevo, a roupa do(a) passista.

Durante o encontro foram feitos registros iconográficos (fotos e vídeos) e o registro no diário de campo. O instrumento de pesquisa utilizado foi a roda de conversa. Das 17 crianças autorizadas a participar, todas estavam presentes. O planejamento desse momento encontra-se ao final deste trabalho (Apêndice F).

Na roda de conversa, expliquei que iríamos dançar à vontade e também iniciar uma experimentação coreográfica para uma apresentação. As crianças ficaram muito animadas. Mas, antes de dançarmos, fiz algumas perguntas às crianças sobre o que já tínhamos vivenciado até então. Abaixo segue um trecho desta conversa:

(Professora) - Então crianças, vamos lá! A tia Natália vai fazer umas perguntinhas para saber se vocês estão “afiados” sobre o Frevo... professora mostra a sombrinha...

(Professora) - Essa é a sombrinha do quê?

(Crianças) - Do Frevo!

(Professora) - Onde foi que começou o Frevo?

(Crianças) - Em Pernambuco!

Na rua!

(Professora) - Quem foram as primeiras pessoas que criaram o Frevo? De onde surgiu?

(Crianças) - Na rua!

- Capoeira!

(Professora) - Isso mesmo, os escravos que praticavam a Capoeira nas ruas... e podia fazer Capoeira na rua?

(Crianças) - Não! A polícia não deixava.

(Uma criança) – Professora, eu vou pra lá nas férias! Pernambuco!

(Professora) Que legal! Me conta depois o que você viu do Frevo por lá.... ok crianças! Então vamos dançar!

Figura 25 - Momento 4 - O Frevo não convida, arrasta! Vem!



Fonte: arquivo da autora.

Para dançar, a música escolhida foi “Bom Demais”, do compositor Alceu Valença. Falei que eu iria mostrar alguns passos para a nossa “coreografia”, mas que eles poderiam dançar da forma que quisessem e/ou conseguissem. Gostaria de ressaltar que essa atitude de mostrar alguns passos do Frevo, mas ao mesmo tempo deixar as crianças livres para criar as suas próprias formas de dançar é importante, por dois motivos. O primeiro deles é que se deve considerar o nível de coordenação motora relativa ao estágio de desenvolvimento em que se encontram as crianças dessa faixa etária (5 a 6 anos), o que implicaria diretamente a execução de passos mais complexos e poderia resultar em frustração e desinteresse. O segundo é que, a princípio, o que poderia dar margem à imitação pura e simples dos passos/coreografia, quando damos a possibilidade de que elas também criem seus próprios passos, estamos possibilitando que possam crescer e evoluir a partir da sua própria experimentação. Como afirma Hernandez (2001, p. 74), essa atitude “[...] deve ser entendida como estopim para transformar, para ir além, para transcender [...]”.

Assim, dançamos duas vezes e voltamos a sentar na roda de conversa para avaliar o nosso “desempenho” na dança. Duas crianças insistiam em pedir para que fizéssemos um pouco de Capoeira. Falei que poderíamos incluir alguns movimentos da Capoeira na nossa “coreografia”, o que foi aceito por elas, e as crianças sugeriram que fosse a “estrelinha” (que na Capoeira é conhecido como “Aú”). E assim dançamos mais uma vez, agora com as sugestões das crianças.

Figura 26 - Momento 4 - O Frevo não convida, arrasta! Vem!



Fonte: arquivo da autora.

6.5 Momento 5 - Frevo em toda parte - A arte de Romero Britto

Este quinto momento da proposta pedagógica trouxe como tema principal a identificação do Frevo como expressão cultural em outros campos da arte, além da dança, como, por exemplo, nas artes plásticas. Assim, como tema gerador foram utilizadas duas obras do artista plástico pernambucano Romero Britto: “Frevo” e “O abraço”.

Figura 27 - Obras de Romero Britto: “Frevo” e “O abraço”



Fonte: internet.

Durante o encontro foram feitos registros iconográficos (fotos e vídeos) e o registro no diário de campo. O instrumento de pesquisa utilizado foi a roda de conversa. Das 17 crianças autorizadas a participar, todas estavam presentes. O planejamento desse momento encontra-se ao final deste trabalho (Apêndice G).

Na roda de conversa, expliquei às crianças que iríamos conhecer um artista plástico pernambucano muito importante chamado Romero Britto e que ele havia feito uma obra de arte muito bonita sobre o Frevo. Primeiramente, mostrei às crianças a imagem da obra “Frevo” e pedi que elas identificassem onde o Frevo aparecia nessa obra, e rapidamente elas apontaram a passista segurando a sombrinha. Questionei se elas conheciam os outros elementos que apareciam na obra e algumas crianças apontaram o “Bumba meu boi”. Algumas disseram que já tinham feito uma atividade sobre o “Bumba meu boi” com a professora pedagoga.

Figura 28 - Momento 5 - Frevo em toda parte - A arte de Romero Britto



Fonte: arquivo da autora.

Expliquei que os outros elementos se tratavam de uma dança popular de origem africana chamada “Maracatu”. Elas também reconheceram a bandeira de Pernambuco. Em seguida, foi exibida a imagem da obra “O abraço” e falei que faríamos a pintura dessa obra em uma folha de papel. O objetivo dessa atividade foi fazer uma releitura da obra a partir dos elementos do Frevo. Desta forma, expliquei que eles poderiam pintar da forma que quisessem e que poderíamos colocar uma sombrinha de Frevo na mão do garotinho da obra. Elas adoraram a ideia. Perguntei às crianças que nome elas gostariam de colocar em nossa obra de arte e sugestões como: “Frevo vou te abraçar!”; “Vem me dar um abraço Frevo”, apareceram. E assim fizemos. Ao final, com as produções das crianças, fizemos um painel. No segundo momento do encontro, dançamos mais uma vez o Frevo “Bom demais”, do compositor Alceu Valença.

Figura 29 - Momento 5 - Frevo em toda parte - A arte de Romero Britto



Fonte: arquivo da autora,

6.6 Momento 6 - Culminância - Apresentação

Segundo a Pedagogia Histórico-Crítica, a catarse é concebida como o momento culminante de um processo educativo revolucionário que tem compromisso com a transformação radical da estrutura da sociedade de classes. A catarse é assim definida por Saviani (2009, p. 64):

[...] o momento da expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu. [...] Trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social.

Assim, a catarse desta proposta pedagógica foi uma apresentação de Frevo para a comunidade escolar no dia da formatura das crianças do 2º período, que estavam se despedindo da escola, e que agora seguirão para o 1º ano do Ensino Fundamental. Este momento foi muito significativo, e as crianças esperavam ansiosas por ele desde que começamos a vivenciar o Frevo. As crianças estavam duplamente felizes, primeiramente porque seria o dia da formatura e também porque queriam mostrar tudo o que aprenderam sobre o Frevo.

A coreografia para a nossa apresentação, ao som da música “Bom demais”, do cantor Alceu Valença, foi construída e ensaiada em conjunto com as próprias

crianças e a professora pedagoga. O planejamento desse momento encontra-se em anexo (Apêndice H).

Esse momento foi importante também no sentido de quebrar algumas barreiras culturais. Um fato ocorrido é que uma das crianças participantes da pesquisa era de família de origem muçulmana e, apesar da família ter autorizado a sua participação, no dia da apresentação ficaram receosos devido à vestimenta do Frevo exibir algumas partes do corpo (como a barriga). Conversei com a família e expliquei que não haveria problema algum em ela usar outra roupa (camiseta e short) por baixo e que não estaria des caracterizada por isso, e assim foi feito. Ao final da apresentação a família veio conversar e agradecer a oportunidade de ter conhecido um pouco mais da cultura brasileira através da dança e que ficaram muito felizes com tudo que foi vivenciado.

Figura 30 - Momento 6 - Culminância – Apresentação



Fonte: arquivo da autora.

Desde o início, uma das minhas preocupações enquanto professora-pesquisadora era de que o momento final da proposta pedagógica não se tornasse, por ser tratar de uma apresentação, uma mera representação sem sentido para as crianças, pois, conforme refletimos no Capítulo 3 deste trabalho, a dança não pode ser trabalhada no espaço escolar apenas com a finalidade de apresentações em datas festivas, descabida de propósitos reflexivos sobre a sua

origem histórica, por exemplo. O objetivo foi de que as crianças se apropriassem do que foi aprendido sobre o Frevo. Saviani (2013, p. 74) defende que:

Pela catarse o processo educativo atinge seu ápice, propiciando aos educandos atingir uma concepção superior, liberta de toda magia e bruxaria. Pela catarse dá-se a passagem do nível puramente econômico ao momento ético-político. Igualmente, pela catarse dá-se a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens, ou seja, ocorre a assimilação subjetiva das condições objetivas, permitindo a passagem da condição de classe-em-si para a condição de classe-para-si. É, enfim, pela catarse que tudo aquilo que era objeto de aprendizagem se incorpora no próprio modo de ser dos homens, operando uma espécie de segunda natureza que transforma qualitativamente sua vida integralmente, isto é, no plano das concepções e no plano da ação.

Nesse sentido, a culminância deste trabalho de pesquisa veio nos mostrar o quanto foi mais significativa para as crianças e suas famílias uma apresentação de Frevo feita com e para elas após todo um processo de ensino/aprendizagem pautado na apropriação, de forma crítica e reflexiva, do Frevo enquanto dança popular.

CONCLUSÕES - AVALIANDO A PROPOSTA PEDAGÓGICA

Este trabalho de pesquisa veio situar uma proposta pedagógica do ensino do Frevo no contexto da Educação Física na Educação Infantil tendo por base teórica a Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 1991) e a Pedagogia Crítico-Superadora (Coletivo de Autores, 1992).

Tendo como eixo norteador a apropriação, pelas crianças, das manifestações culturais historicamente produzidas, tal como o Frevo, considerado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2012, o ponto de partida para este trabalho foram as referências que as crianças têm em relação à dança popular e, a partir disso, refletir como o Frevo, enquanto manifestação da cultura corporal, poderia ser trabalhado pedagogicamente nesse contexto.

Assim, a avaliação da proposta pedagógica foi feita considerando os aspectos pedagógicos, no sentido de apropriação do Frevo por parte das crianças dentro do viés da dança popular, aliados às condições objetivas próprias do território de pesquisa deste trabalho, condições estas que contribuíram ora positivamente, ora como fatores limitantes, em alguns aspectos que serão tratados aqui.

De fato, se faz importante salientar que cada comunidade escolar tem suas próprias características socioculturais, de estrutura física, de organização do trabalho pedagógico, além das características individuais dos professores que compõem o corpo docente que, diante de uma experimentação de uma proposta pedagógica, podem emergir como potencialidades ou se configurarem como limites.

Assim, diante desses fatos, as conclusões obtidas com este trabalho expressam a realidade a partir deste território de pesquisa com todas as suas características e peculiaridades.

No primeiro momento da proposta pedagógica, que teve por objetivo ser uma avaliação diagnóstica dos conhecimentos que as crianças já possuíam sobre a dança popular, ficou evidenciada a pouca diversidade de danças populares que as crianças conheciam. Dentre as danças demonstradas nesse momento, apenas o Forró e o Boi Bumbá foram reconhecidos por elas. Em relação especificamente ao Frevo, nenhuma delas o reconheceu, nem musicalmente nem esteticamente (vestimenta, sombrinha) falando.

Partindo do princípio de que as danças populares brasileiras fazem parte de uma representação, de uma construção sociocultural e histórica da humanidade,

materializadas em seus movimentos, em suas vestimentas e implementos, nas letras de suas músicas e etc., e que expressam a identidade das regiões brasileiras e, consequentemente, da constituição histórica e cultural do Brasil, depreende-se que as crianças não podem ficar alheias a esse conhecimento, ao reconhecimento das suas próprias identidades, às suas origens históricas.

Ao mesmo tempo, evidenciou-se que, ao longo do desenvolvimento da proposta pedagógica, o interesse e a capacidade de apropriação do conhecimento adquirido pelas crianças cresceram de forma espiralada. Em cada momento, a cada novo elemento re(conhecido), as crianças estabeleceram conexões dos movimentos do Frevo com outras manifestações culturais, como a Capoeira, com a sua origem sócio-histórica de pessoas escravizadas, seus movimentos da dança (passo) com o mundo do trabalho, bem como a sua manifestação em outros campos da arte, apropriando-se dessa manifestação dançante da cultura popular com grande entusiasmo.

Na perspectiva interdisciplinar, o trabalho integrado com a professora regente de atividades da turma foi um ponto bastante positivo, contribuindo no planejamento e no desenvolvimento da proposta pedagógica, o que gerou um engajamento maior das crianças no sentido da participação com consequentes resultados positivos na apropriação do conteúdo que estava sendo desenvolvido.

O envolvimento da gestão da escola desde o início do trabalho de pesquisa também foi um fator primordial para o bom desenvolvimento da proposta, no sentido de fornecer os materiais e espaços necessários, a disponibilização da turma e demais apoios de caráter pedagógico e administrativo que surgiram no decorrer da pesquisa.

Como limites desta proposta pedagógica foram identificados fatores religiosos alegados por parte de algumas famílias que não permitiram que algumas crianças participassem da pesquisa, pelo fato de o Frevo se tratar de uma dança popular comumente relacionada ao carnaval e algumas religiões não permitem que seus seguidores participem desse tipo de evento. Desse fato, surge a necessária reflexão: até que ponto as questões religiosas podem afetar o processo educativo das crianças? Sabemos que a escola é um espaço laico, onde devem conviver em harmonia todas as religiões, sem distinção ou preconceitos. Segundo Cosme (2021):

Isso significa que a escola, enquanto instituição pública, tem o dever de ser laica também. Ou seja, a religião não deve interferir na escola

e na construção do conhecimento porque o conhecimento é, historicamente, produzido por todos e todas, não só pelo(a) professor(a). A escola é ambiente para a prática da laicidade e da pluralidade religiosa, de ideias etc. Espaço legítimo de acolhimento e divulgação da diversidade cultural, religiosa, de gênero e social.

Desse modo, tratando-se de um processo educativo, algumas crianças foram privadas de ter acesso a um conhecimento historicamente produzido pela humanidade por questões de fundamentação religiosa, e essas crianças foram as mesmas que também não participaram da festa carnavalesca promovida pela escola no início do ano letivo.

Considerando o objetivo geral deste trabalho e refletindo sobre os dados obtidos, evidenciou-se que se torna urgente e necessário desenvolver a dança enquanto conteúdo sistematizado na Educação Infantil, proporcionando uma maior exploração e valorização dos conhecimentos oriundos do Frevo enquanto dança popular e manifestação cultural, assim como de outras manifestações de danças populares brasileiras.

Por fim, os resultados mostraram uma apropriação de forma espiralada do conhecimento relativo ao Frevo, considerando as falas e expressões das crianças durante o desenvolvimento da proposta pedagógica em comparação com o momento inicial, tornando-se evidente que elas estabeleceram novas relações e um novo olhar para o Frevo, demonstrando apropriação do conhecimento. Além disso, este trabalho demonstrou a importância da escola se consolidar como um espaço de excelência para a apropriação do material cultural produzido historicamente pela humanidade, pois como cita o Currículo em Movimento da Educação Infantil (Distrito Federal, 2018a, p. 23):

A instituição que oferta Educação Infantil é um lugar privilegiado para que as crianças tenham acesso a oportunidades de compartilhar saberes, de reorganizar e recriar suas experiências, de favorecer vivências provocativas, inovar e criar cultura, de ter contato e incorporar os bens culturais produzidos pela humanidade

Assim, salientamos a importância de valorizar a presença da Educação Física na Educação Infantil, o trabalho interdisciplinar que gera excelentes ganhos pedagógicos, bem como trazer o Frevo, e outras danças populares, ao seu lugar de ensino dentro do espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Mara de Fátima dos Santos. **São Sebastião-DF**: do sonho à cidade real. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Martins (org.). **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil?** Em defesa do ato de ensinar. Campinas, SP: Alínea, 2007.

AYOUB, Eliana. Narrando experiências com a educação física na educação infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p.143-158, 2005.

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, n. supl. 4, p. 53-60, 2001. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.2001.139594>

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 69-88, 1999.

BRACHT, Valter; CAPARROZ, Francisco Eduardo; FONTE, Sandra Soares Della; FRADE, José Christófari; PAIVA, Fernanda; PIRES, Roseli. **Pesquisa em ação: educação física na escola**. 2. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 15 maio 2024.

BRASIL. Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 28 dez. 2024.

BRASIL. Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 28 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/ SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

BRASILEIRO, Lívia Tenório. **A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira.** Pro-Posições, v. 21, p. 135-153, 2010.

CARVALHO, Ana; BERALDO, Katharina E. A; PEDROSA, Maria Isabel; COELHO, Maria Teresa. O uso de entrevistas em estudos com crianças. **Psicologia em estudo**, v. 9, p. 291-300, 2004.

CATENACCI, Vivian. Cultura Popular: entre a tradição e a transformação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p.28-35, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSME, Márcia Gilda Moreira. A Laicidade do Estado e da Escola Pública. **Sinpro DF**, 18 jun. 2021. Disponível em:

<https://www.sinprodf.org.br/artigo-estado-laico-e-escola-laica-o-direito-a-inclusao/>. Acesso em: 13 dez. 2024.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Curriculo em Movimento da Educação Básica**: Educação Infantil. Brasília: SEEDF, 2018a.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Curriculo em Movimento**: pressupostos teóricos. Brasília: SEEDF, 2018b.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Guia da VI Plenarinha da Educação Infantil**: Universo do Brincar: A criança do Distrito Federal e o Direito do Brincar. Brasília: SEEDF, 2018c.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Programa Educação com Movimento**. Diretoria de Educação Física e Desporto Escolar. Brasília: SEEDF, 2018d.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Educação com Movimento**: Programa de inserção do professor de Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Brasília: SEEDF, 2020.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Parecer nº 153/2018-CEDF**. Aprova o Projeto Educação com Movimento – PECD, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, na rede pública de ensino do Distrito Federal; e dá outras providências. Brasília, 11 set. 2018. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2023/11/153-2018-CEDF-Projeto-Educação-com-Movimento-SEEDF-Cons.-a-ulvaro.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Portaria nº 270** – SEEDF. Aprova o Projeto Educação com Movimento – PECD, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, na rede pública de ensino do Distrito Federal. Brasília, 14 set. 2018. Disponível em:

<https://www.escavador.com/diarios/713412/DODF/P/2018-09-19?page=8>. Acesso em: 10 dez. 2024.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Portaria nº 94**, de 03/03/2021. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/6f1858ac199f4f8bb15550cc9e3b2384/Portaria_94_03_03_2021.html#:~:text=PORTARIA%20N%C2%BA%2094%2C%20DE%2003,do%20par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico%2C%20do%20art. Acesso em: 10 dez. 2024.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da escola primária e da educação física no Brasil: Alguns apontamentos. In: SOUSA, Eustáquio Salvador de; VAGO, Tarcisio Mauro. (org.). **Trilhas e partilhas**: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Cultura, 1997. p. 43-58.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, 2022.

FERNANDES, Rita de Cassia; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. Possibilidades pedagógicas das danças folclóricas: o gesto ressignificado nas aulas de Educação Física escolar. In: EHRENBERG, Mônica Caldas; FERNANDES, Rita de Cassia; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. **Dança e Educação Física**: diálogos possíveis. Paulista, SP: Fontoura, 2014. p. 67-115.

FERNANDES, Rogério. KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (org.). **A infância e sua educação**: materiais, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FREIRE, Juliana Oliveira; FIGUEIREDO, Pedro Osmar Flores de Noronha; BEHMOIRAS, Daniel Cantanhede. Educação Física nos Anos Iniciais do Distrito Federal: A história em movimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 5., 2013, Brasília. **Anais** [...]. Brasília, 2013. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5616/2458>. Acesso em: 10 dez. 2024.

GAITÁN MUÑOZ, Lourdes. La nueva sociología de la infancia. Aportaciones de una mirada distinta. **Política y Sociedad**, v. 43, n. 1, p. 9–26, 19 jun. 2006. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POS00606130009A>. Acesso em: 10 dez. 2024.

GASPARIN, João Luiz; PETENUCCI, Maria Cristina. Pedagogia histórico crítica: da teoria à prática no contexto escolar. **Dia a dia Educação**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf> Acesso em: 10 dez. 2024.

GEHRES, Adriana de Faria; BRASILEIRO, Lívia Tenorio. Frevo/passo – uma alegria urbana e tensa: como ensinar? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, 2014.

GOMES, Aline Protta Lanna. **A Educação Física e a interdisciplinaridade na infância**: um estudo sobre o Programa Educação com Movimento da Secretaria de

Estado de Educação do Distrito Federal. 2020. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/40710> Acesso em: 14 set. 2023.

HERNANDEZ, Marcia Maria Strazzacappa. Dançando na chuva... e no chão de cimento. In: FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das artes**: construindo caminhos. Campinas, SP: Papirus. 2001. p. 39-78.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Folder do frevo: Expressão artística do carnaval do Recife. **IPHAN**, 5 dez. 2012, 12:06. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/767/frevo-pernambucano-e-patrimonio-da-humanidade>. Acesso em: 10 ago. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Frevo. Brasília, DF: Iphan, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossieiphan14_frevo_web.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

JOST, Ana Carolina; DUTRA, Patrick. O pensamento adorniano em constelação como prática social inicial da teoria histórico-crítica. In: SEMINÁRIO DE FILOSOFIA E SOCIEDADE, 5., 2019. **Anais** [...]. Santa Catarina: UNESC, v. 3, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/filosofia/article/view/5608> Acesso em: 10 ago. 2023.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. Política de formação profissional para a educação infantil: pedagogia e normal superior. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 68, p. 61-79, 1999.

LEITE, J. O. **Ser criança camponesa no Cerrado**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

LEITE, J. O. **Ser criança camponesa no cerrado**. Curitiba: Editora CRV, 2021.

LEMOS, Graciele Pereira; DA COSTA, Jonatas Maia. A Educação Física integrada à Educação Infantil no Distrito Federal: considerações acerca do Programa “Educação com Movimento”. **Revista Didática Sistêmica**, v. 23, n. 1, p. 228-242, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. **Revista da Associação Nacional de Educação-ANDE**, v. 3, p. 11-19, 1983.

MARINHO, Vanessa. O Frevo é negro !. Obpn, 15 set. 2023. Disponível em: <https://abpn.org.br/o-frevo-e-negro/>. Acesso em: 26 dez. 2024.

COSME, Márcia Gilda Moreira. A Laicidade do Estado e da Escola Pública. **Sinpro DF**, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.sinprof.org.br/artigo-estado-laico-e-escola-laica-o-direito-a-inclusao/>. Acesso em: 13 dez. 2024

MARQUES, Isabel. **Ensino da dança hoje**: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely. Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. Universidade Federal da Paraíba. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, p. 95, 2014.

OLIVEIRA, Joana Abreu Pereira de. **Arte e cultura popular**. Brasília: Artec, 2011. p.8-32.

OLIVEIRA, Maria Gabriela Martins de. **Oficinas pedagógicas e Aprendizagem Significativa**: contribuições para a construção dos saberes geográficos nos anos iniciais do ensino fundamental. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, Bahia, 2017.

OLIVEIRA, Valdemar de. **Frevo, capoeira e passo**. Recife: Cepe, 1985.

ORIOLO, Maria Rita. Rodas de conversa: a circularidade dialética e a experiência curumim. *In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (org.). Programa Curumim: memórias, cotidiano e representações*. São Paulo: Edições SESC, 2015. p. 123-151.

PAÇO DO FREVO. Instituto de Desenvolvimento e Gestão. 2023. Disponível em: <https://pacodofrevo.org.br/> . Acesso em: 10 maio 2023.

PEREIRA, Mariana Lolato. **A formação acadêmica do professor de Educação Física**: em questão o conteúdo da Dança. 2007. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

PINTO, Manuel. A Infância como construção social. *In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças*: contextos e identidades. Braga, Portugal: Centro Estudos da Criança/Universidade do Minho, 1997.

RANGEL, Nilda Barbosa Cavalcante. **Dança educação, educação física**: proposta de ensino da dança e o universo da educação física. Jundiaí: Fontoura, 2002.

SAMPAIO, Juarez Oliveira; LIÃO JUNIOR, R. Projeto Núcleos de Educação com Movimento: A experiência do Distrito Federal, uma gestão democrática e popular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, n. 1, p. 245-253, set 1999.

SANTOS, Climério de Oliveira; MENDES, Marcos; RESENDE, Tarcísio. **Frevo**: transformações ao longo do passo. Recife: Cepe Editora, 2019.

SARAIWA, Maria do Carmo Oliveira.. **Dança e Gênero na Escola**: formas de ser e viver mediadas pela educação estética. 2003. Tese (Doutorado em Motricidade Humana na especialidade de dança) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2003.

SARAIWA, Maria do Carmo Oliveira.. **Co-educação física e esportes**: quando a diferença é mito. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Conhecer a infância**: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. (org.). **Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 27-60.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Universidade do Minho, 1997. p. 7-30.

SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a história da educação**: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas-SP: Autores Associados, 2009. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, v. 5).

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção educação contemporânea).

SAYÃO, Deborah Thome. **Educação Física na pré-escola**: da especialização disciplinar à possibilidade de trabalho pedagógico integrado. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

SAYÃO, Deborah Thome. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo de professores em creche. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SCARPATO, M. T. A formação do professor de Educação Física e suas experiências com a Dança. In: MOREIRA, Evando Carlos (org.). **Educação Física escolar**: desafios e propostas. Jundiaí, SP: Fontoura, 2004.

SEBASTIÃO, Luciane Lima; FREIRE, Elisabete dos Santos. A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 3, 30 nov. 2009.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. **Projeto Político Pedagógico do Centro de Educação Infantil *** de São Sebastião**. Brasília, DF: SEEDF, 2023.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Regina Broco; LIMA, Norma Silvia Trindade de; FERNANDES, Renata Sieiro. A roda da conversa na educação infantil: instrumento de silenciamento ou amplificação da voz da criança? **Revista Eletrônica de Educação**, v. 11, n. 3, p. 1001-1019, 2017.

- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- TEIXEIRA, Anísio. Plano de Construções Escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 35, p. 195-199, jan./mar. 1961.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011
- WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001
- WIGGERS, Ingrid Dittrich. Educação física escolar em Brasília, na década de 1960. **Movimento**, v. 17, n. 1, p. 137–157, 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.16115. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/16115>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- ZAIDAN, Samira; FERREIRA, Maria Cristina Costa; KAWASAKI, Terezinha Fumi. A pesquisa da própria prática no mestrado profissional. **Plurais-Revista Multidisciplinar**, v. 3, n. 1, p. 88-103, 2018.

APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA (PROEF/UnB)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Durante a construção e desenvolvimento do projeto de pesquisa “**Cultura corporal e Educação Física Escolar: políticas, formação e práticas pedagógicas no Distrito Federal**”, coordenada pelo Professor Doutor Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo, cujo objetivo é identificar, refletir e compreender os elementos particulares e universais, em termos de formações, políticas, e práticas pedagógicas e educativas que marcam a origem e o desenvolvimento da Educação Física na Rede de Ensino do Distrito Federal, nos deparamos com diferentes especificidades em cada etapa de ensino, não foi diferente com a Educação Infantil. Para essa etapa, e considerando as crianças de 4 e 5 anos, elaboramos a seguinte investigação-intervenção: “**Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar, no passo do frevo a criança vai brincar**”

Nesta frente, desenvolvemos a seguinte metodologia para o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE): Será formada uma roda de conversa com as crianças a professora-pesquisadora responsável irá perguntar se as crianças sabem o que elas fazem ali? Em seguida, a professora irá explicar a temática e o objetivo da pesquisa. A pesquisa consistirá em realizar atividades relacionadas ao brincar e/ou dançar. Será feita a seguinte pergunta, na qual a criança, terá que, por livre vontade, expressar seu assentimento em participar: Vocês aceitam ser fotografados, filmados e também participar de algumas atividades que envolvem danças e brincadeiras? Se as crianças assim quiserem, deverão pegar uma tampinha de tinta que estará disposta no chão da sala a sua disposição. Em seguida, serão orientadas a pintarem os dedos com tintas coloridas e “assinar” o termo, além de pintar o quadradinho branco correspondente ao “Eu aceito”, ou então o “Eu não aceito”.

A professora deixará claro, que se em algum momento, a criança se sentir desconfortável e não quiser mais participar, ela pode ir para a outra sala, onde a professora referência da turma poderá acolhê-la. Os assentimentos das crianças serão registradas por meio de vídeo e também no diário de campo da

professora-pesquisadora. Após esse momento será realizada a primeira intervenção-oficina lúdica, com o objetivo diagnóstico.

As crianças receberão todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais vídeos, imagens e diário de campo, ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa. Os/as participantes serão sempre consultados previamente e terão liberdade em participar ou não. Não haverá desconforto ou qualquer risco à integridade física ou moral dos mesmos. A construção de dados será realizada por meio qualitativo e utilizará como instrumentos: observação participante; registro audiovisuais e de imagens, intervenção pedagógica através de oficinas pedagógicas do brincar. É para estes procedimentos que a criança está sendo convidada a participar. Espera-se com esta pesquisa contribuir com a Comunidade Escolar e com a qualificação da Educação Física Escolar voltada para as etapas e modalidades da educação básica.

Caso tenha alguma dúvida em relação à pesquisa, poderá contatar os pesquisadores:

Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo (61) 999798779

tatu.pedro@gmail.com

Natália Acioly (61) 982178509

natalia.acioly@gmail.com

Garantimos que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de apresentação aos/as interessados/as, como as próprias crianças, famílias e educadores da escola, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica (eventos, revistas, livros).

Este projeto foi revisado e aprovado pelo **Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS)** da Universidade de Brasília, com o CAAE: 76832023.4.0000.5540. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do/a participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS cep_chs@unb.br. Telefone: CEP/CHS: 3107-1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a gestão da escola e outra ficará com os pesquisadores.

Campus Universitário Darcy Ribeiro - Brasília - DF Telefone (61)
3107-6243 / 6244 email: fefpg@unb.br

Termo de Assentimento

**PESQUISA: UM PASSO À FRENTE E VOCÊ
NÃO ESTÁ MAIS NO MESMO LUGAR, NO
PASSO DO FREVO A CRIANÇA VAI BRINCAR**

Nome: _____ **Responsável:** _____

Você aceita participar?

Eu aceito
 Eu Não aceito



APÊNDICE B - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Local: Desenvolvimento das atividades de Educação Física e da proposta pedagógica no território de pesquisa

- a) Como se dá a participação das crianças no contexto da Educação Física e no decorrer da proposta pedagógica: interações criança-criança; criança-professor?
- b) Autonomia, criticidade e capacidade de expressão das crianças na realização das atividades propostas?
- c) Falas e expressões significativas?

APÊNDICE C - PLANEJAMENTO - MOMENTO 1 - “ENQUANTO ISSO NA SALA DE JUSTIÇA” -
CONHECENDO OS INTEGRANTES DO BLOCO

Planejamento – Momento 1 - Avaliação Diagnóstica (AD)

Turma: 2º período da Educação Infantil

Objetivos:

- Identificar quais as referências que as crianças possuem em relação à dança popular;
- Identificar quais conhecimentos elas já possuem sobre o Frevo nos aspectos regionais, musicais e estéticos;
- Refletir e planejar sobre uma proposta pedagógica para o ensino do Frevo no contexto da Educação Física.

Metodologia:

- Na roda de conversa, após a apresentação da professora, as crianças serão questionadas sobre onde elas nasceram, se sabem onde seus pais nasceram, e em seguida será apresentada uma imagem do mapa do Brasil, onde elas poderão reconhecer e indicar onde fica o Distrito Federal e outros estados que porventura conheçam;

- Com o objetivo de saber se elas conseguem relacionar alguma dança popular com algum estado e/ou região brasileira, com o auxílio do mapa, perguntarei se conhecem alguma dança típica de alguns estados do Brasil;
- Serão exibidos vídeos de algumas danças populares brasileiras, dentre elas o Frevo, e as crianças serão questionadas se reconhecem alguma delas;
- Todos de pé, com o auxílio do som, serão tocadas músicas de diferentes danças populares para que舞dancem livremente, e ao final de cada uma perguntarei se sabem o nome daquelas danças;
- Em seguida será exibido um dos elementos estéticos do Frevo, a sombrinha, e as crianças serão questionadas se reconhecem aquele objeto;
- Exibição de um vídeo sobre o Frevo para que as crianças assistam e (re)conheçam seus elementos;
- Avaliação e encerramento do momento com a pintura de imagens de algumas danças populares brasileiras e a confecção de um desenho feito livremente pelas crianças sobre a dança que mais gostaram, bem como a gravação de algumas entrevistas explicando o porquê de terem feito tal desenho.

Instrumentos de avaliação: Roda de conversa, desenho, vídeos/entrevistas.

Materiais: Aparelho de som, TV, *notebook*, celular, lápis, papel, lápis de cor.

APÊNDICE D - PLANEJAMENTO - MOMENTO 2 - EVOÉ! FREVOÉ! MAS É O QUÊ?**Planejamento - Momento 2 – Evoé ! FrevoÉ ! Mas é o quê?**

Turma: 2º período da Educação Infantil

Objetivos:

Possibilitar que as crianças:

- (Re)conheçam a origem do Frevo: identificação da regionalidade (Recife, estado de Pernambuco, Região Nordeste) e a sua origem social;
- (Re)conheçam a origem social e a dança/passo do Frevo com a Capoeira;
- Identifiquem e reconheçam os seus elementos estéticos (vestimenta do passista, sombrinha);
- Conheçam dois passos do frevo: ponta do pé/calcanhar e Saci Pererê;
- Explorem as suas possibilidades e expressividades corporais ao som do Frevo.

Metodologia:

- Exibição de vídeo sobre a origem e as características do Frevo;
- Exibição da sombrinha de Frevo, da vestimenta do(a) passista e da bandeira do estado de Pernambuco.

Atividade 1 – Capoeira – ao som de uma música de capoeira as crianças irão expressar livremente todas as suas possibilidades e expressividades corporais, com o seu próprio “gingado”.

Atividade 2 - Brincadeira “Pique-Pega” – as crianças brincam de pique-pega mas se deslocando com um pé só (como o Saci Pererê).

Atividade 3 – Ao som do Frevo, as crianças poderão expressar livremente todas as suas possibilidades e expressividades corporais.

Instrumentos de avaliação: Registro no diário de campo, entrevistas no cenário lúdico Tv Mamulengo e registros iconográficos (fotos/vídeos).

Materiais: Aparelho de som, *notebook*, celular, sombrinha de frevo, roupa do passista e Tv Mamulengo.

**APÊNDICE E - PLANEJAMENTO - MOMENTO 3 - “OLHA QUE EU CONHEÇO ESSA CARA” -
ELEMENTOS ESTÉTICOS DO FREVO - A SOMBRINHA**

Planejamento - Momento 3 – “Olha que eu conheço essa cara” - elementos estéticos do Frevo – a sombrinha

Turma: 2º período da Educação Infantil

Objetivos:

Possibilitar que as crianças:

- Identifiquem e reconheçam um dos elementos estéticos do Frevo: a sombrinha;
- Conheçam dois passos do frevo: ferrolho e tesoura;
- Explorem as suas possibilidades e expressividades corporais através do Frevo.

Metodologia:

Atividade 1 - Construção da sombrinha de frevo com materiais alternativos.

Atividade 2 - Ao som do Frevo, as crianças poderão expressar livremente todas as suas possibilidades e expressividades corporais.

Instrumentos de avaliação: Registro no diário de campo, fotos/vídeos e entrevistas no cenário lúdico Tv Mamulengo.

Materiais: Aparelho de som, *notebook*, celular, Tv Mamulengo, cola, canudos, lápis de cor, recorte em folha da sombrinha, fitas coloridas.

APÊNDICE F - PLANEJAMENTO - MOMENTO 4 - O FREVO NÃO CONVIDA, ARRASTA! VEM!**Planejamento - Momento 4 – O Frevo não convida, arrasta! Vem!**

Turma: 2º período da Educação Infantil

Objetivos:

Possibilitar que as crianças:

- Identifiquem, reconheçam e possam explorar as suas possibilidades e expressividades corporais através do ritmo do Frevo colaborando para a construção de uma composição coreográfica.

Metodologia:

Atividade 1 - Roda de conversa para retomada dos conhecimentos que foram apropriados pelas crianças até esse momento.

Atividade 2 - Composição coreográfica coletiva com a música “Bom demais”, do compositor Alceu Valença.

Instrumentos de avaliação: Roda de conversa, registros iconográficos (fotos/vídeos) com registro no diário de campo.

Materiais: Aparelho de som, *notebook*, celular.

APÊNDICE G - PLANEJAMENTO - MOMENTO 5 - FREVO EM TODA PARTE - A ARTE DE ROMERO BRITTO

Planejamento - Momento 5 – Frevo em toda parte - A arte de Romero Britto

Turma: 2º período da Educação Infantil

Objetivos:

Possibilitar que as crianças identifiquem o Frevo como expressão cultural em outros campos da arte, além da dança, como, por exemplo, nas artes plásticas.

Metodologia:

Como tema gerador foram utilizadas duas obras do artista plástico pernambucano Romero Britto: “Frevo” e “O abraço”.

Atividade 1 - Releitura da obra “O abraço” a partir da pintura do desenho da obra e “customização” com uma sombrinha do Frevo.

Atividade 2 - Confecção de um painel com a produção das crianças.

Instrumentos de avaliação: Roda de conversa, registros iconográficos (fotos/vídeos) com registro no diário de campo.

Materiais: *Notebook*, celular, desenho para pintura da obra “O abraço”, lápis de cor, tesoura, imagem da sombrinha do Frevo.

APÊNDICE H - PLANEJAMENTO - MOMENTO 6

Planejamento - Momento 6 – Culminância – Apresentação
Turma: 2º período da Educação Infantil
Objetivos:
Possibilitar que as crianças possam expressar o que aprenderam sobre o Frevo como dança e expressão cultural através de uma apresentação construída de forma coletiva.
Metodologia:
<ul style="list-style-type: none">- Definir de forma coletiva com as crianças a escolha da música;- Solicitar que cada uma contribua demonstrando de forma voluntária um passo do Frevo que aprendeu para compor a coreografia da apresentação.
Instrumentos de avaliação: Roda de conversa, registros iconográficos (fotos/vídeos) com registro no diário de campo.
Materiais: aparelho de som, celular, sombrinha do Frevo, roupa do(a) passista.

APÊNDICE I - RECURSO EDUCACIONAL**Unidade Didática - Frevo - Educação Física e Educação Infantil**

https://www.canva.com/design/DAGNBNVe8Jo/g82VgzH2tsBZkBVigfdC4g/watch?utm_content=DAGNBNVe8Jo&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=uniquelinks&utllid=h39a3fb1399



ANEXO A - APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Cultura Corporal e Educação Física Escolar: políticas, formação e práticas pedagógicas no Distrito Federal

Pesquisador: Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 76832023.4.0000.5540

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física - UnB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.108.704

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 28 de Setembro de 2024

Assinado por:
André Ribeiro da Silva
(Coordenador(a))

Unidade Didática

Projeto

Educação Física

Educação Infantil

Elaboração:
Natália Acioly de Siqueira

Orientação:
Pedro Osmar Flores de
Noronha Figueiredo

2024

Freevo

É Patrimônio Cultural
Imaterial da Humanidade.

você sabia?

SIM

NÃO

REALIZAÇÃO

Universidade de Brasília- UnB
Faculdade de Educação Física- FEF/UnB
Programa de Pós- Graduação Mestrado
Profissional em Educação Física em Rede
Nacional - PROEF

ELABORAÇÃO

Professora Natália Acioly de Siqueira

ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO GERAL

Professor Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo

Ano

2024



UnB | FEF

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

SÍNTESES
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



NATÁLIA ACIOLY DE SIQUEIRA

É mestrandona em Educação Física pelo PROEUF- UnB, licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2007). Possui especialização em Educação Física Escolar pela Universidade Gama Filho e em Gestão da Educação e Temas Contemporâneos pela Universidade Federal do Tocantins. Professora efetiva da carreira Magistério Público da Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEE/DF.



PEDRO OSMAR FLORES DE NORONHA FIGUEIREDO (TATU)

É doutor em Política Social pela UnB (2017), licenciado (2003) e mestre (2009) em Educação Física pela UnB. Possui especialização em Educação para a Diversidade e Cidadania pela Universidade Federal de Goiás e em Gestão da Educação e Temas Contemporâneos pela Universidade Federal de Tocantins. Professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás e professor efetivo da carreira Magistério Público da Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEE/DF.



Sumário

Prefácio

Introdução 7

Abre Alas 9

Momento 1 - Avaliação Diagnóstica 10

Momento 2 - Origem e características do Frevo .. 13

Momento 3 - Elementos estéticos do Frevo - A sombrinha 16

Momento 4 - Dança e expressividade 18

Momento 5 - Frevo em toda parte 20

Momento 6 - Apresentação 22

Considerações Finais 24

Oxente! Quer conhecer mais um pouquinho?..... 25

Referências 26

Prefácio

O Frevo, surgido no final do século XIX, em Recife-PE, em um momento de transição e efervescência social no Brasil relacionada ao fim da escravidão, é uma expressão cultural das classes populares e em 2012 foi considerado patrimônio cultural imaterial da humanidade pela UNESCO.

Assim, esta Unidade Didática teve origem a partir do meu trabalho de pesquisa do curso de Mestrado Profissional de Educação Física - PROEF, que teve por objetivo desenvolver e avaliar uma proposta pedagógica para o ensino do Frevo no contexto da Educação Física na Educação Infantil e assim compreender como o Frevo, enquanto dança popular e patrimônio cultural imaterial da humanidade, pode ser trabalhado pedagogicamente nesta etapa da educação básica, fornecendo subsídios para que os professores de educação física possam desenvolver este tema em sua prática pedagógica fazendo as necessárias adaptações à sua realidade.

Desejo que façam bom proveito deste material.

Natália Acioly de Siqueira



Introdução

A Educação Física, enquanto área de conhecimento, passou por períodos históricos de transformações e conflitos epistemológicos e metodológicos. Em síntese, partimos do pressuposto que ela engloba todos os elementos pertencentes à cultura corporal e segundo o Coletivo de Autores (1992), é função da Educação Física tematizar, sistematizar e pedagogizar esses conhecimentos oriundos da cultura corporal no âmbito da educação escolar.

Nessa perspectiva, considerando que a Educação Física faz parte do currículo escolar, o Frevo pode ser tematizado no contexto da Educação Física enquanto dança e manifestação da cultura popular, neste caso pertencente ao grupo das danças populares brasileiras, que possui um vasto e rico repertório.

Como possibilidade de ampliação desse repertório, é salutar que as crianças conheçam, reconheçam e vivenciem o Frevo em todos esses aspectos. Que elas reconheçam e saibam executar um determinado passo, ao seu modo, de acordo com o seu nível de desenvolvimento, mas que também saibam as origens históricas dessa dança popular num processo de reconhecimento de suas identidades e características.

Assim, o Coletivo de Autores (1992, pág. 59) cita que “Faz-se necessário o resgate da cultura brasileira no mundo da dança através da tematização das origens culturais, sejam do índio [sic], do branco ou do negro, como forma de despertar a identidade social do aluno no projeto de construção da cidadania”.

Da mesma forma, é fundamental lembrar que as crianças trazem consigo uma bagagem cultural, histórias e memórias conectadas às suas origens, desenvolvem um senso crítico ao seu modo e possuem uma visão de mundo que, por muitas vezes, tem a família e/ou a comunidade onde vivem como sua primeira referência desses elementos.

Considerando a rica diversidade cultural do nosso país e as possibilidades de atuação do professor de Educação Física que tem como instrumento as diversas manifestações da cultura corporal, temos aí um grande potencial de ampliação do universo cultural das crianças proporcionando-lhes um olhar de forma crítica e reflexiva acerca das manifestações culturais através, por exemplo, da dança, e mais precisamente as danças populares, como o Frevo.

Acredito ser necessário proporcionar às crianças desde cedo experiências nas mais variadas manifestações da cultura corporal, considerando-as sujeitos que são e que lhes é ter acesso aos conhecimentos singulares e complexos, produzidos e sistematizados pela humanidade.

Esta unidade didática conta com 6 momentos para o ensino do Frevo tendo como base teórica a Pedagogia Crítico Superadora. E, por ser pensada para a Educação Infantil, dois elementos fundamentais se farão presentes aqui: a interdisciplinaridade e o brincar.



Abre alas



Na atualidade, um dos grandes desafios do ensino do Frevo é justamente conseguir contemplar, no processo ensino aprendizagem, todos os seus aspectos: enquanto **dança, movimento cultural, artístico, social e político**. Como explica Gehres e Brasileiro (2014, p. 6):

“Assim, ensinar o frevo é considerar seus aspectos contextuais (sua origem urbana na luta da capoeira, a estética, a estrutura e a funcionalidade de seus golpes e passos, sua apreciação como espetáculo, suas vivências e apropriações atuais); coreológicos (cortar e socar, dentre outros) e processuais (dança individual de improvisação apesar da existência de um repertório), no contexto da aceitação/insubordinação, permanência/provisoriedade, transgressão/perpetuação vivida, percebida e imaginada pelas crianças e jovens dos nossos tempos”.

Desta forma, ao utilizar essa Unidade Didática é importante que o(a) professor(a) conceba o ensino do Frevo considerando todos esse pilares visando a formação humana das crianças.



Momento 1 - Avaliação

Diagnóstica



Contextualização

Considerando os preceitos teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica e da Pedagogia Crítico-Superadora, durante o processo ensino-aprendizagem, se faz importante considerar os conhecimentos advindos dos estudantes, sobretudo das crianças, bem como suas características sócio históricas e culturais.

Assim, a avaliação diagnóstica é uma ferramenta importante quando se pensa numa aprendizagem significativa que vise a transformação social.



Objetivos

- Identificar, de forma geral, quais as referências que as crianças possuem em relação a dança popular;
- Identificar quais conhecimentos elas possuem especificamente sobre o Frevo em seus aspectos regionais, musicais e estéticos.



Metodologia

- Na roda de conversa, após a apresentação da professora, as crianças poderão questionadas sobre onde elas nasceram? Onde seus pais nasceram? Em seguida será apresentado uma imagem do mapa do Brasil, onde elas poderão reconhecer e indicar onde fica o estado que residem e outros estados que porventura conheçam;
- Com o objetivo de saber se elas conseguem relacionar alguma dança popular com algum estado e/ou região brasileira, com o auxílio do mapa poderá ser questionado se conhecem alguma dança típica de alguns estados do Brasil;
- Exibição de vídeos de algumas danças populares brasileiras, dentre elas o Frevo, onde as crianças serão questionadas se reconhecem alguma delas;
- Todos de pé, com o auxílio do som, serão tocadas várias músicas de diferentes danças populares para que dancem livremente, ao final de cada uma poderá ser perguntado se sabem o nome daquela dança;
- Em seguida poderá ser exibido um dos elementos estéticos do Frevo, a sombrinha, onde as crianças poderão ser questionadas se reconhecem aquele objeto;
- Exibição de um vídeo sobre o Frevo para que as crianças assistam e (re)conheçam seus elementos;
- Avaliação e encerramento com a pintura de imagens de algumas danças populares brasileiras e a realização de um desenho feito livremente pelas crianças sobre a dança popular que mais gostaram de conhecer.



Instrumentos de avaliação

Roda de conversa, desenho



Materiais

Aparelho de som, TV, notebook, celular, lápis, papel, lápis de cor

Ampliando o Conhecimento

Danças Populares Brasileiras

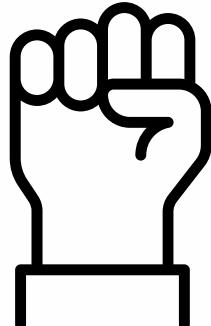


Momento 2 - Origem e Características do Frevo



Contextualização

A FESTA PRA
A DIVERTIR
A LUTA PRA
RESISTIR



Inicialmente menos frenético, tanto musical quanto coreograficamente, o frevo toma corpo a partir de gêneros musicais, executados pelas bandas marciais e fanfarras, e da presença dos capoeiras, grupos de homens, negros ou mestiços, que, à frente das bandas, se enfrentam na defesa de interesses diversos, inclusive, de partidos políticos



Objetivos

DOSSIÊ IPHAN - FREVO

Possibilitar que as crianças:

- (re)conheçam a origem do Frevo: identificação da regionalidade (Recife, estado de Pernambuco, região Nordeste) e a sua origem social;
- (re)conheçam a origem social e a dança/passo do Frevo com a Capoeira;
- Identifiquem e reconheçam os seus elementos estéticos (vestimenta do passista, sombrinha);
- Conheçam alguns passos do Frevo;
- Explorem as suas possibilidades e expressividades corporais ao som do Frevo.



Metodologia

- Atividade 1 – Capoeira – ao som de uma música de capoeira as crianças irão expressar livremente todas as suas possibilidades e expressividades corporais com o seu próprio “gingado”;
- Atividade 2 - Brincadeira “Pique-Pega” – as crianças brincam de pique-pega mas se deslocando com 1 pé só (como o saci-pererê);
- Atividade 3 – ao som do Frevo, as crianças poderão expressar livremente todas as suas possibilidades e expressividades corporais.



Instrumentos de avaliação

Entrevistas e registros iconográficos
(fotos/vídeos)



Materiais

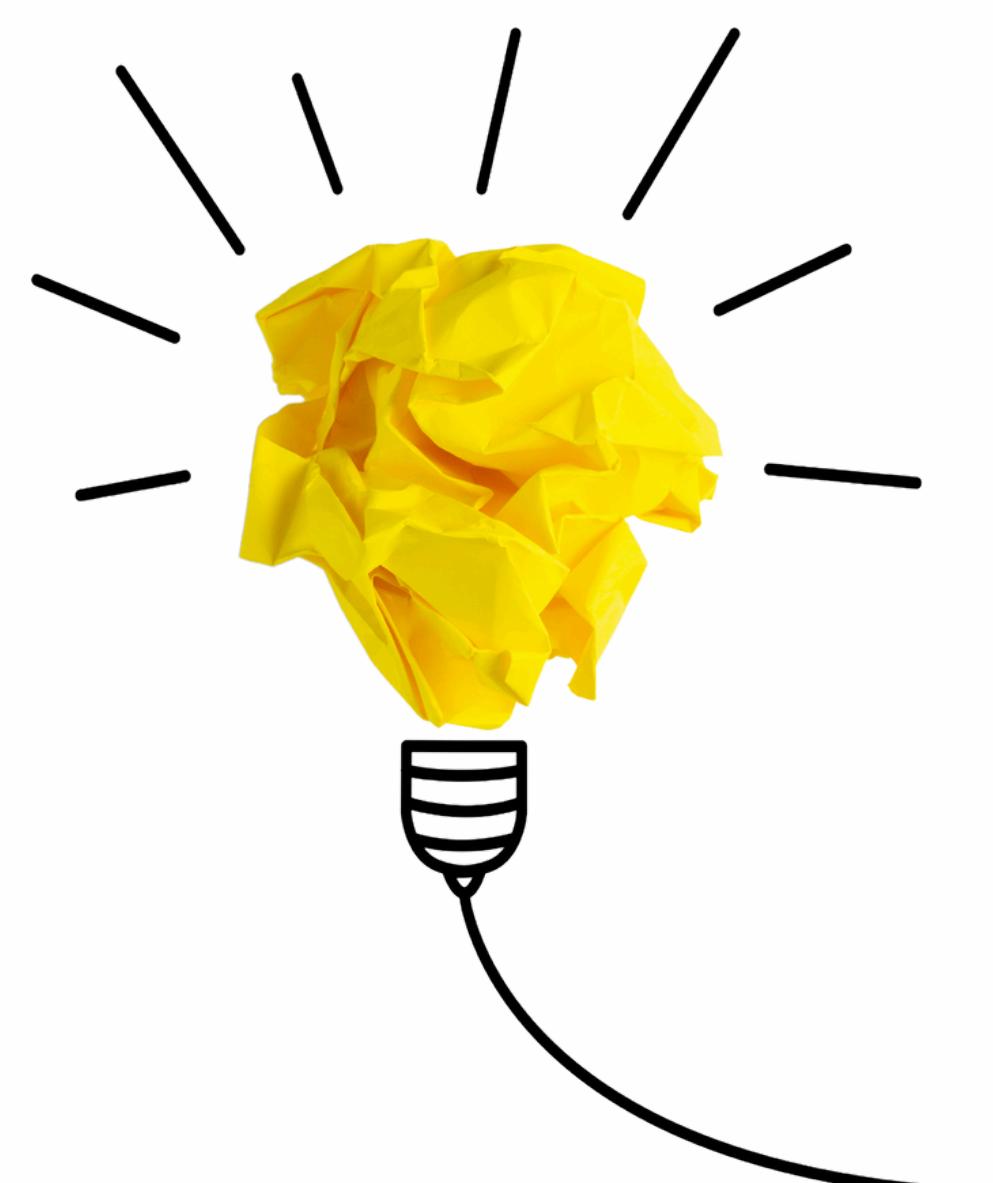
Aparelho de som, notebook, celular,
sombrinha de frevo, roupa de passista

Ampliando o Conhecimento

O Frevo em 12 passos



Tour Virtual - Museu do Paço do Frevo



Momento 3- Elementos estéticos do Frevo - A sombrinha



Contextualização

No processo de "escolarização" e "espetacularização" do frevo, percebe-se o consolidar de um padrão de vestimenta, de cores, tecidos e brilhos, assim como do uso da sombrinha pequena e colorida, maior símbolo do frevo, hoje. O que aqui se denomina de processo de "espetacularização" do frevo é o procedimento de transformação de uma manifestação popular mais improvisada em um produto cultural para apreciação estética em palcos ou em outras linguagens artísticas.

Dossiê Iphan - Frevo



Olha
ela!



Objetivos

Possibilitar que as crianças:

- Identifiquem e reconheçam um dos elementos estéticos do Frevo: a sombrinha;
- Conheçam dois passos do Frevo: ferrolho e tesoura;
- Explorem as suas possibilidades e expressividades corporais através do Frevo.



Objetivos

Atividade 1 - construção da sombrinha de Frevo com materiais alternativos;

Atividade 2 - ao som do Frevo, as crianças poderão expressar livremente todas as suas possibilidades e expressividades corporais.



Instrumentos de avaliação

Entrevistas e registros iconográficos
(fotos/vídeos)



Materiais

Aparelho de som, notebook, celular,
sombrinha de frevo, roupa de passista

Ampliando o Conhecimento

Confecção de sombrinha de Frevo com material alternativo:



Momento 4- Dança e expressividade



Contextualização

É hora de frevo
Capiba

Quem quiser me ver
Me procure aqui mesmo
Quando chega o carnaval } bis
Seja noite ou dia
Aqui tudo é alegria
E alegria não faz mal

É aqui que eu danço
Aqui é que eu canto
Aqui é que eu faço
Com desembaraço
Misérias no passo!

Na quarta-feira,
quando tudo terminar!
Eu espero mais um ano,
até o frevo voltar!



Objetivos

Possibilitar que as crianças:

- Identifiquem, reconheçam e possam explorar as suas possibilidades e expressividades corporais através do ritmo do Frevo colaborando para a construção coletiva de uma composição coreográfica.



Metodologia

Atividade 1 - roda de conversa para retomada dos conhecimentos que foram apropriados pelas crianças até este momento;

Atividade 2 - construção coletiva de uma composição coreográfica com uma música de Frevo.



Instrumentos de avaliação

Roda de conversa e
registros iconográficos (fotos/vídeos)

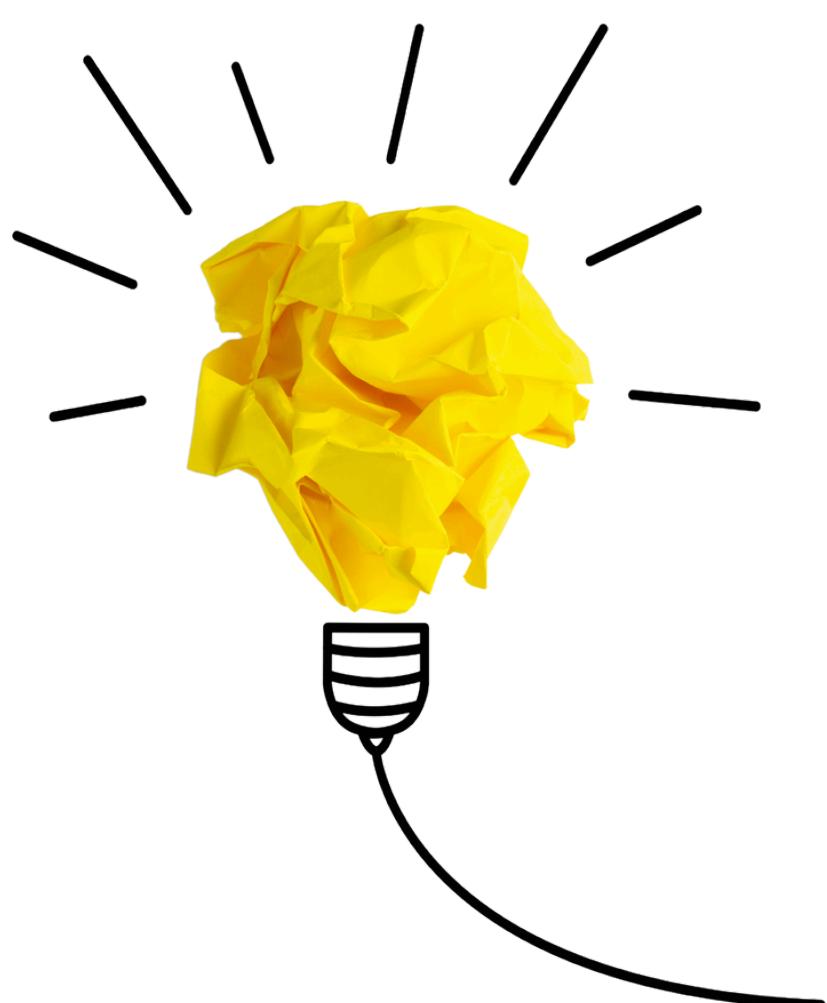


Materiais

Aparelho de som, notebook, celular

Ampliando o Conhecimento

Apresentação de Frevo do Studio Viégas de Dança



Momento 5- Frevo em toda parte



Contextualização

visse

No processo de vivência e apropriação do Frevo enquanto manifestação cultural, é importante que o professor se utilize de outras linguagens artísticas em que o mesmo se manifeste, como forma de ampliação do conhecimento e (re)conhecimento das suas identidades, contribuindo para a formação humana das crianças.



Objetivos

Possibilitar que as crianças identifiquem o Frevo como expressão cultural em outros campos da Arte, além da dança, como, por exemplo, nas artes plásticas.



Metodologia

Como tema gerador poderão ser utilizadas duas obras do artista plástico pernambucano Romero Britto: “Frevo” e “O abraço”.

Atividade 1 - releitura da obra “O abraço” a partir da pintura do desenho da obra e “customização” com uma sombrinha do Frevo.

Atividade 2 - Confecção de um painel com a produção das crianças.



Instrumentos de avaliação

Roda de conversa,
registros iconográficos (fotos/vídeos)



Materiais

Notebook, celular, desenho para pintura
da obra “O abraço”, lápis de cor, tesoura,
imagem da sombrinha do Frevo

Ampliando o Conhecimento

Capiba 80 anos Frevo & Arte Romero Britto



Momento 6 - Apresentação



Contextualização

Uma apresentação de Frevo feita com e para as crianças após todo um processo de ensino aprendizagem construído de forma coletiva e pautado na apropriação de forma crítica e reflexiva do Frevo enquanto dança popular e manifestação cultural é um dos momentos mais significativos desse processo.



Objetivos

Possibilitar que as crianças possam expressar o que aprenderam sobre o Frevo através de uma apresentação construída de forma coletiva.



Metodologia

- Definir de forma coletiva com as crianças a escolha da música;
- Solicitar que cada uma contribua demonstrando de forma voluntária um passo do Frevo que aprenderam para compor a coreografia da apresentação.



Instrumentos de avaliação



Roda de conversa, registros iconográficos (fotos/vídeos)



Materiais

Aparelho de som, celular, sombrinha do Frevo, roupa do(a) passista

Ampliando o Conhecimento

Apresentação de Frevo - Educação Infantil





Considerações Finais

Partindo do princípio de que as danças populares brasileiras fazem parte de uma representação, de uma construção sociocultural e histórica da humanidade, materializadas em seus movimentos, em suas vestimentas e implementos, nas letras de suas músicas e etc., e que expressam a identidade das regiões brasileiras e, consequentemente, da constituição histórica e cultural do Brasil, depreende-se que as crianças não podem ficar alheias a esse conhecimento, ao reconhecimento das suas próprias identidades, às suas origens históricas.

Assim, salientamos a importância de se valorizar a presença da Educação Física na Educação Infantil, o trabalho interdisciplinar que gera excelentes ganhos pedagógicos, bem como trazer o Frevo, e outras danças populares, ao seu lugar de ensino dentro do espaço escolar.



Oxente !

Quer conhecer mais um pouquinho?

Documentário - Frevo: esse som é massa



Vanessa Marinho: Frevo e Negritude



Referências

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992

GEHRES, Adriana de Faria; BRASILEIRO, Lívia Tenório. Frevo/passo – uma alegria urbana e tensa: como ensinar ?. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 4, 2014.

IPHAN (2016) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Frevo / coordenação, Yêda Barbosa. – Brasília, DF : Iphan, 2016. 92 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossieiph_an14_frevo_web.pdf. Acesso em: 10 Ago. 2023.